Diário de Lisboa

ANO 61.º N.º 20 571
Junho 1981
Sábado
15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Eanes outra vez na mira da AD

- *Insultado no Congresso das Comunidades onde Vítor Alves esteve quase a ser agredido*
- *Obrigado a desmentir qualquer envolvimento no conflito com os maquinistas da CP*
- *Levado a admitir que não é oportuno divulgar o relatório sobre Timor*
- *O Presidente também inaugurou ontem a Feira da Agricultura*

Págs. 5, 11 e 13

Afinal sempre há interdição

Praias da maré negra fechadas até segunda feira

A zona da Costa da Caparica – entre a Praia do Rei e a Lagoa de Albufeira – onde neste momento continua a operação de limpeza da «maré negra», vai estar interdita aos banhistas pelo menos até à próxima segunda-feira, inclusive. A decisão, segundo afirmou esta manhã ao «DL» o comandante Nelson, coordenador da operação, foi tomada «por uma questão de segurança», devido ao movimento no local de dezenas de escavadoras e tractores. Enquanto isto, as autoridades marítimas mantêm o mais absoluto silêncio sobre a identidade do petroleiro responsável pelo «lençol» de nafta.

Pág. 10

Vendedores ambulantes estão instalados na zona do Estádio Nacional desde o princípio da manhã

Governo considera que a Polícia fez um bom trabalho na Luz a 24 de Maio

Grande expectativa em torno do Benfica-Porto do Jamor

Os expoentes máximos do futebol português desta temporada vão hoje, em torno da posse da «Taça de Portugal», fazer o ansiado **tira-teimas** tão desejado pelos adeptos do Porto como pelos admiradores do Benfica. Enquanto o Governo dá uma clara e inequívoca cobertura à acção policial nos tristes acontecimentos vividos na Luz no sábado 24 de Maio e os partidos políticos continuam a lançar o seu protesto e a exigir que o Povo seja informado sobre quem ordenou a desvairada carga da Polícia de Intervenção, há um ambiente de extraordinária expectativa sobre o que poderá acontecer esta tarde, no Jamor, pois ainda estão bem vivos, na memória de milhares, os problemas criados à turma das Antas na época transacta, que culminaram com agressões e roubos à formação **azul-branca.**

Págs. 17 e 18

O «DL» revela hoje

25 maiores empresas portuguesas facturam acima dos três milhões

Pág. 12

Concurso "DL"/81

HOJE (NA PÁG. 2) CUPÃO N.º 27

Págs. 113 e 114 do Álbum Sempre Fixe

LUTA CONTRA O FLAGELO TABÁGICO

Ref. Com.

Um teste gratuito, oferecido pelo Centro Anti-Tabaco, a todos aqueles que o solicitarem

Lisboa, Junho de 1981 — Temos a oportunidade de levar ao conhecimento dos nossos leitores que existe, actualmente, em Portugal uma drageia, feita à base de plantas e cientificamente estudada que permite concretizar o sonho de todo o fumador intoxicado — deixar de fumar.

Durante algumas semanas, o Centro Antitabaco, propõe aos fumadores, um teste gratuito desta drageia.

A todos os leitores interessados sugerimos que enviem, hoje mesmo, um envelope, com o seu nome e endereço, ao Centro Antitabaco — Serviço DL, Apartado 3110 — 1303 LISBOA CODEX.

Esta oferta do Cento Antitabaco não implica qualquer compromisso ou obrigação da sua parte — é gratuita. Esta é uma oportunidade única para os milhões de portugueses, homens e mulheres, que pensavam ser demasiado tarde para se libertarem do vício de fumar.

Faça você também este teste!

Imigração: reparar injustiças

O ministro francês do interior e da descentralização administrativa, Gaston Defferre, tomou a feliz decisão de suspender «imediatamente e a título provisório» toda e qualquer medida de expulsão de estrangeiros.

Como é natural impõem-se reformas a curto e a longo prazo. As que hoje se nos apresentam dizem respeito às condições de emprego, de trabalho e de alojamento da mão-de-obra estrangeira; uma maior repressão dos «passadores», dos vendedores de sono e de trabalho negro, ao mesmo tempo que a regularização dos clandestinos: o recebimento das famílias e também dos trabalhadores celibatários em alojamentos decentes; a possibilidade de encontrar trabalho nos países de origem, em caso de partida.

Estes problemas constituem uma linha de desentendimento entre a oposição de ontem e a de hoje, embora no fundo ambas estejam de acordo num ponto: a chegada maciça de novos imigrantes deve continuar interrompida.

Para Giscard d'Estaing, que punha frequentemente em paralelo a estatística dos desempregados (um milhão e quinhentos mil) e a dos imigrantes activos (à volta de um milhão e oitocentos mil, sem contar com os clandestinos), tratava-se de **«resolver o problema do emprego»**, em parte à custa dos trabalhadores estrangeiros. Chirac – que na Primavera de 1976 também não se privava de aproximar o número dos desempregados do número dos imigrantes activos – adoptava uma posição um pouco mais atenuada.

Também ao P. C. F. e ao P. S., a paragem da imigração surge como uma necessidade, é certo que menos escolhida do que imposta pelas circunstâncias económicas. **«Não é o caminho da facilidade mas não há outro»**, afirmava recentemente o bureau do P. C. F., que sugeria uma renovação automática das cartas de residência e de trabalho, mas também **«uma melhor repartição geográfica dos trabalhadores imigrantes no território francês»**. Ao mesmo tempo Mitterrand sublinhava que, **«se hoje a crise impõe a paragem da imigração, ela não justifica** que os imigrantes que actualmente vivem em França estejam na insegurança no que diz respeito à carta de residência».

Na esquerda todos estão de acordo para assegurar a igualdade de direitos, principalmente de expressão e associção entre franceses e imigrantes: Georges Marchais, François Mitterrand, Crépeau, Lallonde, as senhoras Bouchardeau e Laguiller disseram-no claramente nos seus programas. No entanto, enquanto que o P. S. pedia para os imigrantes o direito de voto nas eleições locais (municipapais e cantonais) e que a candidata trotzkista reivindicava para eles o direito de voto na eleição presidencial, o P. C. F. opôs-se à participação dos estrangeiros nas eleições, mesmo municipais – mas não nas eleições profissionais – por achar que eles acumulariam dois direitos de voto, um em França e outro no seu país, e que podia haver ingerência nos assuntos franceses.

Entre as pequenas formações, só o P. S. U. e os radicais de esquerda eram claramente hostis à paragem da imigração: A senhora Bouchardeau invoca «a livre circulação dos trabalhadores» e Crépeau acha que uma interrupção dos fluxos migratórios não iria solucionar a crise do emprego. Quanto aos eleitores, uma sondagem mostrou que eles eram na sua grande maioria favoráveis a uma limitação das entradas de imigrantes, mas não à expulsão dos trabalhadores presentes em França.

A chegada de Giscard ao poder marcada, logo na Primavera de 1974 pela criação – pela primeira vez desde a Libertação – de um secretariado de Estado para os imigrantes, posto confiado a Postel-Vinay. Este, dando-se conta de que não dispunha de créditos para organizar um melhor acolhimento aos trabalhadores estrangeiros, pediu a demissão vinte e três dias depois da sua entronização. O seu sucessor, Dijoud, foi encarregado de organizar, devido à crise que começava, **«uma nova política de imigração»**, em três fases: limitação de controlos, suspensão das entradas de trabalhadores e protecção maior das famílias. Dijoud denunciava, no entanto, **«a tese avançada pelos profetas da catástrofe, segundo os quais os emigrantes invadem a nossa economia e anunciam o domínio do mundo pobre sobre o mundo rico»**.

Mas entre as boas intenções e a aplicação prática vai uma grande distância. Durante o ano de 1974, que marcava o fim do crescimento económico, foi tomada a decisão de interromper **«temporariamente»** as entradas de trabalhadores, disposição esta que, de resto, se inscrevia no VII Plano. Os imigrantes foram então, cada vez mais, apontados como os bodes expiatórios da situação do emprego, e o secretariado de Estado dos Negócios Estrangeiros desapareceu praticamente em 1977, para dar lugar a um secretariado de Estado para os trabalhadores manuais, fórmula genérica que dispensaria o novo titular, Lionel Stoleru, de desbloquear os créditos para uma moção real da mão-de-obra estrangeira.

Duramente afectados pela crise mas também pelo aumento do racismo, os imigrantes ainda o foram mais pela lei Barre-Bonnet, cujas disposições lembram, se bem que ainda mais severas, as medidas já tomadas pelos antigos ministros do interior Raymond Marcellin e Michel Poniatowski. Após uma derrapagem perante o conselho constitucional, esta lei entrou em vigor a 10 de Janeiro de 1980. Ela reforça o poder discricionário da administração permitindo a expulsão de todos os estrangeiros em situação «irregular», principalmente daqueles a quem é recusado, mais ou menos arbitrariamente, a renovação de documento de permanência e de trabalho. Entra igualmente em acção o decreto Imbert, que tende a limitar o número de estudantes estrangeiros, e a circular Stoleru de 10 de Junho de 1980. Esta última permitiu aplicar o projecto-de-lei Boulin-Stoleru, que tem o objectivo de diminuir a duração de estadia dos imigrantes. Outra medida inaugurada por Stoleru, **«a ajuda para o regresso»**, o famoso «peculio» de 10000 francos que não é mais do que um incitamento à partida definitiva, um passaporte para a exclusão, evidente meio de pressão para os imigrantes com dificuldades de emprego.

É claro que uma parte do dispositivo aplicado por Stoleru será submetida, para revisão, à nova Assembleia. Até lá o novo governo do septenato de François Mitterrand terá muito a fazer para reparar as injustiças cometidas para com os trabalhadores estrangeiros e as suas famílias. Os escândalos de Vitry, de Ivry-sur-Seine e de Montigny-les-Cormeilles, e as greves da fome dos trabalhadores em situação dita irregular, mostraram o perigo das tensões suscitadas, nos últimos tempos, por uma política que só era liberal nas palavras.

Jean Benoit

Serviço Exclusivo
Le Monde/DL

Concurso

• **Continuamos hoje** a publicação dos cupões (e das páginas do Álbum Sempre Fixe) da 2.ª Série, que, tal como a 1.ª Série, serão em número de 30, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais poderá iniciar nova colecção ou completar a sua colecção da 1.ª Série no caso de lhe faltar ainda algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos cupões seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries.

• **Poderá, assim, completar** duas colecções e ficar com o dobro de possibilidades no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de um magnífico Álbum Sempre Fixe, com 130 páginas e capa a cores.

• **O leitor tem tempo** (pelo menos mais de um mês e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e **obrigatoriamente pelo correio.** O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, **nas 2 faces** (boletim de identificação e talão-recibo)com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual e remeta para DL/CONCURSO-Rua Luz Soriano, 44-1200 LISBOA

• **O boletim de identificação,** já várias vezes publicado, será ainda inserido de novo antes do termo do concurso.

THE
BRITISH COUNCIL
INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSO ELEMENTAR DE LÍNGUA INGLESA

Curso de Verão super intensivo
de 6 a 31 de Julho
60 horas
de Segunda a Sexta
3 horas diárias
das 10 às 13

Curso de Verão intensivo
de 6 a 31 de Julho
30 horas
de Segunda a Sexta
1 30 horas diárias
das 10 às 11 30 ou
das 17 30 às 19 ou
das 19 às 20 30

INSCRIÇÕES-TESTES DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS
DE 29 DE JUNHO A 4 DE JULHO

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUIS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal)
Telefs.: 36 92 08 36 92 09 32 01 73 32 87 50

Bélgica 1981

Ano da cozinha e especialidades regionais

Descubra o prazer da boa mesa num país em que viajar é um prazer.
Este ano, decida-se pela Bélgica.

Informe-se no seu Agente de Viagens ou no Turismo Belga.
Rua do Salitre, 84, 3.º, Dto. – 1200 LISBOA – Tel. 53 56 30

NOVAS CARTAS DO BRASIL

O revólver do pistoleiro

Chianca de Garcia

LEITOR: Antes de começar narrando os acontecimentos que, por certo, se iriam desenrolar em Salvador, após o que Alice conseguiria evocar, no apartamento da Barra, com tudo aquilo a que ela assistiria, no solar de Dona Violante, e a seguir, passou a ser o tema da mais recente destas «cartas» para o «Diário de Lisboa», – já o autor, na véspera, tinha resolvido escrever esta epístola, como se ela fosse apenas um desabafo, no seu desejo de decifrar algumas incertezas de um seu particular problema de consciência. Decidira, pois, quando ainda nada sabia daquela reunião em casa de Dona Violante, – que precisava descobrir quem era, afinal, contra, ou a favor, da decisão de Otavo Mangabeira, manter um português à frente dos «festejos do 4.º Centenário». O que querem? E porquê? Os ricos, os tradicionalistas, os militares, os políticos? Sim, de todos podia desconfiar. Mas, o povo da rua, o que pensava? Fora então que resolvera surgir, em horas tardias da noite, por aqui e por ali, em volta do largo da Misericórdia, onde era de tradição a polémica verbal, que começava ao cair da noite e só acabava ao romper da madrugada. Seu fito era apenas pegar fogo ao rastilho das festas do centenário. E ouvir. Mais nada etc. Mas, por razões talvez inexplicáveis, o ar daquela noite estava carregado de maus presságios...

ISTO, porque na cidade de Salvador, algo de perigoso se temia, pois, por todo o canto, mais se calava do que se falava. Uma coisa ele sabia. A facilidade com que os baianos se deixavam possuir por aqueles estranhos fluidos que deles se apoderam em autênticas transmigrações mediúnicas. Mas também é certo que, nessa hora, qualquer baiano apela para os seus orixás. E começa escutando vozes. Mas, por infelicidade, naquela noite, nem essas vozes se entendiam, pois se confundiam com os pregões das animadas crioulas de turbante e pano-da-costa, gabando a qualidade dos seus quitutes tendo cada uma, em sua volta, a cada esquina, panelas fumegantes e frigideiras onde pipocas no azeite dendê, os apimentados acarajés. Mas, em horas como aquela, a fome não se impunha. Isto porque se adivinhava que algo de muito grave estava ameaçando a cidade onde tinham nascido. E ardilosos, já farejadores da morte, lembravam um certo pistoleiro, o Quim Caramboada, que chegara nessa manhã, tendo comprado no melhor armeiro, o mais novo modelo do mais eficiente revólver americano. E só então começaram a ouvir-se, mais distintamente, as vozes dos orixás cada um: – amanhã, bem cedo, uma bala fará cair na lama uma importante cabeça...

– Acarajé quentinho! oferecia em vão uma baiana...

– Desceram, então, negras nuvens, quase roçando sobre nossas cabeças. Relampejava. E ao olhar-se para cima, por entre duas faíscas, não foram poucos os que viram, desenhada no ar a imagem de um revólver, com um olho de fogo, por detrás, fazendo pontaria. Só faltou que se escutasse o disparo, que, esse, ainda era cedo para ser ouvido. Tendo o autor, pouco depois, indagar dos que estavam por perto:

– Será que não vamos ter, mesmo, as festas dos centenários?

– Uai? Você não viu agora mesmo o revólver desenhado no céu?

ESCUTANDO risos, afastou-se. Mais adiante, porém, viu, de violão a tiracolo, um moreno espadaúdo, que parou a olhar para ele, dizendo com altivez:

– Que é que há, compadre, não se assuste, não! Nesta cidade nenhum baiano é capaz se matar seja quem for, só para atender aos caprichos dos brancos...

Seria? No entanto foi aí que o autor, compreendeu que não iria ficar sozinho na cidade do Salvador. E foi para casa.

Mas, agora, já estamos longe daquela reunião nocturna em casa de Dona Violante, e das horas que o autor vivera quando o revólver, com o olho de fogo, fora visto por baianos temerosos, dependurado numa nuvem, por cima do largo da Misericórdia. É que ele tinha hora marcada na sala do Chefe de Polícia, onde um seu secretário, um jovem tenente, o esperava, para ambos acertarem, em definitivo, o itinerário a ser seguido pelo desfile, e para o qual, na verdade, pouco mais faltava do que uma semana. O luxo já fora abolido. Não existiria tribuna de honra para autoridades e convidados. Não. O Dr. Otavio Mangabeira não consentira. O desfile, afirmara, só tinha um significado: – levar o povo a se ver a si próprio, construindo a sua cidade através de quatro esforçados séculos. E a ele, como governador, só lhe competia ficar, na rua, de pé, aplaudindo...

Ora esse tenente, fora um dos primeiros a lhe falar, embora a rir, da propalada atitude de protesto daqueles que exigiam um baiano à frente das comemorações do quarto centenário da cidade. E quer saber porquê? Porque, como endurecidos conservadores temem aquela profunda preocupação de Mangabeira em defender aquela plantinha tenra que se chama Democracia, e que muitos pretendem esmagar com as pesadas solas das suas botas. Entende?

MAS, desta vez, quis também o tenente que o futuro autor destas «Cartas» soubesse, – isto a propósito da reunião em casa de Dona Violante, o que o governador lhe dissera:

– Não, eles não são contra o português por ser português. Porque, se eu tivesse escolhido, um carioca, um paulista, um gaúcho, ou um espanhol, ou um francês, ou um italiano, eles continuariam a reclamar do mesmo jeito. Para eles, no mundo, só o baiano é o maior. E ria com satisfação o Dr. Otavio Mangabeira, porque, na verdade, ele também era um autêntico baiano. E assim se considerava, dando gargalhadas.

Mas, fosse por intuição ou palpite, toda a cidade sabia que fora no velho solar de Dona Violante, que o pistoleiro Quim Caremboaba, se oferecera para tirar a vida do governador. Mas porquê? – indagava-se: Pois não fora um baiano, o mulato Ulisses, assassinado um ano atrás por um mau destino, na ilha de Itaparica, quem tinha ido buscar no Rio de Janeiro, esse tal português, descendente, talvez de outros lusitanos, que tinham ajudado a fundar a cidade de Salvador? Não! O negócio era outro. Só podia ser maquinação dos padres, e daquela gente petulante lá de cima, da cidade alta.

– É mesmo! rouquejou uma voz, isso deve ser trabalho dos frequentadores do solar de Dona Violante, onde nos seus subterrâneos se conspira, há quatro séculos, contra a liberdade dos baianos. Vamos para lá, gritar diante da sua porta...

E era, de facto, na frente daquela porta, prestigiada por pedra d'armas, que estavam agora, firmes e decididos, muitos daqueles que, durante a noite, tinham visto em sonhos, aquele revólver guiado por um olho de fogo. Sim. Quem podia duvidar? E então, a história da Baia, com todos os seus mistérios, não fora sempre povoada por estranhos desígnios e avisos do sobre-natural? E assim, uma a uma, centenas de pessoas, sem qualquer espécie de premeditação, se iam juntando diante do escuro palacete de Dona Violante que, – tremendo de susto, suplicara uma rápida intervenção policial. Meia hora depois, e, pela primeira vez, um policial à paisana e de chapéu na cabeça, entrara no solar, a rir, e indagando!

– Que é que há, madame?

Indignada, mas com nobreza respondeu-lhe Dona Violante:

– Saia o Senhor, imediatamente da minha casa, e faça sumir essa gentinha que debaixo das minhas janelas, grita de minuto a minuto: – Ó dona, ó dona, cadê o revólver do pistoleiro?

VERIFICARAM depois as autoridades que o negócio não poderia ficar, como se diz, por isso mesmo. E, quase que sigilosamente, fora iniciado um processo que se baseava numa reunião ilícita, onde, além de se atacar o governo, surgira um desconhecido, aparentemente desocupado, oferecendo os seus préstimos, como, aliás, lhe parecia aconselhável, para, em poucos segundos, libertar esta cidade de alguém considerado indesejável. No entanto, entendera o Delegado de Polícia, que nem sequer interessava saber o nome de quem se oferecera para matar, mas unicamente descobrir quem o tinha chamado, a ele indicando, até, o momento em que devia fazer a sua proposta. Esse, sim, é que devia ser punido com todo o rigor da lei. Foram então convocados todos os que tinham comparecido à ilegal reunião. E, um de cada vez, começara a ser inqui-

Continua na pág. 18

● O Presidente da República e a esposa estiveram esta manhã em Constança, a convite da Associação para a Reconstrução e Instalação da Casa-Memória Luís de Camões. Ramalho Eanes presidiu às cerimónias comemorativas do IV Centenário da Morte de Luís de Camões, durante as quais teve lugar uma sessão evocativa na qual usaram da palavra Manuela de Azevedo, presidente da referida associação, o presidente da Câmara de Constança (Morgado Silva) e o prof. David-Mourão Ferreira, que proferiu uma palestra alusiva à cerimónia. Ramalho Eanes e a esposa visitaram de tarde as ruínas da casa de Luís de Camões, onde está patente uma exposição de pintura de Joaquim Santos que o PR inaugurou, regressando a Belém a meio da tarde.

● Uma delegação portuguesa constituída por Sousa Marques e Manuel Leal, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, e o padre Manuel Vilas Boas, da Comissão Executiva do Movimento «Não às Armas Nucleares em Portugal», está desde ontem em Estocolmo participando na Conferência Contra a Corrida aos Armamentos e pela Confiança e Segurança na Europa, que de hoje a segunda-feira decorre na capital da Suécia e que constitui um dos pontos do programa de acção previstos para este ano pelo CMP. Situação presente da acumulação de armamentos na Europa e nos EUA, consequências de uma eventual guerra nuclear na Europa e acções de massas contra a corrida aos armamentos são três dos seis pontos nucleares da reunião. Entretanto, a convite do CPPC desloca-se a Portugal, entre 9 e 16 do corrente, uma delegação do Comité Soviético para a Segurança e Cooperação Europeia que visitará a AR, se deslocará ao Barreiro, reunirá com dirigentes sindicais, estará num debate (no dia 11) na Casa da Imprensa e se encontrará com presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa, Setúbal e Moita, além de um encontro com o executivo do Movimento «Não às Armas Nucleares».

● O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu ontem, em audiência no seu gabinete, o comandante-geral das Forças Armadas da República de Cabo Verde (FARP), comandante Agnelo Antas, que desde segunda-feira se encontra em Portugal integrado na comitiva de Aristides Pereira, que ontem se deslocou à Feira Nacional de Santarém.

● Faleceu ontem em Lisboa um dos fundadores do Partido Socialista, Augusto Tito de Morais, de 60 anos. Augusto Tito de Morais era irmão de Maria Palmira e Manuel Tito de Morais e foi professor catedrático do Instituto de Higiene e Medicina Tropical e de Saúde Pública, além de investigador científico da OMS. O funeral sai às 16 horas de hoje da Praceta das Beiras, n.º 3, em Oeiras, para o cemitério local. O PS da Brandoa, entretanto, ocupa-se desde o princípio da manhã, no pavilhão polivalente da freguesia, com um encontro de organização local, que se deverá prolongar até ao princípio da noite.

● A convite da Frente Patriótica Popular da União Central de Cooperativas da Hungria, desloca-se a este país o dirigente do MDP/CDE Blasco Hugo Fernandes, que pertence ao seu Secretariado Nacional. Blasco Hugo Fernandes terá encontros com dirigentes de cada uma das organizações húngaras durante esta sua visita, abordando neles assuntos de interesse recíproco.

● Pinto Balsemão estará na RFA entre 14 e 16 do corrente, em visita de trabalho. A deslocação do Primeiro-Ministro à RFA tem a ver com um convite que nesse sentido Helmut Schmidt lhe endereçou. Pinto Balsemão viajará com o ministro dos Negócios Estrangeiros nesta sua visita oficial, deslocando-se ambos a Berlim Ocidental. É a primeira visita que Balsemão faz à RFA com o chefe do Governo português, devendo encontrar-se no dia 15 como chanceler alemão. Gonçalves Pereira e Dietrich Genscher assistirão às conversações que os dois governantes travarão.

● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, deslocou-se ontem às instalações da Base Aérea n.º 11, de Beja, em visita qualificada de rotina por fontes militares próximas do seu gabinete. Melo Egídio fez-se acompanhar, nesta sua primeira deslocação à Base n.º 11, pelo CEMFA, Lemos Ferreira, chefe da Divisão de Operações do CEMFA, Cardoso Tavares, e, em Beja, era aguardado pelos comandantes do Comando Operacional da Força Aérea, pelo general Silva Cardoso, bem como o comandante da RMS, brigadeiro Firmino Miguel. A base é permanentemente utilizada por diversos tipos de meios aéreos da FAP e da Força Aérea da RFA para efeitos de treino.

● O 4.º Encontro de Dadores de Sangue decorre desde o princípio da manhã em Tróia, nas instalações da Torralta, com acentuado espírito participativo e o propósito, da parte dos seus responsáveis, de incrementar actividade tão importante entre nós.

● O Poder Local está em apreciação e debate, desde o princípio da tarde, no salão da Colectividade na Assembleia de Castelo Branco, sob a égide da Comissão Concelhia do PCP. Todos os eleitos da APU nos órgãos autárquicos participam no debate.

PSD e PCP designaram membros para a Comissão de Revisão Constitucional

PSD e PCP indicaram já a totalidade dos deputados que representarão as respectivas bancadas na comissão parlamentar de Revisão Constitucional, que será presidida, como se sabe, por Borges Carvalho (PPM).

Mário Raposo, Moura Guedes, Helena Roseta, Amândio de Azevedo, Rui Amaral, Sousa Tavares, Margarida Salema, Correia de Jesus (da Madeira), Adérito Campos (JSD), Costa Andrade e Fernando Condesso – são os nomes propostos pelo PSD. Ao nível dos suplentes foram indicados Ângelo Correia, José Vitorino (Algarve) e João Vasco Paiva (Açores).

Carlos Brito, Veiga de Oliveira, Vital Moreira, Odete Santos e José Manuel Mendes foram os membros efectivos indicados pelo PCP.

Lino Lima, Zita Seabra, Jerónimo de Sousa, Sousa Marques e Octávio Teixeira são os membros suplentes da comissão indicados pelos comunistas.

Os líderes parlamentares do PSD, e do PCP, Moura Guedes e Carlos Brito, serão dois membros da comissão de revisão constitucional.

Eanes ao "Herald Tribune"

'NATO não cumpre o que prometeu às Forças Armadas Portuguesas'

«Grandemente favorável à integração (europeia), o Presidente Eanes gostaria que parte da 'personalidade' portuguesa, como ele a descreve, fosse 'incorporada' naquela organização, com a entrada do nosso país na CEE. 'As tradições culturais e históricas de Portugal seriam uma contribuição importante para a comunidade' – afirmou o Presidente da República ao jornalista americano Ken Pottinger, segundo um artigo recentemente publicado no 'International Herald Tribune'.»

Na mesma peça afirma-se que o Presidente Eanes é um «chefe de Estado moderadamente centro-esquerda» que «crê que Portugal está a fazer uma transição suave de potência colonial que mais tempo durou no mundo para um candidato membro da Comunidade Económica Europeia».

«Sobre o ponto das relações entre Lisboa e Washington, o Presidente acentuou as vantagens de uma continuada ajuda dos Estados Unidos a Portugal e o carácter caloroso das relações existentes, sublinhado talvez pela sua própria amizade pessoal com o secretário de Estado americano, Alexander Haig.»

Abordando questões geo-estratégicas o Presidente da República teria preconizado «um equilíbrio de forças entre as superpotências para preservar a paz mundial». «É necessário um equilíbrio dissuasor especialmente no teatro europeu» – afirmou. Mas Portugal é também a favor de um abrandamento de tensões entre o Leste e o Ocidente e o general Eanes defendeu uma aplicação consciencisa dos Acordos de Helsínquia. «Desta forma» – disse – «poderá conseguir-se uma redução dos armamentos equilibrada e progressiva, conduzindo a uma paz global».

Após ter reafirmado «o continuado compromisso de Portugal com a NATO, de que é um dos membros fundadores», o Presidente da República «criticou» a organização por não cumprir as promessas de ajudar a reequipar e a modernizar as Forças Armadas Portuguesas. «Esperamos, como membro da NATO de parte inteira, tomar parte nas suas decisões, fazer face aos seus custos e receber os seus benefícios» – disse, acrescentando que os quinze anos de experiência portuguesa nas guerras africanas eram algo de que a NATO podia tirar proveito.

A terminar, o Presidente da República criticou «a interferência, directa ou indirecta, de forças estranhas ou Estados estranhos», noutros países e «sublinhou a necessidade de se procurar melhorar a distribuição de riqueza entre as nações desenvolvidas e as nações em vias de desenvolvimento».

Ainda "divorciado" do CDS...

Mota Amaral toma a defesa de Eanes e Balsemão

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, considerou, ontem, em Lisboa, terem existido grandes especulações acerca das afirmações por si proferidas sobre o CDS. Mota Amaral, que falava aos jornalistas depois de um encontro com PintoBalsemão, afirmou igualmente que as especulações havidas «visavam estabelecer um fosso» entre ele e o Primeiro-Ministro.

E, insistindo na mesma tecla, Mota Amaral prosseguiu: «Visavam também criar na opinião pública a ideia de que Balsemão é um homem a abater». «Ora, disse em substância, Balsemão é não só o Primeiro-Ministro mas também o líder do PSD. Por isso, estamos com ele, apoiamo-lo e continuaremos a apoiar».

No que respeita ao Governo, considerou que o actual executivo de Lisboa tem «todas as condições» para cumprir a sua legislatura e «avançar na resolução dos problemas do povo português». Neste aspecto, julgou «negativo que se conspire no sentido de apresentar outras hipóteses».

Numa nítida alusão ao CDS, disse que o acordo que criou a AD «vincula os partidos que a integram é para ser cumprido honestamente».

Instado a debruçar-se um pouco mais sobre as suas afirmações sobre o CDS, disse que «elas corresponderam à constatação dos factos», acrescentando «não pretender afrontar os dirigentes do CDS». Revelou ainda que durante a sua permanência em Lisboa não se avistara com dirigentes daquele partido, apenas tendo mantido uma conversa telefónica com Basílio Horta».

Num passo das suas declarações aos jornalistas, Mota Amaral repudiou «os termos em que por vezes se trata o Presidente da República em órgãos da Imprensa». «O Presidente da República, eleito democraticamente, é o Presidente de Portugal e como tal se devem estabelecer as relações entre ele e outros órgãos institucionais» – acrescentou.

tome nota

Sinónimos

Feira do Livro. «Dicionário de Sinónimos», compilação da Tertúlia Edípica, edição de 1977, distribuído por Porto Editora (Porto). Empresa Fluminense (Lisboa) e Livraria Arnado (Coimbra). Página 649: **Indesejável** – anarquista; bolchevique; bolchevista; cadastrado; comunista; inconveniente; libertário; perigoso.» Sem comentários.....

Esquerda Laboral do PS apoia presos do PRP

«Indignação e repúdio» são os sentimentos que provocam à «Esquerda Laboral» do PS (tendência liderada por Marcelo Curto) a situação em que se encontram os presos do PRP.

Em comunicado ontem emitido, aquela «sensibilidade» do PS afirma que «os sucessivos governos, os tribunais e a máquina do Ministério da Justiça revelam a maior passividade e indiferença acerca das questões que os presos e os seus defensores têm denunciado publicamente».

Entre estas questões cita «o inquérito sobre as sevícias que os presos teriam sofrido, as irregularidades e violações do princípio do contraditório em processo penal, as variações e contradições dos juízes em diferentes processos e a não aplicação da Lei da Amnistia com base em pequenos pretextos de qualificação jurídica».

«A greve de fome ilimitada que os presos do chamado caso PRP agora anunciam poderá, a manter-se aquela passividade do Governo AD e dos tribunais – conclui a «Esquerda Laboral» –, fazer-nos alinhar no rol daqueles países que fazem da ofensa dos direitos humanos e das liberdades o símbolo da sua acção.»

A vantagem em ser cliente das POPULARES LIVRARIAS CDL

*Um BOM serviço
*Um stock seleccionado para si que é exigente

e AGORA FEIRA DO DISCO

ATÉ 30 JUNHO

GRANDES DESCONTOS

E AINDA O CARTÃO DE AMIGO

em 12 compras uma oferta à sua escolha

AMADORA
Livraria Abril Abril
Av. Cardoso Lopes, Lote 3
Loja esq. 2700 AMADORA

ANGRA DO HEROÍSMO
Livraria Popular de Angra
Rua Rainha D. Amélia, 78-80
9700 ANGRA Telef. 25340

AVEIRO
Livraria e Discoteca dos Arcos
Rua dos Mercadores, 12
3800 AVEIRO

BEJA
Livraria Popular de Beja
Rua de Mértola, 69
7800 BEJA Tel. 24112

COIMBRA
Interlivro
Terreiro da Erva, 6
3000 COIMBRA Tel. 28394

ÉVORA
Livraria Bento de Jesus Caraça
Rua Alcarcova de Baixo, 13
7000 ÉVORA Tel. 26361

FARO
Livraria Popular de Faro
Rua 1.º de Dezembro, 23
8000 FARO Tel. 24417

LISBOA
Interlivro
Rua Pedro Nunes, 9-A
1000 LISBOA Tel. 546304
Livraria CDL
Av. Santos Dumont, 63
1000 LISBOA
Tel. 779828/769744/51

OLIVAIS SUL
Livraria Popular dos Olivais
Rua Cidade de Quelimane, 3-A
1800 LISBOA Tel. 331019

MARINHA GRANDE
Livraria 18 de Janeiro
R. Ant.º Campos Júnior, 3-C
2430 MARINHA GRANDE Tel. 53510

PORTO
Livraria Avante
Rua de Aviz, 26
4000 PORTO Tel. 313399

SANTARÉM
Livraria Caminho
Rua Pedro de Santarém, 41
2000 SANTARÉM Tel. 24564

SETÚBAL
Livraria Mundo Novo
Avenida 5 de Outubro, 180
2900 SETÚBAL Tel. 29493

VIANA DO CASTELO
Livraria Popular de Viana
Rua da Picota, 38-40
4900 VIANA DO CASTELO
Tel. 24469

VILA FRANCA DE XIRA
Livraria Soeiro Pereira Gomes
Rua Serpa Pinto, 77
2600 VILA FRANCA DE XIRA
Tel. 23604
E brevemente no
BARREIRO
Livraria no Centro Comercial CP
2830 BARREIRO

No mês de ABRIL nas POPULARES LIVRARIAS CDL

OS 10 LIVROS mais vendidos

NENHUM HOMEM É ESTRANGEIRO
Joseph North
ED AVANTE

PARA ACABAR DE VEZ COM A CULTURA
Woody Allen
BERTRAND

BRINQUEDOS
Agnia Bartó
MALICH

O CORAÇÃO SAUDÁVEL E DOENTE
Duarte Correia
CAMINHO

CRÓNICA DOS BONS MALANDROS
Mário Zambujal
BERTRAND

ASSIM SEJA ELA
Benoît Groult
BERTRAND

PÃO COM MANTEIGA (1.º v)
Equipa «Pão com Manteiga»
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

ATÉ AMANHÃ CAMARADAS (Ed. ilustrada)
Manuel Tiago
AVANTE

IDEIAS GERAIS SOBRE ALIMENTAÇÃO RACIONAL
Emílio Peres
CAMINHO

O DETECTIVE SIBERIANO
Vil Lipatov
CAMINHO

OS 5 DISCOS mais vendidos

LP AO VIVO NO OLYMPIA
Carlos do Carmo
POLYGRAM

S PLAY BACK
Carlos Paião
V. CARVALHO

LP VIDA
Chico Buarque
POLYGRAM

LP TALISMÃ
Maria Bethânia
POLYGRAM

LP DOUBLE FANTASY
Jonh Lennon Yoko Ono
P. TRIUNFO

CDL a distribuição

COMPRE LIVROS e visite a 51ª FEIRA DO LIVRO

PARQUE EDUARDO VII
22 MAIO - 10 JUNHO
17 às 24 h.
Sáb. Dom. e Feriados
16 às 24 h.

APEL

Em caso de acidente MARQUE 115

Sessão tumultuosa ontem à noite

Vítor Alves molestado e Eanes insultado no Congresso das Comunidades Portuguesas

A sessão de abertura do Congresso das Comunidades portuguesas emigradas foi ontem à noite abruptamente interrompida na sequência de uma grave altercação provocada por alguns presentes que posteriormente tentaram agredir o conselheiro da Revolução tenente-coronel Vítor Alves.

A sessão decorria num hotel de Lisboa e era presidida pelo responsável da Comissão Organizadora do Congresso prof. Rosado Fernandes, que estava acompanhado pelo chefe da Casa Civil do Presidente da República, Fernando Reino, pelo presidente da Assembleia da República, pela secretária de Estado da Emigração, pelo ten-coronel Vítor Alves (como Presidente da Comissão Organizadora do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas) e outras individualidades. Rosado Fernandes iniciou a cerimónia com um longo discurso de circunstância sem que tivesse sido dada qualquer explicação pela ausência do general Ramalho Eanes, cuja presença estava prevista no programa e sem que os membros da mesa tivessem sido apresentados aos 300 delegados dos emigrantes portugueses vindos de todos os continentes.

O facto da organização do Congresso da responsabilidade do deputado do PSD e antigo dirigente da UGT António Cabecinha, e do prof. Rosado Fernandes (destacado apoiante de Soares Carneiro), não ter explicado aos congressistas a ausência do Presidente da República, que se fizera representar oficialmente por Fernando Reino, foi o pretexto para que alguns deles interpelassem a mesa considerando esse facto como uma ofensa e falta de consideração pelos emigrantes. Fernando Reino, com muito pouco sentido da oportunidade e sem que a maior parte dos presentes soubesse que ele representava Ramalho Eanes, proferiu algumas palavras que não esclareceram nem satisfizeram ninguém, e «em nome do Presidente da República» deu por encerrada a sessão.

Nesse momento foi a barafunda e a confusão generalizada. Muitos emigrantes conotados com a AD e mesmo com organizações de extrema-direita, deram então largas à sua hostilidade em relação ao Presidente da República e foi proferida toda a espécie de ataques ao PR e ao Conselho da Revolução.

Entre os mais excitados podiam-se ver alguns portugueses vindos dos EUA, da África do Sul,e também um ou outro de França. Um dos representantes da África do Sul dirigiu-se a Vítor Alves, quando este abandonava a mesa da presidência, e quis explicações para declarações suas ao jornal «Portugal Hoje». Daí à tentativa de agressão foi um passo, e pessoas que não escondiam as suas posições políticas de extrema-direita, entre as quais alguns antigos residentes em Moçambique e Angola, apupavam e cercavam Vítor Alves, que só a muito custo e graças aos esforços de outros emigrantes, nomeadamente da Bélgica e de França, que conseguiu chegar às escadas que davam acesso ao «hall» do hotel e ao automóvel que o esperava no exterior.

No meio de toda a balbúrdia que se gerou, muitos emigrantes democratas tentavam por seu lado saudar e abraçar aquele «capitão» de Abril e só a sua presença calorosa pôde impedir que os arruaceiros saudosos do tempo das colónias pudessem levar o seu ódio ao regime democrático até à agressão a um membro do Conselho da Revolução que contudo foi empurrado e insultado.

Enquanto tudo isto acontecia, a organização do Congresso era totalmente invisível. Nem serviço de ordem, nem apelos à calma através da instalação sonora. Nada. Os seus responsáveis tinham desaparecido no meio da multidão que se aglomerava nos corredores. António Cabecinha andava por lá com um ar satisfeito enquanto Vítor Alves se escapava no meio de ameaças e tentativas de agressão. Um delegado pela França disse-lhe mesmo: «o senhor parece que está radiante». Um outro afirmou publicamente que esse deputado lhe «mandou dois sopapos» no meio da confusão.

Por outro lado, tivemos oportunidade de ouvir um delegado da África do Sul que se destacou na provocação a Vítor Alves gritar, quando este abandonou o hotel: «ganhámos!». Por seu turno, Rosado Fernandes e os outros responsáveis da organização ligados ao Governo passeavam-se calmamente no «hall» do hotel. O único visado foi de facto Vítor Alves e tudo leva a crer que este foi alvo de uma manifestação preparada previamente, que estava em princípio destinada a Eanes, e que teve a conivência da organização do Congresso.

Entretanto prosseguiam as discussões acaloradas entre grupos de delegados. António Cabecinha levava os jornalistas para uma sala para a qual tinham sido convocados oralmente durante o discurso de Rosado Fernandes. Cabecinha parece que iria dar à Imprensa as explicações sobre a ausência de Eanes que se recusou a dar aos delegados que assistiam à sessão de abertura e que poderiam ter evitado os lamentáveis incidentes que aí se produziram.

Mas de facto não foram explicações sobre a ausência do PR que ali foram dadas. O deputado do PSD limitou-se a afirmar que não foram razões de saúde que impediram Eanes de estar presente, donde, «por exclusão de partes», se tratava de uma atitude política do PR.

Enquanto isto, pelos corredores e «halls» do hotel era evidente que este congresso está partidarizado. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, todas as delegações apresentam as suas maiorias e as suas minorias e, ouvindo-se os representantes dos portugueses dos diversos países percebe-se que não é exacto dizer, por exemplo, que os delegados da África do Sul «são todos do MIRN e da AD», ou que os da França «são todos comunistas».

No que toca à África do Sul um pequeno incidente ilustrou ontem esta afirmação. Um comunicado assinado por congressistas da África do Sul e afixado num placard do hall do hotel foi desautorizado por grande parte dos 49 delegados por aquele país e foi arrancado. Esse comunicado estava redigido em termos ofensivos para o órgão de soberania que é o Conselho da Revolução e para o Presidente da República, e era bem elucidativo das intenções antidemocráticas e provocatórias de alguns dos delegados da África do Sul e não só.

Na opinião de muitas pessoas que contactámos a responsabilidade pela partidarização e pela bipolarização que se está a verificar no Congresso incumbe contudo fundamentalmente ao Governo da AD que pôs à sua frente pessoas intimamente ligadas à maioria governamental que desde sempre tentaram marginalizar as comunidades portuguesas e os delegados que não lhes são politicamente afectos.

Depois dos incidentes de ontem à noite, a questão que mais tem sido levantada nos meios do Congresso é a razão da ausência de Eanes, que deveria ter estado presente na cerimónia de abertura enquanto presidente da Comissão de Honra.

Segundo o «DL» pôde apurar, Eanes terá delegado num Fernando Reino, que se revelaria extremamente inábil na missão de que foi incumbido, para evitar que a sua presença servisse de pretexto a alguns congressistas ligados à extrema-direita que tinham preparado o boicote da sessão. Alguns documentos, como aquele a que acima referimos e que, sublinhamos, não era representativo da totalidade dos delegados pela África do Sul, teriam chegado ao conhecimento da presidência da república e, juntamente com outras informações disponíveis, teriam levado o general Eanes a optar pelo envio de um representante.

Só que, de facto, o objectivo das referidas pessoas era o de hostilizar o regime democrático, e na falta de Eanes, serviram-se de Vítor Alves como bode expiatório.

Curioso é assinalar que as pessoas que têm denunciado o aproveitamento político que a organização está a fazer do congresso e que esta tem acusado de o pretender boicotar, foram aquelas que defenderam Vítor Alves e evitaram que os incidentes fossem mais graves. Na opinião de muitos desses representantes, nomeadamente da França e da Bélgica, o general Eanes ter-se-á também querido demarcar, com a sua ausência, de uma iniciativa que inicialmente foi sua, mas que foi posteriormente recuperada e partidarizada pela AD que finalmente a transformou em mais um instrumento do afrontamento AD/PR.

Eanes teria querido assim evitar o seu envolvimento com uma relação criticada pelo PS, pela CGTP e por largos sectores da emigração, sem contudo, como nos dizia um delegado de França «ousar tomar essa posição abertamente», pelo que optou pelo envio de Fernando Reino em sua representação.

Trabalhos prosseguem hoje

Os trabalhos do congresso, apesar dos incidentes de ontem à noite, iniciaram-se de facto esta manhã com a apresentação de diversas comunicações sobre os temas agendados e que são também contestados por uma parte dos delegados presentes. A metodologia seguida nos debates e a presidência da mesa, onde os emigrantes não estão representados, é igualmente objecto de críticas das mesmas pessoas.

Aristides Pereira concluiu visita

A possibilidade de Cabo Verde vir, no futuro, a assinar acordos de índole militar com Portugal foi ontem considerada pelo presidente Aristides Pereira como «uma coisa normal».

Em declarações feitas numa conferência de Imprensa, pouco antes da conclusão da sua visita a Portugal, o dirigente cabo-verdiano reafirmou o carácter político dos seus contactos entre nós e indicou que o respectivo balanço «ultrapassou as expectativas».

Os termos de um acordo com Lisboa no que toca às obras do porto da Cidade da Praia, foram em parte também revelados por Aristides Pereira que referiu estar previsto um financiamento português de 50 por cento das despesas, sendo o restante capital emprestado pelo Banco Mundial.

O dirigente de Cabo Verde admitiu por outro lado, que as actuais preocupações do seu país em matéria de segurança e defesa resultam de um enfraquecimento provocado nesse campo pelo «golpe de Estado» na Guiné-Bissau.

A Guiné-Bissau e Cabo Verde estavam ligados por um partido comum – o PAIGC – que se cindiu na esteira do golpe de Estado e Aristides Pereira disse que a ruptura com o antigo aliado representou a perda de uma retaguarda.

Ao referir-se ao conflito desencadeado entre os dois países por causa do golpe de Estado, limitou-se a dizer que «isso é algo que já passou à história», insistindo, ao mesmo tempo, na busca de uma via para garantir o diálogo.

Para o presidente de Cabo Verde, que se escusou a comentar a posição crítica que a Guiné-Bissau ainda mantém em relação à criação do PAICV, ambos os países são hoje «realidades distintas».

Libertação de Luís Cabral

Aristides Pereira deu também a entender que não pedira ao Presidente Eanes nenhuma intervenção no sentido de obter a libertação do antigo presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral, que se encontra preso.

Para o dirigente cabo-verdiano «isso é um assunto de Estado» que poderá vir a ser resolvido pelos canais normais que se vierem a estabelecer entre Bissau e a Praia, «dispensando-se por isso outras diligências».

comunicação social

"Reestruturação" da RDP Norte

Porto, 6 – «Nos últimos tempos vêm-se multiplicando notícias contraditórias e boatos sobre a chamada «reestruturação» da RDP/Norte, e particularmente da Rádio Porto, afirma em comunicado o Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações (delegação do Porto). «Tais boatos – diz o Sindicato – têm sido acompanhados por um total silêncio da CA da RDP sobre o assunto, simultaneamente com declarações de ignorância e/ou adiamento de informações por parte da direcção da RDP/Norte e da direcção da Rádio Porto». Face ao problema, o comunicado sublinha: «Entende a direcção da delegação do Porto do Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, maioritário na empresa, vir a público, depois de ouvidos os seus associados, exigir a rápida clarificação das intenções da CA e da direcção da Rádio Porto sobre o futuro da RDP/Norte». Diz, ainda, o comunicado que apesar das poucas informações que os trabalhadores dispõem tudo aponta para «uma reestruturação que visa, a curto prazo, diminuir o número de trabalhadores da Rádio Porto, e a médio prazo, no conjunto da RDP/Norte, com despedimentos ou, pelo menos, a criação de 'bolsas de trabalho' a que não corresponderão funções efectivamente definidas». Por outro lado, diz, ainda, o sindicato, existem informações (divulgadas pela Imprensa e não desmentidas pela RDP) que «apontam a existência de um 'negócio secreto' que poria a Rádio Porto ao dispor de produtores privados e agências de publicidade, inclusive um dos Botelho Moniz, ex-director do ex-Rádio Clube Português».

O comunicado conclui, a finalizar: «para obter um cabal esclarecimento às legítimas dúvidas que a assaltam perante o silêncio da administração da RDP, vai esta direcção, através da direcção central do STT, e para além da obrigação que lhe assiste de alertar os trabalhadores, a opinião pública e os órgãos de soberania para uma situação que comporta perigos evidentes para os trabalhadores desta empresa, solicitar uma audiência urgente à CA da Radiodifusão Portuguesa».

BBC não ofende Rei Khaled...

A BBC decidiu anular a programação de um filme receando ferir a susceptibilidade do Rei Khaled, da Arábia Saudita, que se desloca em visita oficial à Grã-Bretanha de 9 a 12 do corrente.

O filme «O Pirata», interpretado por Franco Nero, relata a vida tumultuosa dum jovem judeu educado por um rico dirigente árabe. Num breve comunicado, a BBC indica que certas partes do filme «poderiam ser interpretadas como ofensivas para o Rei Khaled».

No ano passado tinha-se levantado uma controvérsia no seguimento da projecção na Televisão britânica do filme «Morte duma princesa», relatando a execução duma princesa saudita culpada de adultério, controvérsia essa que tinha afectado durante algum tempo as relações entre os dois países.

A BBC desmentiu por outro lado ter sido objecto de pressões da parte de representantes sauditas em Londres.

● Hoje, amanhã e depois, no Casino das Pedras Salgadas, em Vila Real, decorrem as I Jornadas de Jornalismo de Trás-os-Montes e Alto Douro, com a participação de mais de duas centenas de pessoas, entre candidatos a jornalistas, profissionais de Imprensa e autoridades e personalidades daquela província. Palestrantes: Cáceres Monteiro («O Jornal»), Alves Teixeira («Norte Desportivo»), Sousa Tavares («A Capital»), Barroso da Fonte (Gabinete de Imprensa de Guimarães) e Barrilaro Ruas. António Cordeiro (delegado da ANOP em Vila Real) e Pereira Pinto (subchefe de Redacção do «JN») coordenarão os trabalhos. A iniciativa pertence à SITAD (Sociedade de Informação de Trás-os-Montes e Alto Douro), que já adquiriu o jornal centenário «O Vilarealense».

● Os jornalistas do grupo «Rizzoli/Corriere dela Sera» decidiram avançar com uma greve, bloqueando assim a publicação de todos os títulos do grupo. Razões e objectivos: suspensão imediata do presidente do grupo, Ângelo Rizzoli, e do director-geral, Bruno Din, pelo facto dos seus nomes terem aparecido na lista dos presumíveis membros de loja maçónica «P-2». A inquietação dos jornalistas deve-se também ao projecto de participação no capital do grupo do «Banco Ambrósio», no valor de 40 por cento. Este banco é o mais importante banco privado italiano, presidido por Roberto Calvi. Este foi preso por evasão de capitais em 20 de Maio – e o seu nome figura também na «P-2».

● «Times Newspapers Limited», o grupo de Imprensa liderado por Rupert Murdoch que publica o «Times», o «Sunday Times» e dois suplementos literários de educação, vai lançar em breve um suplemento dedicado a questões de saúde. A nova publicação será dirigida por Jill Turner, até agora responsável pelas questões sociais e de saúde no semanário «New Society». Vinte mil de tiragem e sessenta escudos de preço.

Pub.

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

AVISO AOS PRODUTORES DE FRANGOS

Vai a Junta Nacional dos Produtos Pecuários intervir no mercado do frango comprando à produção frangos nas seguintes condições:

1 — A intervenção destina-se exclusivamente a frangos;

2 — Serão pagos os seguintes preços por Kg. de peso vivo, as aves cujas carcaças sejam classificadas em:

1.ª Categoria ..... 40$00
2.ª Categoria ..... 35$00
3.ª Categoria ..... 27$50

3 — Serão incluídas na primeira categoria as carcaças de frangos de pesos compreendidos entre 750 gr. e 1400 gr., evisceradas, mas adicionadas das miudezas comestíveis, bem conformadas, de pele amarela-clara ou branca, peito amplo e largo, de massas musculares bem desenvolvidas, de cartilagem do externo não ossificado, com revestimento uniforme de gordura por baixo da pele, sem lesões ou equimoses e sem ossos desarticulados ou partidos.

4 — Na segunda categoria serão incluídos os frangos cujas carcaças evisceradas, mas adicionadas de miúdos comestíveis, que apresentem peso compreendido entre 1401 gr. e 1600 gr., e que tenham as restantes características indicadas para a primeira categoria.

5 — À terceira categoria pertencerão os frangos cujas carcaças apresentem peso superior a 1601 gr., ou as que, tendo peso inferior, sejam mal conformadas, com o peito pontiagudo, ou apresentem lesões ou equimoses pouco extensas ou ossos partidos, mas não expostos, ou desarticulados, com miúdos comestíveis.

6 — Entende-se por miúdos comestíveis: o pescoço, o fígado, a moela, o coração.

7 — O modo de proceder será o seguinte:

7.1 — O pagamento será efectuado 8 dias depois do abate considerando o peso da carcaça, acrescido do peso médio de 200 gr. para os miúdos comestíveis e 25% para a diferença de morto para vivo, aos preços das classificações atribuídas segundo as categorias acima referidas. No acto de pagamento será fornecida ao produtor nota discriminativa das classificações e das rejeições;

7.2 — Os produtores interessados deverão inscrever-se até ao dia 12 do corrente, nos Serviços Avícolas deste Organismo informando qual o número de aves que pretendem entregar, a sua idade, a semana em que devem ser abatidas e o local em que se encontram;

7.3 — A Junta mandará verificar a veracidade das afirmações feitas aquando da inscrição. Será afastado o produtor que tenha fornecido dados falsos. A ANCRIF atestará a qualidade de produtor dos inscritos;

7.4 — É vedado aos grossistas inscreverem-se, mesmo que sejam simultaneamente produtores;

7.5 — As rejeições até 2% do lote constituirão prejuízo da Junta e serão pagas ao preço da categoria mais baixa prevista para as aves em causa. As rejeições que excederem 2% serão de conta dos produtores;

7.6 — Serão rejeitados os bandos cuja média de peso vivo seja inferior a 1000 gr. por ave;

7.7 — Será de conta dos produtores o transporte das aves até ao centro de abate;

7.8 — Os produtores terão de apresentar as aves nos Centros de abate no dia e hora que lhes forem indicados.

As aves que chegarem depois da hora fixada não serão abatidas e o regresso ao aviário será de conta do produtor;

7.9 — Os centros de abate a utilizar pela Junta serão os seguintes:
— o da UNIAGRI, em Vale de Cambra;
— o do Complexo Avícola de Coimbra, em Coimbra;
— o da empresa PERSUÍNOS, no Ramalhal, Torres Vedras;
— o da empresa AGROABATE, em Santa Comba Dão;
— o da empresa PAL, em Bela Salema, Conceição, Faro.

São de conta desta Junta as despesas do abate, refrigeração, embalagem, congelação e armazenagem frigorífica.

Rua Padre António Vieira, n.º 1 — 1000 LISBOA

Lisboa, J.N.P.P., 4 de Junho de 1981

O CONSELHO DE DIRECÇÃO,

António C. Delicado

Vogal

Cinco moções em debate na Convenção da UEDS

A Convenção, esta manhã

Para discutir cinco moções de orientação política e mais seis moções sectoriais iniciou-se hoje de manhã a 3.ª Convenção Nacional da União da Esquerda para a Democracia Socialista, equivalente ao Congresso deste partido.

Pratos fortes da discussão, que se desenrola hoje e amanhã no Hotel Altis e que culminará com a eleição dos órgãos dirigentes do partido, são as questões relacionadas com a FRS e com a inserção da UEDS no espectro político-partidário português. Sem que se esperem rupturas na Convenção, é certo que a polémica será grande, já que muito diversas são as posições defendidas por algumas das moções.

Desde a dissolução do partido, que se transformaria numa federação de colectivos de militantes políticos empenhados em diversas frentes de luta, proposta numa moção subscrita por António Elói, até à pura integração da UEDS no Partido Socialista, para que aponta a moção de Jofre Justino, as posições divergentes prometem debate fértil. Ele de momento só está ameaçado pela ausência de muitos delegados que foram impedidos de chegar a Lisboa para a sessão de abertura da Convenção devido à greve dos maquinistas da CP e à consequente paralisação dos combóios.

A Comissão Política do partido apresentou, também ela, uma moção de orientaçãoem que, nomeadamente, se defende o alargamento e consolidação da área do socialismo autogestionário, sob a égide da UEDS, que se reflectirá nas próximas eleições locais, no lançamento de uma Corrente Sindical Socialista Autogestionária e na animação de novas frentes, como a luta das mulheres, a de defesa da qualidade de vida, a dos jovens e a das minorias.

As moções sectoriais debruçam-se sobre a juventude, a comunicação social, as energias alternativas e sobre o movimento sindical. Neste último tema é de salientar a apresentação de uma moção subscrita por Kalidás Barreto, do secretariado da CGTP, que defende preferencialmente a manutenção da intervenção dos sindicalistas da UEDS no quadro daquela central sindical, enquanto uma outra, subscrita por Anunciação Soares e Nunes e Costa sustenta a criação de um Movimento Sindical Independente, face à falta de democracia da CGTP-IN e da UGT.

Relatório

Esta manhã, a Convenção Nacional iniciou-se com a leitura, discussão e votação do Relatório do Secretariado Nacional da UEDS.

O Relatório começa por analisar as debilidades organizativas e de militância da UEDS, para depois abordar questões relacionadas com a actividade política do partido. Relevo especial assume a FRS, à qual são assinaladas deficiências também organizativas, e efeitos limitativos ao crescimento da UEDS e ao empenhamento no trabalho do partido dos seus próprios militantes. Apesar de, globalmente, se considerar positiva a criação da Frente, lamenta-se ao mesmo tempo que ela não tenha abrangido outros sectores políticos socialistas. O relatório aborda ainda a actividade parlamentar da UEDS, considerada globalmente positiva.

A Convenção termina amanhã à tarde com uma sessão pública de encerramento, para a qual foram convidados embaixadas, partidos estrangeiros e diversos militantes socialistas sem partido.

Demissão no Executivo açoriano

Embora sem especificar as razões que conduziram à demissão de António Lagarto, ontem apeado das suas funções de Secretário Regional do Trabalho do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral declarou em Ponta Delgada que a demissão de Lagarto se deveu à «necessidade urgente» de o substituir no Executivo.

No espaço de três semanas, lembre-se, esta é a segunda vez que Mota Amaral substitui elementos do seu gabinete. A anterior substituição fora a de Fátima de Oliveira que, alegando motivos pessoais, pediu a demissão das funções de Secretário Regional dos Assuntos Sociais.

António Lagarto, que exercia as funções de Secretário Regional do Trabalho há cerca de cinco anos, será substituído por Álvaro Damasco, que hoje tomará posse em Angra do Heroísmo perante o gen. Conceição e Silva, ministro da República

PUB.

FESTA DA AMIZADE junho

Comissão Concelhia

festa da amizade

5, 6, 7 DE JUNHO

alto das barrocas

colóquios
exposições
artesanato
comes e bebes
espectáculos

E MUITO MAIS ...!

As presenças de:

Ary dos Santos
Carlos Alberto Moniz
Carlos Paulo
Fernando Farinha
Francisco Sela
Helena Isabel
Io Apoloni
João Fernando
José Barata Moura
José Jorge Letria
Luísa Basto
Maria do Amparo
Maria Dulce
Manuel Freire
Nuno Gomes dos Santos
Paulo de Carvalho
Teresa Paula Brito
Sérgio Godinho

OS GRUPOS:

Musica d[illegible] da C.C. Almada
Brigada Victor Jara
Coro Alentejano «Os Amigos do Barreiro»
Grupo «Fado de Abril»
Grupo de Teatro de Campolide
Trovante
UHF

dia 7, Domingo, as 18 horas COMICIO com:

ÁLVARO CUNHAL

SECRETÁRIO GERAL DO P.C.P.

ORG. da COMISSÃO CONCELHIA DE ALMADA DO P.C.P.

concurso DL

1.º Álbum SEMPRE FIXE

QUINTA-FEIRA
Lisboa--23 de Junho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

57

sempre fixe

semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇAO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

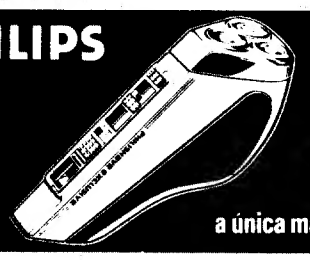
OS NOSSOS CARICATURISTAS *STUART CARVALHAIS*, por ele mesmo

113

RECORTE POR AQUI

Nova Philishave de acção dupla

PHILIPS



prepara o corte e barbeia mais rente

a única máquina eléctrica de barbear de acção dupla

1.º Álbum SEMPRE FIXE

concurso

Stuart Carvalhais

Eis um artista a quem Deus disse:

- Dou-te talento e faze-te milionario!

E logo ele começou a honrar o dom de Deus e a comprometer as suas flebeis finanças.

A sua cabeleira revolta, carregada de feitiços, agitada como a rama dum pinheiro, devia ser o Sinai da sua gloria, a aureola que as musas lhe beijariam, nas horas divinas da inspiração. Stuart, porêm, deixa-a andar á solta, em busca dum ponto cardeal que ele descobre — visionario! — quando está de lapis em punho, mas nunca com o auxilio de um pente.

Os seus olhos pequeninos, turbulentos, inquietos e undivagos nasceram numa gruta marinha, certamente presente de algum seu antepassado que vagueou pelos mares do Norte, no amòr louco das Sirenas.

Da sua barba pode dizer-se que se lhe pegou ao rôsto como o azul ao céo — resiste a Figaro e ao estilo patético dos amigos, que lhe aconselham brandura... nos promontórios.

O riso de Stuart — um riso em que se combina a alegria dos *Borrachos* de Velasquez com a vaga tristeza errante dos soldados de Carlos V — manifesta-se como os regatos que correm entre pedras e hervas altas: necessita um raio de sol, ou antes o abraço dum amigo.

Stuart, quando se sente estimado e admirado, rompe a sua carapaça de névoas e cuidados e ilumina-se, pondo na bôca uma canção. E' costume falar-se dele, nestes termos:

— Se o Stuart trabalhasse, se não fôsse tão desleixado...

Com efeito, ele descura os seus interesses materiais: poderia ajuntar milhões, se obedecesse ao signo que Deus lhe deu.

Mas qual é o artista que não furta á fortuna para entregar á Arte?

A pobresa dos *ateliers* é feita de tesouros que ninguem vê. Um grande sonho — um sonho que dura a vida toda — não se converte em bilhetes de Banco.

Stuart caricatura, desenha, pinta, faz bonecos de graça ingenua e *grimaces* de impureza tragica, vai da bucolica a *charge*, da policromia gritante e matinal ao escuro e claro-escuro dos bécos e almas sem saida — que tempo lhe resta para reunir o seu ouro, contar os seus dobrões e conhecer as mulheres que rondam os artistas como as feiticeiras os meninos?

Stuart, em certas manhãs de desalento, aparece apagado, murcho, desarticulado, decapitado — nas solas dos sapatos, mil leguas do Saharà... E' a sua maneira de assistir ao funeral dum sua ilusão.

Morreu uma das tuas quimeras — ó caminheiro da amargura!

Resolve, então, partir para o Rio de Janeiro, para Paris, para o Telhal, para a noite de Walpurgis ou para o Tahiti...

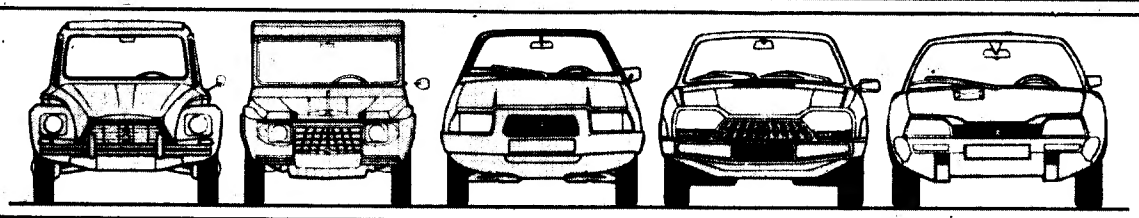
Stuart que, sob o ponto de vista *toilette e figura*, todos os dias se imagina um aspecto novo Rembrandt e Gavarni — umas vezes uma flôr na lapela, um chapeu boémio bailhando-lhe na cabeça, como uma flamula no topo dum mastro, outras vezes o ar dum penitente, os ombros decaindo, implorando a lage dum claustro Stuart, o nosso querido Stuart, nunca sairá de Lisboa, porque esta cidade é a chave do seu enigma, a explicação da sua grandesa e da sua paquenês, o assunto que o seu lapis namora e o licor ardente que lhe acorda no coração as contradicções irremediaveis do seu destino, mas tambem as auroras boreais do seu estro.

Joaquim Manso.

COCAINA

Ilusão

Realidade



entreVista

Pablo Castellano (PSOE) ao "DL"

"Captar os militares? Não, há que criar medidas"

«Como está isso em Portugal?» – Mário Soares ganhou o Congresso. Já calculava, mas como é que foi?» – Pablo Castellano trocou impressões comigo. Momentos depois chegava Felipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE (contra quem Castellano foi um destacado opositor no Congresso de Madrid).

Dirigente da ala esquerda do PSOE, Castellano é um homem convicto. Talvez, por isso, arrisca-se – como dizia um amigo – a tornar-se num eterno perdedor. Durante quase uma hora Castellano falou do PSOE enquanto decorria o Congresso de Extremadura. Não evitou as perguntas, não fugiu ao comentário. Não suscitou a atenção da maioria dos jornalistas portugueses ali presentes. Foram alguns delegados socialistas que me chamaram a atenção para a importância. «Está ali o Pablo Castellano, sabe, é um homem da esquerda». Um homem que veio de Extremadura. É de [illegible]

DL – Você é um dos principais dirigentes da esquerda do PSOE, ao assumir praticamente a liderança da oposição a Felipe Gonzalez. Pensa que, atendendo ao actual momento político que se vive em Espanha, a solução seria uma radicalização à esquerda ou uma política de compromisso com a UCD?

P. Castellano – Bom, creio que o 23 de Fevereiro teve importância suficiente para que todos, a facção socialista e a facção social-democrata, revissem análises. Em primeiro lugar deverei fazer uma autocrítica: quando os companheiros da facção social-democrata nos diziam que não tinha havido ruptura no País, que deveria apenas haver algumas reformas, que a relação de forças não era favorável à esquerda e por isso havia necessidade de uma política moderada, quase cumplice, talvez fosse uma boa análise. Erraram, no entanto, a estratégia. Em consequência dessa política, não só se aprofundou a democracia, como pelo contrário, se fortaleceu de tal maneira a extrema-direita, que bem se pode dizer que hoje as ruas são de extrema-direita, que os assassinatos fascistas ficam impunes e que vão, mais frequentemente para a prisão, os trabalhadores em greve do que os responsáveis dos crimes fascistas.

DL – Então, a esquerda do PSOE tinha razão, afinal?

P. Castellano – Também a esquerda do partido deve autocriticar-se como comecei por dizer. Tínhamos uma estratégia boa, mas uma má análise. Iludimo-nos com a eclosão de liberdade e alegria do 15 de Julho de 77. Não pensámos que ainda não tinha sido desmantelado o aparelho franquista de repressão. Resumindo: os sociais-democratas do PSOE faziam bem a análise e aplicavam a estratégia errada; nós fazíamos uma análise voluntarista e, tínhamos, e creio que continuamos a ter, uma estratégia mais correcta. Não pensamos tanto em ser alternativa de poder ou compartilhar o Poder com a direita...

MARROQUINA E NÃO SUECA

DL – Mas a Monarquia, o Rei...

PC – Em Espanha havia uma certa vocação para uma monarquia tipo social-democrata à sueca, mas hoje a nossa imagem corresponde mais à monarquia de Hassan II. Portanto, a diferença é notável. Em Marrocos também há uma Constituição, mas é um ponto de referência de carácter teórico como em Espanha, visto que quem domina Marrocos é a família real, o exército e toda a corrupção administrativa. Isso permite a existência de um Partido Socialista ou de um Partido Comunista desde que se submetam à Coroa e ao próprio poder e não perturbem o funcionamento da estrutura económica de uma sociedade corrompida. A nossa situação é a mesma...

Pablo Castellano discorre, então, sobre o **«espartilhamento das instituições democráticas numa legislação franquista que põe em causa a própria Constituição e que não foi totalmente revista»** e, referiu-se **«à falta de contrapoder operário»...**

Castellano – ... Existe um conjunto de cidadãos, num sentido amplo, capaz de sair para a rua em manifestações de dois milhões de pessoas a dizerem «Viva a democracia», ou de pararem durante dois minutos num protesto de silêncio, mas isso não serve para nada. Aí eu respondo, tal como o companheiro Allende, quando lhe pediram para trazer as massas para a rua. Ele disse: «Quantas pessoas são necessárias para fazer parar um tanque?». Isto, obviamente, no sentido de falta de organização de massas. Perdemos cinco anos sem organizar a classe operária. Esta milita não em mais de 16 ou 17% nos sindicatos democráticos. A classe operária crê, por vezes, que uma política de esquerda é uma política de carácter populista. Portanto, não organizemos a classe operária e essa é a principal tarefa de um partido que se reclama de marxista e revolucionário, que deve saber que o processo histórico ou tem por detrás contingentes de massas conscienciализados ou, então, é pura aparência de poder que mais não serve que para «integrar» a classe operária e perpectuar um sistema de produção e alienação cultural que são contrários aos nossos ideais. São estas as questões actuais em que se debate o socialismo e a esquerda espanhola. Ou se volta às origens no sentido mais clássico da expressão leninista e marxista, (saber que a função mais importante do partido é a organização da classe operária) ou então ser social-democrata e representar a classe operária nas instituições burguesas. A «esquerda socialista» aspira a organizar a classe operária e não só a representá-la.

MITTERRAND? MAIS RADICAL

DL – Mas tem uma opinião sobre a acção política do rei?

PC – O rei pode ser muitas coisas. Pode ser o cidadão Juan Carlos e pode ser o rei. Enquanto cidadão, tomou uma opção democrática no último golpe de Estado. Mas não se pode atribuir isso à Coroa porque, então, também teríamos de responsabilizar a coroa pela corrupção, por uma aristocracia inepta. O cidadão Juan Carlos defendeu a democracia e estamos gratos, como o estaríamos a qualquer outro cidadão. Mas isso não nos torna monárquicos.

DL – Pensa a esquerda socialista que Felipe Gonzalez vai aceitar uma coligação com a UCD?

PC – Se esse acordo obtiver o apoio da maioria do Partido, a esquerda socialista, que é uma facção, uma organização dentro do Partido, terá que continuar a lutar porque então, o que ficará demonstrado é que a luta ideológica, que é uma das nossas maiores preocupações, não está a dar resultado, porque não a conseguimos fazer compreender. No entanto, não vamos romper com a maioria do Partido nem nos vamos extinguir porque isso seria satisfazer o desejo dos sociais-cristãos e todos aqueles que estão a «mamar» à custa do Vaticano. Continuaremos, portanto, dentro do Partido, a fazer a nossa luta ideológica e vamos a ver... porque a vida é longa e parece-nos que as condições de vida em Espanha não tornam muito viável o projecto social-democrata...

DL – **Você parece ter um discurso ideológico mais radicalizado do que o do próprio Partido Comunista de Espanha...**

PC – Eu respeito o PCE como primo-irmão, irmão e até sobrinho dada a forma como nasceu, porque nós nascemos em 1879 e eles muito depois já com a sua política própria. Eles também fazem parte da esquerda e estão também a cometer os mesmos erros, segundo o meu ponto de vista, que a direcção do PSOE.

DL – Mudando de assunto: Mitterrand venceu as eleições presidenciais francesas. Existe uma facção no PSOE que nem sempre tem estado de acordo com o seu secretário-geral. Este, por outro lado, encontra-se muito próximo de Mitterrand e de Mário Soares. Três dirigentes socialistas, três sociais-democratas, na sua opinião?

PC – Com o muito respeito que tenho a Felipe Gonzalez e a Mário Soares, eu diria que Mitterrand, parece mentira, embora com uma biografia tumultuosa (como a de St.º Agostinho), está muito mais próximo do marxismo que os outros. Só a frase que disse na sua tomada de posse «Vimos falar e fazer em nome dos que fazem a história e de quem nunca se fala» é uma frase que, por si, traduz todo um pensamento. Eu creio que o programa de nacionalizações do Partido Socialista Francês e a recuperação da juventude dão por si a imagem do comportamento mais radical de Mitterrand. Não digo que se deva converter Mitterrand no símbolo da revolução francesa, mas o que afirmo é que trabalhou com uma coerência enorme. O triunfo de Mitterrand também me satisfez porque reflecte algo de muito coincidente com o pensamento da esquerda socialista espanhola. Nós também pretendemos ser um partido com reconhecidas tendências revolucionárias. O seu modelo de acção de unidade da esquerda é também o nosso, sem nenhuma cedência ao Partido Comunista sem nenhuma concessão aos grupos esquerdistas.

MILITARES TERRORISMO.

DL – Pensa que é possível haver no próximo Congresso do PSOE uma confrontação como a que houve no anterior?

PC – Não vai haver nenhuma confrontação de luta pelo poder. O que vamos fazer é tentar convencer os camaradas da necessidade de democratizar o partido, da necessidade de avançar na elaboração de um programa diferente e da urgência de dar atenção aos movimentos populares e às mobilizações de massas. Não vamos para a luta numa atitude de alternativa pessoal. Nós somos alternativa pessoal somente porque queremos corresponsabilizar toda a organização. Não temos nenhuma apetência hegemonista. Vamos procurar que o Congresso do Partido seja mais uma ocasião, como tantas outras, para projectar, para dar a conhecer o nosso pensamento. Vamos tentar, também, além da divulgação das grandes linhas orgânicas, ideológicas e políticas, dar à opinião pública respostas muito pontuais a questões como a cultura, a administração da justiça, os regadios, a desigualdade regional... Enfim temos que começar a dar respostas para que as pessoas digam que ser de esquerda ou de direita não é um problema de «boutade» na manhã de cada eleição. Tem que ser um problema de programa. Portanto, temos logicamente que falar da nacionalização da energia eléctrica, da nacionalização da banca, da planificação democrática da economia... enfim, há que falar de muitas coisas de que hoje não se quer falar porque se prefere moderar a mensagem para a aproximar do esquema mental do eleitorado, em vez de modificar o esquema mental do eleitorado para o aproximar do cumprimento de um ideal.

DL – Você concorda com as recentes medidas aprovadas pelo Parlamento contra o terrorismo?

PC – Votei-as porque tive obrigação de o fazer por disciplina e eu respeito a disciplina de voto no partido. Deixo, no entanto, perfeitamente claro, e não é que seja contra essas leis, porque amanhã até pode haver uma lei antiterrorista e uma lei de estado de excepção ou de sítio, que o problema espanhol não é um problema repressivo. O problema do País Basco também não é um problema repressivo, é um problema político e é necessário sermos muito serenos e sensatos e não fechar a porta a soluções políticas. Eu creio que é um erro, que foi um erro, ter proibido a amnistia na Constituição porque, embora por vezes haja comportamentos de verdadeiro delito comum (matando guardas civis, assaltando bancos), não pode negar-se que há uma motivação e uma intenção política desses crimes que eu radicalmente condeno. Não é através do Código Penal que se vão solucionar os problemas, tem que haver outro tipo de medidas.

DL – Mas qual é a relação possível entre a esquerda e a maioria dos militares espanhóis?

PC – É uma relação absolutamente impossível.

DL – Impossível?

PC – O Exército espanhol não são apenas alguns generais liberais que no seu tempo fizeram a guerra, mas que antes viveram na República. Os quadros médios do Exército espanhol é compostos por militares que começaram a ter algum prestígio lutando na Divisão Azul, ao lado de Hitler e que quando entraram nas academias militares foi quase com a apresentação explícita de um autêntico expediente de impiedade e sangue. Digamos que não entrou nas Academias Militares de Saragoça, Segóvia ou Toledo nenhum filho ou sobrinho de um republicano ou de qualquer socialista autonomista. É um Exército estruturado ideologicamente e não tecnicamente durante a época do franquismo e não é agora, aos 46 anos, que eu, socialista, vou ter a veleidade de pensar que a um fascista militar se vai obrigar a mudar de pensamento só porque eu lhe conto uma história bonita sobre o socialismo. A mim, a coerência leva-me a ser socialista e ao Exército espanhol a mesma coerência leva-o a ser fascista.

DL – A si, portanto, não lhe agrada a ideia de captação dos militares para a esquerda.

PC – Não há que captá-los. Têm é que ser tomadas algumas medidas muito sérias e muito firmes e então vamos a ver se os novos quadros militares começam a pensar de outra maneira. Há que mudar por completo as academias militares. Pode deixar-se ficar um ou outro militar (que também não é muito bom) para falar de balística ou de estratégia porque a guerra é um assunto demasiadamente importante para que o deixemos nas mãos dos militares. Agora o que há que mandar para as academias militares são professores de Constituição, de História, de Sociologia para que comecem a ensinar toda esta gente no sentido de compreenderem que o mundo não é um quartel e que grandes palavras, como honra, pátria ou bandeira encerram muitas vezes microinteresses que se chamam banca, Igreja e exploração.

DL – Mas com o que me tem dito até agora, verifico que só daqui a 20 anos é que é possível alterar a situação...

PC – Se me garantissem que este país mudava daqui a vinte anos a alegria que eu tinha... porque há quatrocentos anos que estamos a tentar mudá-lo.

DL – Então para si a alteração da sociedade espanhola é uma longa maratona....

PC – Aqui pode haver um programa mínimo de imediato, um programa um pouco mais ambicioso a curto prazo e o grande programa será a longo, longuíssimo prazo, porque a relação de forças e a estrutura cultural que estão interligadas demora muito. Mudar o Exército sem mudar o comportamento da Igreja e este sem modificar o do próprio povo que continua alienado e isto implica uma alteração da própria estrutura dos partidos de forma a ser mais democrática, mais participativa, formativa... Alterar o papel desenvolvido pela Imprensa. Isto é muito complicado, é todo um país, e um país é uma rede enorme e quando se olham todas as pontas da rede...

Mercado Comum

DL – Qual a sua posição face à possível entrada da Espanha no Mercado Comum?

PC – Tenho ideias muito claras sobre isso. A entrada no Mercado Comum pode contribuir para uma maior liberdade em Espanha, para um maior bem-estar e desenvolvimento humano. **Agora se o Mercado Comum se destina a congregar as grandes unidades industriais para a exploração da nossa mão-de-obra mais barata, então teremos de reflectir melhor. Portugal e Espanha, ao entrar no Mercado Comum, deverão apresentar uma ética socialista, uma visão terceiro mundista, para que possa ter influência na condução dos negócios e da política da CEE.**

DL – Consta que haverá quase uma chantagem na entrada da Espanha na CEE. Isso só acontecerá se a Espanha aceder também à entrada na NATO. É verdade?

PC – Fala-se muito, muitíssimo nisso. No condicionamento da entrada de Espanha na CEE. De influências a alto nível... Vamos aguardar e ver...

Fernanda Mestrinho

UNIÃO SOVIÉTICA
3 SENSACIONAIS PROGRAMAS
Moscovo e Leninegrado
PARTIDAS 21 JULHO E 18 AGOSTO - 8 DIAS
Moscovo - Leninegrado
Rep. do Báltico
PARTIDA 4 AGOSTO - 15 DIAS
Moscovo e
Rep. Ásia Central
PARTIDA 1 SETEMBRO - 22 DIAS
VOOS DIRECTOS LISBOA-MOSCOVO-LISBOA
PENSÃO COMPLETA - VISITAS DIÁRIAS
BONS HOTEIS TURISTICA E 1ª
ESPECTÁCULOS TEATRAIS
GUIA PORTUGUÊS
EXIJA QUALIDADE
VIAGENS HORIZONTE
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

MARROCOS
A PARTIR DE APENAS POR SOMENTE
6.500$
EXTRAORDINÁRIO FIM-DE-SEMANA
TANGER
AUTOPULLMAN DE TURISMO
COM AR CONDICIONADO
HOTEL C/BANHO PRIVATIVO
A ATRACÇÃO E EXOTISMO DO MUNDO ÁRABE NUMA VIAGEM A PREÇO EXCEPCIONAL
PARTIDAS ÀS 6ªs FEIRAS
LUGARES LIMITADOS
VIAGENS HORIZONTE
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

grandes viagens
CIRCUITOS EM AVIÃO E AUTOPULLMAN
desde 31.250$00 por pessoa
Lagos Italianos e Veneza
Florença e Veneza
Roma, Assis e Florença
Itália, Cidades de Arte
Itália e Costa Azul
Itália Central
Lagos Italianos e Suíços
Suíça
Áustria, Baviera e Suíça
Alemanha romântica
Itália e Jugoslávia
Inglaterra e Escócia
Inglaterra, Escócia e País
Irlanda e País de Gales
Tour da Europa
Jugoslávia
Capitais da Europa Central
Circuito da Tunísia
Mediterrâneo e Mar Negro
consulte o seu agente de viagens
ivo tours
um mundo de viagens à sua escolha

entrevista

Pablo Castellano (PSOE) ao "DL"

«Como está isso em Portugal?», «Mário Soares ganhou o Congresso. Já calculava, mas como é que foi?» – Pablo Castellano troca impressões comigo. Momentos depois chegava Felipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE (contra quem Castellano foi um destacado opositor no Congresso de Madrid).

Dirigente da ala esquerda do PSOE, Castellano é um homem convicto. Talvez, por isso, arrisca-se – como dizia um amigo – a tornar-se num eterno perdedor. Durante quase uma hora Castellano falou do PSOE enquanto decorria o Congresso da Extremadura. Não evitou as críticas, não fugiu ao comentário. Não suscitou a atenção da maioria dos jornalistas portugueses ali presentes. Foram alguns delegados socialistas que me chamaram a atenção com ar orgulhoso: «Está ali o Pablo Castellano, sabe, é um homem de esquerda». Um homem que vem da Extremadura. E da clandestinidade do PSOE, quando ocupava o cargo de secretário-geral do PSOE, em Madrid, quando a maior parte dos outros dirigentes se encontravam no exílio.

"Captar os militares? Não, há que criar medidas"

DL – Você é um dos principais dirigentes da esquerda do PSOE, ao assumir praticamente a liderança da oposição a Felipe Gonzalez. Pensa que, atendendo ao actual momento politico que se vive em Espanha, a solução seria uma radicalização à esquerda ou uma politica de compromisso com a UCD?

P. Castellano – Bom, creio que o 23 de Fevereiro teve importância suficiente para que todos, a facção socialista e a facção social-democrata, revissem análises. Em primeiro lugar deverei fazer uma autocritica: quando os companheiros da facção social-democrata nos diziam que não tinha havido ruptura no País, que deveria apenas haver algumas reformas, que a relação de forças não era favoravel à esquerda e por isso havia necessidade de uma politica moderada, quase cumplice, talvez fosse uma boa análise. Erraram no entanto, a estratégia. Em consequencia dessa politica, não só se aprofundou a democracia como pelo contrário, se fortaleceu de tal maneira a extrema-direita que bem se pode dizer que hoje as ruas são de extrema-direita, que os assassinatos fascistas ficam impunes e que vão mais frequentemente para a prisão os trabalhadores em greve do que os responsáveis dos crimes fascistas.

DL – Então, a esquerda do PSOE tinha razão, afinal?

P. Castellano – Também a esquerda do partido deve autocriticar-se como começei por dizer. Tinhamos uma estratégia boa, mas uma má análise. Iludimo-nos com a eclosão de liberdade e alegria do 15 de Julho de 77. Não pensamos que ainda não tinha sido desmantelado o aparelho franquista de repressão. Resumindo: os sociais-democratas do PSOE fizeram bem a análise e aplicaram a estratégia errada; nós fizemos uma análise voluntarista [illegible] uma estratégia [illegible]. Não pensamos tampouco ser alternativa de poder [illegible] Poder com a direita.

MARROQUINA E NÃO SUECA

DL – Mas o Monarquia, o Rei.

PC – [illegible]

junto de cidadãos, num sentido amplo, capaz de sair para a rua em manifestações de dois milhões de pessoas a dizerem «Viva a democracia», ou de pararem durante dois minutos num protesto de silêncio, mas isso não serve para nada. Ai eu respondo, tal como o companheiro Allende, quando lhe pediram para trazer as massas para a rua. Ele disse: «Quantas pessoas são necessárias para fazer parar um tanque?». Isto, obviamente, no sentido de falta de organização de massas. Perdemos cinco anos sem organizar a classe operária. Esta milita nao em mais de 16 ou 17% nos sindicatos democráticos. A classe operária crê, por vezes, que uma politica de esquerda e uma política de carácter populista. Portanto, nao organizemos a classe operária e essa é a principal tarefa de um partido que se reclama de marxista e revolucionário, que deve saber que o processo histórico ou tem por detrás contingentes de massas conscienciализados ou, então, é pura aparência de poder que mais não serve que para «integrar» a classe operária e perpectuar um sistema de produção e alienação cultural que são contrarios aos nossos ideais. São estas as questoes actuais em que se debate o socialismo e a esquerda espanhola. Ou se volta às origens no sentido mais classico da expressão leninista e marxista (saber que a função mais importante do partido é a organização da classe operária) ou então ser social-democrata e representar a classe operária nas instituições burguesas. A «esquerda socialista» aspira a organizar a classe operaria e não só a representá-la.

MITTERRAND? MAIS RADICAL

DL – **Mas tem uma opinião sobre a acção politica do rei?**

PC – [illegible]

monarquicos.

DL – **Pensa a esquerda socialista que Felipe Gonzalez vai aceitar uma coligação com a UCD?**

PC – Se esse acordo obtiver o apoio da maioria do Partido, a esquerda socialista, que é uma facção, uma organização dentro do Partido, terá que continuar a lutar porque então, o que ficará demonstrado é que a luta ideológica, que é uma das nossas maiores preocupações, não está a dar resultado, porque não se consequencia fazer compreender. No entanto, não vai haver [illegible]

per com a maioria do Partido nem nos vamos extinguir porque isso seria satisfazer o desejo dos sociais-cristãos e todos aqueles que estão a «mamar» à custa do Vaticano. Continuaremos, portanto, dentro do Partido, a fazer a nossa luta ideológica e vamos a ver... porque a vida é longa e parece-nos que as condições de vida em Espanha não tornam muito viável o projecto social-democrata.

DL – **Você parece ter um discurso ideológico mais radicalizado do que o do próprio Partido Comunista de Espanha...**

PC – Eu respeito o PCE como primo-irmão, irmão e até sobrinho dada a forma como nasceu, porque nós nascemos em 1879 e eles muito depois já com a sua politica própria. Eles também fazem parte da esquerda e estão também a cometer os mesmos erros, segundo o meu ponto de vista, que a direcção do PSOE.

DL – Mudando de assunto: Mitterrand venceu as eleições presidenciais francesas. Existe uma facção no PSOE que nem sempre tem estado de acordo com o seu secretário-geral. Este, por outro lado, encontra-se muito proximo de Mitterrand e de Mário Soares. Três dirigentes socialistas, três sociais-democratas, na sua opiniao?

PC – Com o muito respeito que tenho a Felipe Gonzalez e a Mário Soares, eu diria que Mitterrand [illegible] embora com uma [illegible] (como a de S.º Agostinho) esta mais proximo do marxismo que os outros. Só a frase que disse no seu discurso de posse – Vamos fazer e fazer em nome dos que fazem a história e de quem nunca se fala – é uma frase que, por si, traduz todo um pensamento. Eu creio que o programa de nacionalizações do Partido Socialista Francês e a recuperação da juventude dão por si a imagem de comportamento mais radical de Mitterrand. Não diria que se deva converter Mitterrand no símbolo da revolução francesa, mas é uma afirmação [illegible]

[illegible]

[illegible]

[

de ontem para hoje

Açores: duas novas cidades

A Assembleia Regional dos Açores elevou ontem a cidades as vilas da Ribeira Grande (S. Miguel) e da Praia da Vitória (Terceira), numa decisão que foi aprovada por unanimidade e aclamação. A iniciativa pertenceu ao Partido Socialista, mas o plenário acabou por aprovar as propostas elaboradas pela Comissão Permanente de Assuntos Políticos e Administrativos.Ribeira Grande, situada a cerca de dezoito quilómetros de Ponta Delgada tinha sido elevada a vila em1507, e Praia da Vitória em 1480.

Em Julho, Agosto e Setembro: fronteiras abertas 24 horas consecutivas

As fronteiras de Caia, Vilar Formoso, Vila Verde de Raia, e Valença, vão estar abertas 24 horas consecutivas, durante os próximos meses de Julho, Agosto e Setembro, numa decisão ontem tomada pelo Ministério das Finanças e Plano. A medida foi determinada, segundo refere aquele departamento governamental, «tendo em atenção o bom acolhimento que deve ser prestado aos emigrantes». Por outro lado, diz a nota ministerial, o tráfego pesado, naquelas fronteiras, será separado do restante e estabelecer-se-ão dois canais de saída e dois de entrada, sendo um para portugueses e outro para estrangeiros. Quanto ao posto aduaneiro do Aeroporto de Lisboa, resolveu o Ministério das Finanças e Plano que este funcione com dois canais para portugueses e estrangeiros, no que se refere também a saídas e entradas.

«Tatoo» em Évora: com as bandas dos Fuzileiros «Páras», GNR e Comandos

Um «tatoo» de bandas militares, em que participarão fuzileiros pára-quedistas, Regimento de Comandos e a charanga a cavalo da GNR encerrará o Quarto Festival de Bandas Militares a realizar em Évora, de 12 a 19 do corrente. O festival, soube-se ontem, é organizado pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas, de colaboração com a Região Militar do Sul, Câmara de Évora, Lusitano Ginásio Clube e Centro Cultural de Évora. No âmbito da manifestação haverá uma exposição fotográfica no Palácio de D. Manuel. Antes do espectáculo final, actuarão nos dias 12, 17 e 18, no Teatro Garcia de Resende, as bandas representativas dos diversos ramos das Forças Armadas e militarizadas portuguesas. Na mesma altura será comemorado o septuagésimo aniversário da proclmação de «A Portuguesa». Composto por Alfredo Keil, com letra de Henrique Lopes de Mendonça, o hino surgiu no final de 1890 como resposta ao Ultimato da Grã-Bretanha a Portugal por causa da divisão do continente africano (mapa cor-de-rosa).

«Cooperativa Realidade» de Matosinhos: oitavo aniversário com sete blocos em fase de acabamento

A Cooperativa de Habitação Realidade, de Matosinhos, tem estado a comemorar o seu 8.º aniversário na altura em que se encontram em fase de acabamento dois dos sete blocos em construção. Para uma segunda fase estão projectados mais sete blocos com 250 fogos, um infantário, supermercado, auditório, bliblioteca, pavilhão gimnodesportivo, centro de convívio, parque infantil e lavandaria. As comemorações culminam, esta noite, com uma visita ao empreendimento, seguida de jantar para o qual foram convidadas várias entidades oficiais, designadamente o ministro e o secretário de Estado da Habitação e Obras Públicas.

«Estrela do Ocidente»: mais um pesqueiro português apresado em Marrocos

O barco de pesca «Estrela do Ocidente», matriculado no porto de Olhão, foi ontem apresado por patrulhas da Marinha de Guerra marroquina quando pescava em águas exclusivas daquele país.

A embarcação que tem uma tripulação de 23 homens, foi conduzida para o porto de Casablanca.

Feira Industrial e Agrícola: «CIOL/81» vai arrancar em Oliveira de Azeméis

A Primeira Feira Industrial, Comercial e Agrícola de Oliveira de Azeméis (CIOL-/81) – Aveiro – vai realizar-se nos próximos dias 18 a 26. Em comunicado ontem divulgado pela Comissão Organizadora refere que o certame «vai ser também e essencialmente de turismo». Com vista a mostrar o que na região existe de interesse turístico.

Organizada pela Casa de Inglaterra: exposição em Coimbra sobre recursos energéticos

Uma exposição de livros e periódicos ingleses sobre recursos energéticos encontra-se patente em Coimbra, no Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia. A mostra, que contém mais de duas centenas de obras recentemente publicas na Grã-Bretanha, estará aberta ao público até à próxima terça-feira. Os temas abrangidos vão desde a «Conservação e Meio Ambiente» até à «Política e Economia» passando pelos «Recursos energéticos de Alternativa», «carvão, electricidade, energia nuclear, petróleo e gás» e «Recursos Energéticos e Produção». A exposição é organizada pela Casa de Inglaterra, sendo Portugal o primeiro país onde é apresentada, devendo seguir para Espanha e outros países.

Os sacos levados das praias atingidas, deverão ser «arrumados» num depósito de lixo da Caparica

Interditas hoje e amanhã as praias afectadas pela maré negra

Por «questões de segurança, relacionadas com a movimentação de 1200 homens e dezenas de escavadoras e de tractores empenhados na limpeza do areal afectado pela nafta», a zona que se estende entre a Praia do Rei e a Lagoa de Albufeira irá estar interdita ao público afirmou este manhã ao «DL» o comandante Nélson de Sousa, coordenador da operação. Por outro lado, um informador da Capitania do Porto de Lisboa, não avançou pormenores sobre a possível identificação do petroleiro responsável pela onda de «maré negra», o qual, conforme ontem constava, será um cliente habitual dos estaleiros da Lisnave.

Outro elemento importante que recolhemos junto dos Bombeiros Voluntários da Costa da Caparica, de onde desde as sete horas de hoje começaram a partir as brigadas de limpeza, integradas por elementos do Exército, dos Fuzileiros Navais e da Cruz Vermelha (representada no local por setenta homens apoiados por duas ambulâncias todo-o-terreno e um camião-cozinha para reforço das rações de combate): os sacos contendo os detritos deverão, em princípio, ser depositados num vazadouro pertencente à Junta de Freguesia da Costa da Caparica, devidamente protegidos por um amplo «lençol» de plástico de forma a evitar o seu contacto com o solo. Só ontem foram embalados oito mil sacos, prevendo-se que até ao final das operações serão removidas quatrocentas toneladas de areia e nafta.

Os sacos, depositados ao longo da estrada Caparica-Fonte da Telha por tractores cedidos e conduzidos por pescadores que o utilizam para puxar para terra os seus barcos, serão depois transportados para o vazadouro por forças do Regimento de Engenharia da Pontinha. «Temos obtido uma admirável resposta dos pescadores», comentou, a propósito, o major Pontes Miquelino, delegado do Quartel-General à operação, lamentando, no entanto, não ter visto outros elementos da população da zona como voluntários.

Detritos de crude: nem para asfaltar

A faixa de nafta visível ao longo das praias afectadas apresenta uma largura visível de três a cinco metros, mas em vastas áreas, aparentemente incólumes, as pás põem a descoberto lençóis de crude (petróleo em bruto) cuja profundidade, em alguns casos, ronda o meio metro, e até agora ocultos pela areia arrastada pelas marés. A natureza dos detritos, em que é maior o volume de areia poluída do que o crude poluente, impede tecnicamente a eliminação deste último pelos serviços especializados da Lisnave. Pela mesma razão foram postas de parte as hipóteses inicialmente aventadas de utilização dos detritos em obras de asfaltagem. Quanto a enterrar a mistura de areia e crude ou usá-la como entulho, em aterros, é igualmente uma solução excluída, pois, de acordo com os técnicos, poderia dizimar a flora local e inquinar águas subterrâneas, tributárias de fontes públicas.

O hebraico quer impor-se em Portugal

Terminou na Guarda o I Encontro Internacional sobre História do Povo Judeu nas Beiras. Das conclusões apuradas durante os trabalhos ressalta uma preconizando a inclusão duma rubrica sobre o povo judeu, ou hebraico, nos programas de História do Ensino Secundário em Portugal.

O Encontro foi uma iniciativa da Associação de Amizade Portugal-Israel, e nos trabalhos participaram duas dezenas de professores em representação de sete universidades – de Portugal, Espanha, França, Alemanha e Israel. Esteve também o embaixador de Israel em Lisboa, Dov Halevy Milman.

Outra resolução aprovada diz que se vai pedir ao Governo português no sentido da abertura de leitorados (de português) em universidades israelitas; e, à embaixada israelita em Portugal, bolsas de estudo para estudantes portugueses interessados no hebraico. Ao Governo português vai ser pedido que o hebraico tenha valor de cadeira de opção nos cursos da Faculdade de Letras.

Foi também decidido pedir às autarquias a conservação ou recuperação das judiarias, onde porventura existam. Aos arquivos da Guarda pede-se a protecção da documentação respeitante à história da comunidade judia no distrito, e preconiza-se a criação dum centro documental de investigação hebraica em Portugal.

O Encontro da Guarda terminou com uma palestra do jornalista Manuel Cadafaz de Matos sobre a canção popular «sefardin».

O II Encontro terá lugar em Moncorvo, no ano que vem.

Abecassis anunciou ontem

Festas da Cidade/81 sob a tónica antoniana

As Festas da Cidade de Lisboa/ 81 decorrerão sob a tónica das comemorações antonianas, coincidindo em grande parte com diversos actos e cerimónias alusivas ao padroeiro da capital. De acordo com o presidente da CM, será uma forma de Lisboa recuperar a dívida que tem para com Santo António, esquecido pelas entidades públicas, mas no coração de todos os portugueses.

As Festas da Cidade de Lisboa, propriamente ditas, abriram com a 5.ª Feira do Livro, há mais de uma semana, e fecham a 30 do corrente, no Teatro de S. Luiz, com um espectáculo a cargo da Companhia Nacional de Bailado. Terão os festejos três componentes básicos: desporto, cultura e participação popular. Fazer das Festas da Cidade de Lisboa, este ano, um resumo da sua vida do ano em todos os aspectos e manifestações, é o grande objectivo da CML, principal responsável pelos festejos. Aliás, ainda segundo Krus Abecassis, que falou aos jornalistas com Pedro Feist, Gomes Pinho e Vasconcelos Abreu, não se trata de «dar pão e circo», como reza uma expressão lastina, às pessoas, nem uma diversão pontual, mas antes de traduzir em poucos dias aquilo que se vive todo o ano.

De entre as manifestações populares, desportivas, culturais e turísticas que darão cor e vida às Festas da Cidade/81 avultam a I Grande Corrida de Santo António de Lisboa em Atletismo no dia 13 de Junho (à noite), a retrospectiva de Pier Paolo Pasolini (no S. Luiz), a Exposição Documental e Iconográfica «O Rio Tejo», desfile das marchas populares na Avenida da Liberdade (no dia 12), um passeio turístico no Tejo, um concurso de pesca, a Exposição Canina Internacional de Lisboa, provas de motonáutica, uma prova no campo do Oriental, um Lisboa-Porto em futebol júnior, teatro para surdos no dia 18, ginástica, natação por mais de uma vez e a Exposição dos Artistas dos «Ateliers» Municipais.

O presidente da CML adiantou ainda que na próxima reunião da Câmara, já na segunda-feira, fará uma proposta à vereação no sentido dos terrenos do alto do Parque Eduardo VII serem cedidos para a construção da Catedral de Santo António das Comunidades, no lado contrário ao espaço destinado ao Centro de Congressos de Lisboa, uma outra aspiração do executivo municipal que há não muito tempo adquiriu o «Maria Matos» para que Lisboa tenha o teatro que «a vereação não pode dar porque não tem que o fazer» sublinhou Krus Abecassis

Maio:

Doze mil infracções ao trânsito no Porto

Porto, 6 – A PSP do Porto registou cerca de doze mil infracções às regras de trânsito, na área da cidade, durante o passado mês de Maio, o que dá uma ideia, ainda que aproximada, já que só uma parte dessas infracções são objecto da acção policial, da capacidade do seu espaço urbano portuense, para o número de viaturas que nele circulam e do crescente caos que o caracteriza. Daquele total, cerca de uma quarta parte foi registada pela secção de trânsito e a quase totalidade das restantes pelas esquadras da PSP da área urbana do Porto. Estes números foram divulgados ontem no decurso da reunião mensal, no comando da PSP, com os representantes dos órgãos de Informação. De referir que a desobediência à sinalização, os estacionamentos perigosos e as manobras perigosas (grande parte das quais com apreensão de carta) corresponderam a cerca de metade das infracções em causa. Durante esse período, a PSP rebocou 368 viaturas da via pública, não tendo sido em número mais elevado por falta de meios.

No tocante a furtos e roubos, a PSP constata que o seu número, com o início da época de Verão, começa a aumentar na periferia da cidade e a ter uma ligeira redução no centro.

Psicólogos portugueses desejam uma «Ordem»

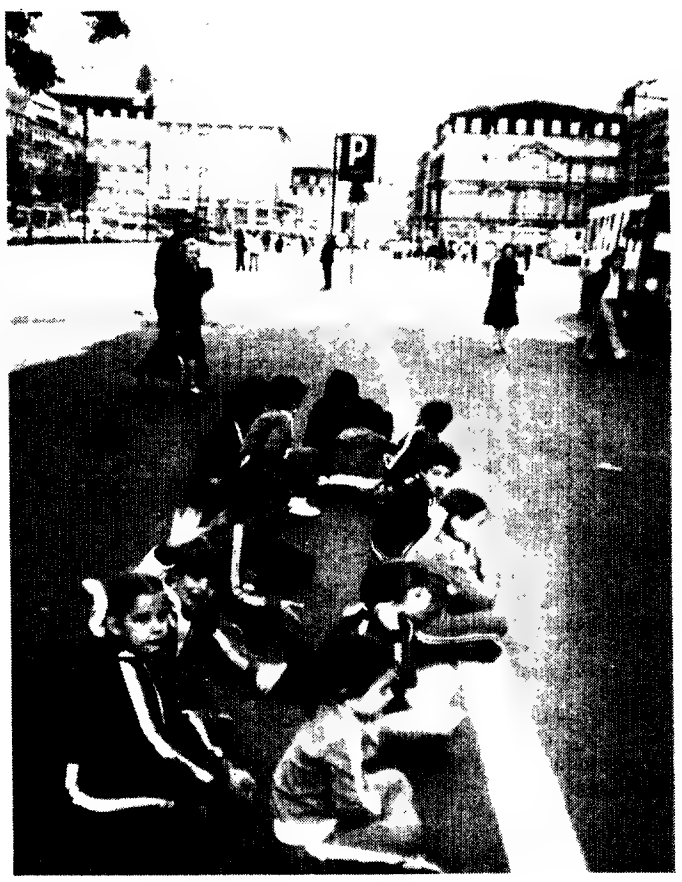
O papel do psicólogo em Portugal e no mundo restringe-se cada vez menos a uma acção de avaliação e diagnóstico para cada vez mais se sumir no campo da intervenção e consequentemente na modificação dos comportamentos e/ou situações.

Isso mesmo aliás, foi vincado durante o II Encontro Nacional de Psicologia, durante o qual a classe foi questionada sobre o seu futuro entre nós, responsabilidades, campo de acção e todo um conjunto de questões e preocupações, que bem se pode dizer que a psicologia portuguesa saiu reforçada, ao nível dos seus elementos, da reunião.

Psicologia Social-/Organizacional e Psicologia Clínica/Psicologia Educacional foram os sectores porventura mais agregadores e significativos em termos de discussão e participação durante este II Encontro Nacional de Psicologia, e aqueles, afinal de que resultaram as conclusões de maior impacto no conjunto dos trabalhos. No segundo ponto, em torno da psicologia clínica/psicologia educacional, a moção final aprovada pelos participantes insiste na necessidade da definição do papel do psicólogo dentro das instituições e das equipas interdisciplinares, que se faz, sobretudo, pela «própria identidade de um modelo téorico constantemente confrontado pela actuação prática».

A situação no tocante ao âmbito do campo de intervenção do psicólogo não se alterou significativamente nos últimos meses, como reconheceram os interessados durante este II Encontro Nacional. No entanto, ressalvaram, na a registar o aparecimento de um número importante de experiências que apontam para um alargamento no campo de trabalho do psicólogo Social/Organizacional e para novas metodologias e abordagens. Exemplos disso são a passagem do indivíduo à organização como unidade de análise e intervenção e a emergência de uma prática que se pode integrar no conceito de Psicologia Social Clínica. Neste aspecto específico, uma moção aprovada pelos psicólogos participantes aponta para a criação de um grupo de estudos e intervenção organizacional a incluir numa estrutura mais ampla: uma Associação de Psicólogos com fins científicos e de desenvolvimento profissional, moção essa cuja importância e acuidades será desnecessário assinalar.

Relações entre psicólogos e outros técnicos, seu âmbito de actuaçaõ que, do âmbito restrito do indiíduo se deve alargar à intervenção nos grupos em que o indivíduo está inserido, foram questões igualmente tratadas no Encontro, que também vai exigir das entidades governamentais a rápida resolução da situação discriminatória em que se encontram alguns diplomados pelo ISPA (curso reconhecido pelo MEC e que não habilita os seus detentores a leccionarem psicologia no Unificado com habilitação própria), e criar uma instituição apta a regulamentar e controlar a actividade profisional da classe, estabelecer um quadro de carreiras, apontando para a possibilidade de se vir a estabelecer com a forma jurídica de uma Ordem.



Dia Mundial do Ambiente:

Restauradores ocupados

Cerca de mil ginastas de ambos os sexos, oriundos de Jardins Infantis e de escolas da Grande Lisboa e de Setúbal, fizeram ontem à noite, entre as 21 e as 24 horas, uma ocupação simbólica do centro dos Restauradores, «obrigando» à interrupção do trânsito a partir da Rua Alexandre Herculano. Tratou-se de uma manifestação integradas nas comemorações do Dia Mundial do Ambiente, efeméride que a ASDI aproveitou para apresentar em S. Bento um Projecto de Lei sobre a Defesa do Ambiente, da Paisagem e do Património. O diploma prevê protecção contra o ruído e a poluição da água, protecção dos solos férteis, da floresta e da paisagem arquitectónica. Bem assim como contra as indústrias perigosas e insalubres, a poluição, os maus cheiros e gases tóxicos, exigindo ainda a defesa do património histórico e monumental e dos parques e jardins privados. O preâmbulo do projecto recorda outros diplomas anteriormente apresentados pela ASDI sobre a poluição marítima por descargas de petróleo, a defesa da zona ribeirinha de Lisboa, da Serra de Sintra e de paisagens e sítios. Por outro lado, o Governo Regional da Madeira propôs à Assembleia da República que o Poder Central preste assistência à preservação das Ilhas Selvagens como reserva natural. As Ilhas Selvagens tinham sido transformadas em reserva em 1971, com base numa Lei de 1970, posteriormente revogada.

Ramalho Eanes trocando impressões com alguns dos elementos da comissão organizadora da Feira de Santarém

Na Feira de Santarém

Eanes sublinhou a necessidade de modernização da agricultura

Ao inaugurar ontem à tarde a Feira Nacional de Agricultura, em Santarém, o Presidente da República, general Ramalho Eanes, fez uma breve intervenção em que sublinhou a necessidade de modernização da agricultura portuguesa, que absorve 28 por cento da população activa e apenas representa 16 por cento do produto nacional bruto.

Eanes, depois de lembrar que 50 por cento dos produtos alimentares consumidos no nosso País são importados (situação que significa uma percentagem de 30 por cento do défice da balança comercial), considerou que só um esforço de melhoria nos planos técnico e tecnológico de todos os que trabalham na agricultura poderá permitir a nossa independência em relação ao exterior.

O Presidente da República, que elogiou a Feira, teve ainda palavras de incentivo aos agricultores, empresários agrícolas e técnicos do sector para que sejam criadas condições reais de admissão de Portugal no Mercado Comum.

Eanes, no início da sua intervenção, manifestou agrado pela presença do presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, naquela feira que «é parte integrante da cultura portuguesa».

À sua entrada no recinto daquela exposição anual, a comitiva oficial foi saudada por uma guarda de honra composta por campinos pertencentes a diversas casas agrícolas da região.

No âmbito do certame, que este ano tem como tema central a integração da agricultura portuguesa na CEE, foi também ontem inaugurada, pela primeira vez, uma exposição retrospectiva da Feira constituída por documentos fotográficos, medalhas, cartazes, programas e catálogos. Esta iniciativa, segundo os organizadores da XVIII Feira Nacional da Agricultura e XXVIII Feira do Ribatejo, pode constituir o primeiro passo para a futura criação de um «Museu da Feira».

Um aspecto das pessoas que se concentraram em frente à Casa do Campino, aguardando a passagem do general Eanes, durante a sua visita ao certame

A exposição anual, que está aberta ao público até ao próximo dia 14, engloba todos os sectores relacionados com a agro-pecuária, cobrindo uma área de quatro mil metros quadrados. Nela estão representados 39 países estrangeiros, além dos expositores nacionais, num total de 340 representações. Na sua organização foram investidos cerca de 14 mil contos e para o próximo ano o recinto destinado ao certame será alargado, passando a ter uma área total de 100 hectares.

Os organizadores da Feira do Ribatejo, se as condições de tempo se mantiverem, esperam uma afluência de cerca de meio milhão de visitantes.

«Semana da Integração»

Também integrada nas realizações do certame, decorre de 8 a 12 a «Semana da Integração Europeia», durante a qual vários especialistas nacionais e estrangeiros abordarão os vários aspectos daquele tema, numa série de colóquios que se realizarão na Casa do Campino, em duas sessões diárias.

O dia de ontem na Feira foi dedicado à cidade de Santarém, tendo-se efectuado um concurso nacional de equinos, largada de touros, uma exibição de folclore pelo Grupo Académico de Danças Ribatejanas e ainda uma corrida de touros.

As jornadas seguintes, constantes do programa e que decorrem até ao último dia da feira, serão dedicadas respectivamente, ao cão de caça, à CEE, à produção, a Portugal, ao cavalo, ao inventor, ao expositor e à máquina.

Presentes na Feira deste ano delegados da RFA, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália, Grã-Bretanha e Estados Unidos, além dos habituais pavilhões dedicados ao desporto, alfaias agrícolas, artesanato, pecuária, campismo e conservas, representativos de empresas públicas e privadas, bem como de diversos organismos oficiais.

No domingo, a Feira de Santarém será visitada pelo Primeiro-Ministro Pinto Balsemão.

Empresas portuguesas em 1978

25 grandes acima dos três milhões

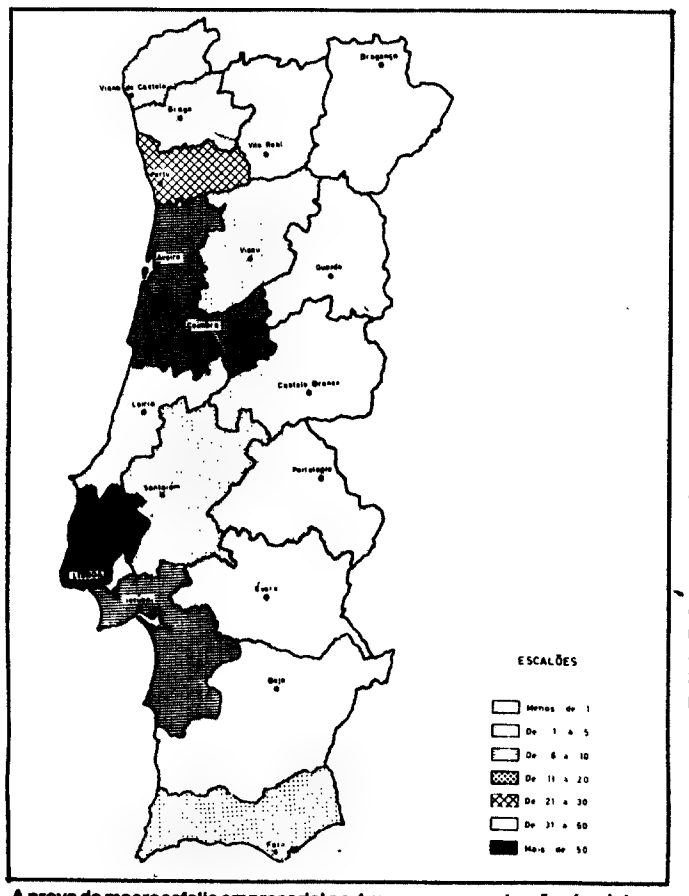
Vinte e cinco empresas portuguesas facturaram em 1978 mais de três milhões de contos, surgindo à cabeça de todas elas a Petrogal, com cerca de cinquenta milhões de receitas e em último, neste verdadeiro pelotão de elite empresarial, a Philips Portuguesa com três milhões e 78 mil contos.

Destas 25 grande da indústria, comércio e serviços em Portugal, 15 são empresas públicas entre elas todas as cinco maiores – Petrogal, EPAC, EDP, TAP e Quimigal – e 10 privadas, embora algumas com capitais mistos. A principal empresa privada é a Shell Portuguesa surgindo neste grupo também a Mobil e BP, o que, acrescido ao papel predominante da Petrogal, nos diz que a refinação, distribuição e comercialização de petróleos e derivados é a principal actividade industrial e comercial em Portugal.

A Lisnave é a primeira empresa privada de prestação de serviços – no caso, reparações navais. A montagem de automóveis, principalmente da Ford e do Entreposto, ganha posição de relevo, tal como a aparelhagem electrónica principalmente através da Grundig e da Philips.

Segundo um estudo do Instituto Nacional de Estatística, agora divulgado e de onde recolhemos estas informações e os dados para a elaboração da classificação no campeonato dos grandes grupos empresariais no nosso País, as grandes empresas concentram-se maciçamente no concelho de Lisboa, com um alargamento às zonas Porto/Vila Nova de Gaia e Famalicão/Guimarães, no Norte, e Setúbal/Barreiro, no Sul.

Fora destas concentrações industriais, surgem já em lugar distanciado a Figueira da Foz, com a Celbi-Celulose da Beira, em 14.º lugar entre as indústrias transformadoras, S. João da Madeira, com a Oliva, e Viana do



A prova da macrocefalia empresarial portuguesa: concentração absoluta na Grande Lisboa, eixo Barreiro/Setúbal e Porto/Guimarães com destaque negativo para os distritos de Vila Real, Bragança, Guarda, Évora e Beja

Castelo, com os Estaleiros, ainda no sector de transformação. Em Coimbra, a principal empresa é a Auto-Sueco (montagem de automóveis) – um milhão e 100 mil contos de facturação e 371 empregados.

Para se confirmar esta macrocefalia empresarial, forçando outras distorções como as culturais e as do desenvolvimento socioeconómico, vejam-se as principais empresas noutros distritos do continente:

Castelo Branco - Beralt Tin & Wolfram, que extrai minério nas Minas da Panasqueira: é a 16.ª nas «Actividades diversas» com um volume de produção de 850 mil contos e 1 363 trabalhadores;

Aveiro - F. Ramada, aços, em 48.º lugar nas transformadoras: 1 100 mil contos de facturação e 1 385 trabalhadores;

Faro - Torralta, turismo e indústria hoteleira, com 937 mil contos e 3 244 funcionários. A sede é em Lagos, mas as unidades hoteleiras dispersam-se por outros distritos do País.

Guarda – Citroën Lusitana, montagem de automóveis, em 63.º lugar na indústria transformadora, com 950 mil contos de receitas e 452 trabalhadores;

Tomar - Fábricas Mendes Godinho, de aglomerados de madeira, com 900 contos de facturação e 1 329 empregados;

Abrantes - Construtora Abrantina, em 31.º lugar entre as empresas de actividades diversas, com 500 mil contos e 1 235 funcionários;

Portalegre – Finicisa fibras sintéticas, com 930 mil contos de facturação e 326 empregados.

Entre as 25 empresas principais do País, cujo quadro hierárquico de facturação junto se publica, incluímos a Sogrape de produção e comercialização de vinhos. No entanto esta é uma das empresas que não autorizaram o INE a divulgar as informações prestadas. Outras, em idênticas circunstâncias, são a Robbialac, Mocar, as empresas de construções Arnaldo de Oliveira, Tecnovia, Thomaz dos Santos e Simões da Silva, mais a Snapa, Sovena e Texas Instruments.

Simplesmente, dos dados públicos conhecidos, a primeira empresa que surge na listas das maiores, em 21.º lugar, sem autorizar divulgação dos seus dados de base, deve mesmo ser a Sogrape, pois ainda recentemente foi divulgado o relatório e contas de 1980 verificando-se que vendeu só para exportação 2,1 milhões de contos. Esta empresa realizou no ano passado lucros de 84 709 contos.

De 1978 para cá praticamente todas as empresas referidas cresceram substancialmente – o que pode medir-se pela Petrogal, embora com a influência excepcional da explosão dos preços do petróleo e do seu consumo – pois a primeira de todas, que, nessa data, facturava 50 milhões anuais, teve de receitas em 1980 nada menos do dobro, cem milhões de contos.

Daniel Reis

	DESIGNAÇÃO SOCIAL	SEDE	ACTIVIDADE PRINCIPAL	RECEITAS	CAPITAIS PRÓPRIOS	PESSOAS AO SERVIÇO
1.	Petróleo de Portugal, EP (PETROGAL)	Lisboa	refinação de petróleo	49.024.058	11.891.707	6.805
2.	EPAC-Empr. Públ. Abastec. Cereais	Lisboa	cereais e sementes	20.272.822	2.411.005	2.189
3.	EDP-Electricidade de Portugal	Lisboa	electricidade	17.298.913	25.337.129	15.044
4.	Transportes Aéreos Portugueses	Lisboa	transportes aéreos	12.332.704	2.817.144	9.224
5.	Quimigal-Química de Portugal	Lisboa	adubos	11.878.975	13.766.000	6.875
6.	Shell Portuguesa, SARL	Lisboa	combust. e lubrificantes	11.147.815	1.291.795	675
7.	Correios e Telecomunicações	Lisboa	correios e telecomunic.	10.523.088	816.843	29.266
8.	Siderurgia Nacional, E. P.	Lisboa	Produção de aço	10.958.766	9.108.918	5.872
9.	Tabaqueira – Empresa Industrial de Tabacos. E. P.	Lisboa	Tabacos	9.229.579	147.482	1.858
0.	Mobil Oil Portuguesa, SARL	Lisboa	Petróleos	7.635.375	1.435.781	426
11.	CIMPOR – Cimentos de Portugal, E. P.	Lisboa	Cimentos	6.287.037	11.487.939	2.423
12.	PORTUCEL-Empresa de Celulose e Papel de Portugal, E. P.	Lisboa	Pasta para papel	5.960.219	5.886.929	6.787
13.	LISNAVE – Estaleiros Navais de Lisboa, SARL	Lisboa	Reparação naval	5.585.022	1.874.092	9.445
14.	Administração G. Açucar e Alcool	Lisboa	ramas de açucar e álcool	5.357.373	1.006.230	305
15.	Rodoviária Nacional	Lisboa	transportes rodoviários	5.304.074	4.482.918	14.281
16.	Ford Lusitana SARL	Lisboa	montagem de automóveis	4.632.796	373.688	964
17.	Telefones de Lisboa e Porto	Lisboa	telecomunicações	4.614.919	549.091	11.654
18.	Comp. Port. Petróleos (BP), SARL	Lisboa	combust. e lubrificantes	4.429.916	1.006.230	435
19.	Caminhos de Ferro Portugueses	Lisboa	transportes ferroviários	4.185.603	14.357.832	25.552
20.	Companhia Nacion. Navegação	Lisboa	transportes marítimos	3.869.952	1.265.680	2.691
21.	Sogrape-Soc. Comerc. Vinhos Mesa	Lisboa	comercialização vinhos			
22.	Grundig Electrónica de Portugal	Lisboa	aparelhagem electrónica	3.461.344	641.335	2.611
23.	Entreposto Comercial de Automóveis – ENTRAUTO, SARL	Lisboa	Automóveis	3.227.192	322.132	1.306
24.	SUPA-Comp.ª Portuguesa de Supermercados, SARL	Lisboa	Produtos alimentares	3.156.954	259.715	2.275
25.	Philips Portuguesa, SARL	Lisboa	Electrodomésticos	3.078.335	980.155	1.541

LUSANOVA
turismo

Avenida João XXI, 9-A — Largo Martim Moniz, 6-A
T.s. 862194-894311-894480

FÉRIAS 1981

CONSULTE O N/ CATÁLOGO
NOVOS PROGRAMAS — NOVOS PREÇOS

O SEU FILHO É NOSSO CONVIDADO

Aumentam exportações para a URSS

As exportações portuguesas para a União Soviética deverão aumentar este ano de 50 milhões de dólares para 75 milhões (ou seja: três milhões e 750 mil contos) em função do protocolo comercial, ontem assinado em Lisboa, na conclusão dos trabalhos da Comissão Mista Luso-Soviética.

Está quantificação previsível das exportações portuguesa para a URSS foi feita pelo secretário de Estado do Comércio Walter Marques, que chefiou a delegação portuguesa.

Pela parte soviética assinou o vice-ministro do Comércio Externo, Alexei Manjulo.

Construção e reparação naval, têxteis, cortiça, e vinho do Porto foram as exportações referidas por Walter Marques como possíveis de considerável expansão para o mercado soviético.

As importações portuguesas provenientes da URSS ascenderam em 1980 e 140 milhões de dólares (cerca de 8.400 milhões de escudos) prevendo-se para 1981 que atinjam 200 milhões – revelou Walter Marques.

João Salgueiro, presidente do IIE, e o chefe da delegação de banqueiros japoneses, transmitem aos jornalistas as observações recolhidas durante a visita de prospecção para o investimento nipónico em Portugal

O conselho de banqueiros japoneses:

Promover a imagem para atrair investimentos

A insuficiência de infra-estruturas em Portugal é um dos principais obstáculos ao investimento estrangeiro disseram ontem, em Lisboa, banqueiros japoneses que estudaram a economia portuguesa.

Numa conferência de imprensa promovida pelo Instituto do Investimento Estrangeiro e pelo Banco de Fomento Nacional, um representante do «Long Tern Credit Bank of Japan» T. Yamamura, deu a conhecer as impressões com que ele e uma delegação do seu Banco ficaram sobre o clima de investimento em Portugal.

Trata-se, segundo afirmou, de um país com «excelentes potencialidades» para o investidor estrangeiro, mas que precisa promover a sua imagem e atrair investimentos no exterior.

As vantagens comparativas salariais e a estabilidade política foram dois factores positivos apontados como muito importantes para as decisões de investir em Portugal.

Sobre os incentivos ao investimento directo estrangeiro Yamamura declarou que o sistema português de incentivos fiscais e financeiros não é tão favorável como os de outros países europeus.

Após salientar as perspectivas que se abrem ao investidor com a entrada de Portugal, na CEE, concluiu pelo interesse que certamente terão os empresários japoneses ao conhecerem melhor a realidade Portuguesa.

VEM AÍ PETRÓLEO MEXICANO – Foi firmado ontem na capital mexicana um contrato para a venda de 10 000 barris diários de «crude» a Portugal pelo director das companhias dos petróleos mexicanos «Pemex» Jorge Diaz Serrano, e o director da Petrogal, companhia petrolífera estatal portuguesa, Pedro Pires.

A «Pemex» embarcará 400 000 barris em Agosto, que serão utilizados como prova pela Petrogal e como início do contrato que ligará as duas empresas até final do ano.

O acordo será renovado para 1982 e preve-se a possibilidade do tratamento de «crude» mexicano nas refinarias portuguesas, o que permitirá ao México reforçar o envio de produtos elaborados para a Europa e vários países africanos.

A QUIMIGAL EM MOÇAMBIQUE – A Quimigal ganhou um concurso lançado por Moçambique para a cedência de «Know How» ao sector intervencionado de óleos e sabões, contrato que terá a duração de dois anos e proporcionará um rendimento de 117 800 contos.

O sector intervencionado de óleos e sabões é constituído por cinco empresas localizadas no Maputo, Inhambane, Chimoio e Quelimane.

A Quimigal apoiará a gestão das empresas moçambicanas e assegurará a recuperação das suas instalações industriais, formará em Portugal cerca de 40 técnicos moçambicanos e estudará e proporá as medidas necessárias ao seu redimensionamento.

O contrato inclui o apoio a prestar pela Quimigal à organização de uma direcção para este sector, integrada no Ministério da Indústria e Energia.

Para o cumprimento dos objectivos a que se propõe, aquela empresa pública portuguesa colocará em Moçambique uma equipa de 12 gestores e técnicos, a título permanente e enviará especialistas a título eventual para acções específicas e concretas previstas no contrato.

Concentrado de tomate em crise

A produção de concentrado de tomate em 1980 foi a mais baixa desde o início do desenvolvimento desta indústria na década de sessenta.

Num estudo elaborado pela Comissão Permanente da Produção, Transformação e Comércio de Tomate, calcula-se, também, que na campanha de 1979, última para a qual existem dados definitivos, as dívidas de curto prazo à Banca das empresas deste sector atingiam cinco milhões e meio de contos.

Verificava-se um aumento de mais de 500 mil milhares de escudos em relação ao ano anterior.

Actualmente, afirmou à ANOP um técnico deste sector, oito ou nove das empresas do ramo estão à beira do encerramento, pela carga dos prejuízos acumulados nos últimos anos.

A crise no sector do concentrado de tomate em Portugal começou em 1975, depois de uma expansão em flecha na década de sessenta proporcionada pela excelente qualidade dos tomates portugueses – as condições naturais do Alentejo só têm rival na Califórnia – e nas boas condições de produção.

Enquanto Portugal entre 1968 e 1973, segundo os estudos oficiais já citados, abastecia 70 por cento do mercado norte-americano, onde bateu facilmente a concorrência italiana, a partir de 1973 o desenvolvimento tecnológico conseguido pelos produtores da Califórnia – com apanha mecanizada – fechou o mercado dos Estados Unidos aos produtores portugueses.

Outro excelente mercado era o inglês, mas foi entretanto minado pelos italianos graças às vantagens inerentes à organização agrícola da CEE a que ambos os países pertencem. A entrada da Grécia como competidor sério de Portugal no mercado mundial de concentrado agravou, ainda mais, as dificuldades de exportação.

Presidência da República desmente «envolvimento» no conflito da CP

● Maquinistas prolongam a greve até 15 e ameaçam agravar as «formas de luta» se o Governo exercer retaliações

O Presidente da República voltou a desmentir ontem formalmente qualquer envolvimento directo ou indirecto na greve da CP.

Numa declaração lida ontem à tarde aos jornalistas no Palácio de Belém, o porta-voz de Eanes anunciou também que será proposto procedimento judicial contra os jornais que deram publicidade a notícias falsas que acusavam Eanes e outros elementos da Presidência de manterem contactos com o Sindicato dos Maquinistas.

No mesmo comunicado, e na linha do que o Governo já tinha feito em comunicado do Conselho de Ministros, Joaquim Letria sublinhou que é ao Governo que compete solucionar «a crise laboral em questão».

A publicação deste comunicado foi decidida durante a reunião que, na quinta-feira Ramalho Eanes teve com Balsemão e Basílio Horta em Belém, onde se acordou a divulgação de dois comunicados, um do Governo, que já foi ontem tornado público e outro da Presidência. De ambos os comunicados foi dado conhecimento prévio tanto ao Primeiro-Ministro como ao Presidente da República.

Transcrevemos a seguir, na íntegra, o comunicado da Presidência:

«O Presidente da República recebeu, em audiência, o Primeiro-Ministro e o ministro de Estado, com os quais conferenciou acerca dos objectivos que se pretendem atingir através de notícias falsas inseridas numa estratégia, há algum tempo denunciada, de tentativa de envolvimento da Presidência da República em situações de conflito sindical e laboral, no caso vertente, a greve no Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro.

«Durante o encontro, que decorreu no Palácio de Belém, a solicitação do Presidente da República, foi referido que a tentativa da criação deste facto político não tem o menor fundamento, como aliás é do conhecimento do Governo, a quem compete solucionar a crise laboral em questão.

«Na passada terça-feira, dia 2 de Junho, a Presidência da República apontava a existência de falsas informações tendentes a envolvê-la na greve do Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro.

«Nesse mesmo dia, a Presidência da República afirmava categoricamente nunca terem ocorrido quaisquer contactos, seus, directos ou indirectos, com o referido Sindicato, e convidava os jornalistas a investigar a origem dessas falsas notícias que, uma vez mais, procuravam envolver a Presidência da República com um sindicato em greve.

«Tais falsas informações viriam a ser publicadas em alguns órgãos da Comunicação Social pelo que, a Presidência da República accionou já os mecanismos legais para procedimento judicial contra os responsáveis.

«Neste contexto, a intervenção do Presidente da República, há um ano, na greve da TAP, tem sido abusivamente utilizada para criar na opinião pública a imagem de um precedente.

«Como é do conhecimento da generalidade da população, a crise laboral que afectava a Transportadora Aérea Nacional, e que envolvia 26 sindicatos de diversas tendências, atingira já um ponto de ruptura que era imperioso tentar ultrapassar.

«Mesmo assim, o Presidente da República só interferiu neste caso, para pôr termo à greve e após ter dado prévio conhecimento da sua intenção ao então Primeiro-Ministro.

«O Presidente da República acompanha com atenção a evolução da actual greve que atinge os caminhos-de-ferro portugueses, esperando que seja encontrada uma desejável solução que permita o retorno à normalidade do quotidiano de uma grande parte da população portuguesa.»

Greve alargada para 15 dias

Entretanto, a greve dos maquinistas, que desde o passado dia 1 paralisou o tráfego ferroviário, a nível nacional, foi alargada para 15 dias consecutivos, segundo anunciou o sindicato paralelo do sector. A direcção sindical declarou em conferência de imprensa que a continuação e prolongamento da paralisação se fica a dever à «intransigência» do Conselho de Gerência da CP, após a reunião do fim-de-semana efectuada no Ministério do Trabalho, durante a qual foi conseguido consenso sobre 16 dos 27 pontos exigidos.

No entanto, acrescenta o sindicato, a CP recusou assinar a acta da reunião, afirmando que os mediadores do Ministério do Trabalho tinham ido mais longe que o seu mandato.

A direcção sindical informou ainda que o fundo de greve para sustentar a luta dos seus 1500 associados foi constituído com cotizações recolhidas entre os seus membros nos dois anos precedentes à constituição em 1979 do sindicato.

Os promotores da conferência de Imprensa reafirmaram a determinação de não desconvocar a greve «a não ser depois de um acordo final e global».

«Apesar de toda a campanha caluniosa, queremos dizer que a nossa unidade é total, que recusamos todas as formas de pressão e adiantamos que não acataremos uma retaliação do Governo, nomeadamente quanto à requisição civil. Tais medidas, se forem tomadas, só agravarão a situação e endurecerão as nossas formas de luta» – afirmaram.

«Oportunismo irresponsável»

Relativamente ao conflito na CP, o ministro dos Transportes, Viana Baptista considerou a noite passada irrealistas as reivindicações dos maquinistas ferroviários.

«Será isto sindicalismo responsável ou aventureirismo anárquico? E o que pretendem os que apoiam esta greve? Provocar a modificação da Lei da Greve, ou mesmo induzir a sua suspensão? Perguntou Viana Baptista utilizando o tempo de antena do Governo na RTP.

«Se existe um qualquer destes objectivos, estamos em presença de um aproveitamento ignóbil dos trabalhadores. Se, pelo contrário, não existe nenhum objectivo, então estamos perante uma inconsciência dramática», considerou o ministro.

Para Viana Baptista, «a paz social não pode ser comprada à custa da subversão da justiça social».

Na sua comunicação, o responsável governamental disse que «esses dirigentes sindicais se reclamam democráticos e se apresentam como afectos à área política do Governo, criando assim uma grande confusão e perplexidade no público». E a este propósito acrescentou que «o uso de um rótulo político ou de emblemas partidários não dá a ninguém o direito de subverter a justiça social e que o sindicalismo democrático nunca será pretexto para chantagens políticas».

Viana Baptista disse ainda que «o Governo não cederá a manobras de oportunismo irresponsável».

CGTP exige «rigoroso esclarecimento»

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP) exigiu «um rigoroso esclarecimento» dos factos que «motivam a estranha greve» dos maquinistas da CP e que não são conhecidos «com exactidão».

Para a CGTP, esta greve, que «parece feita para provocar deliberadamente reacções desfavoráveis na população, terá como um dos seus objectivos prejudicar a imagem das justas lutas que os trabalhadores portugueses vêm travando para defender os seus direitos e interesses».

«Pretexto para um ajuste de contas»

Os ferroviários comunistas caracterizaram a greve dos maquinistas como «pretexto para um ajuste de contas entre forças políticas de direita, nomeadamente entre os partidos da AD».

Em comunicado subscrito pelo secretariado da célula dos ferroviários da direcção de Organização Regional de Lisboa do PCP afirma-se existirem na direcção do Sindicato dos Maquinistas «elementos reconhecidamente afectos ao CDS, o que explica a rapidez e facilidade com que se realizou na semana finda uma reunião com o ministro do CDS, Basílio Horta».

«Este empenhamento directo de um ministro, que nada tem a ver com o pelouro dos Transportes ou com o pelouro do Trabalho, é bem significativo e dá bem conta das afinidades políticas que permitiram tal envolvimento» – refere o documento.

Os ferroviários comunistas dizem ainda que a direcção do Sindicato dos Maquinistas está a utilizar um processo reivindicativo para atingir, com a conivência do Governo AD, objectivos políticos a que os trabalhadores maquinistas são alheios».

Os transportes alternativos

A Rodoviária Nacional anunciou que os esquemas de reforço que criou para minorar os efeitos da greve dos maquinistas não funcionam em dias de fim-de-semana (sábado e domingo) e feriados.

A CP informou nomeadamente que está a desenvolver, por si e com a colaboração de operadores públicos e privados, o transporte de pessoas entre os grandes centros (Lisboa-Porto, Lisboa - Castelo Branco, Lisboa - Beja e Lisboa - Faro), «sem embargo do incremento das circulações ferroviárias».

Esta posição da CP tem em vista o transporte de pessoas em fins-de-semana, nomeadamente neste, em que se realiza o final da Taça de Portugal em Futebol.

O Ministério dos Transportes e Comunicações, por sua vez, informou que a situação criada pela greve caminha para a normalização.

O balanço feito pelo ministério diz que esta normalização se deve à actuação de viaturas das Forças Armadas, Rodoviária Nacional e operadores privados.

A partir de segunda-feira – garante o Ministério – e de acordo com programas definidos, será alargada a malha de transportes rodoviários de mercadorias, ligando os principais centros do País com vista a superar as carências mais prementes ainda existentes.

Joaquim Letria, quando lia a nota da Presidência da República, que desmente qualquer envolvimento do general Eanes no conflito que opõe os maquinistas ao CG da CP

Marinha Mercante

Navios da CTM vão paralisar nove dias

Vinte e oito navios da frota mercante da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos (CTM) vão paralisar durante nove dias a partir de segunda-feira, em qualquer porto do Mundo, segundo informou uma fonte sindical.

Cerca de 50 maquinistas daquela empresa estarão assim em greve nos dias 8, 9, 16, 17 e 30 deste mes e ainda a 1, 2, 3 e 4 de Julho.

Dos 31 navios da CTM, as direcções sindicais afirmam ter isentado três do cumprimento da paralisação, por fazerem os transportes de carga e passageiros interilhas açorianas, em «atenção às particularidades específicas daquela região autónoma».

«Temos com o Governo um acordo que estipula uma determinada relação entre categorias profissionais. O acordo a que a CTM chegou há dias com o Sindicato dos Pilotos altera essa relação, com base num projecto de portaria que nem sequer chegou a ser publicado. É pela manutenção dessa relação entre categorias profissionais que lutamos agora e de novo temos de ir para a greve», justificou um dirigente do Sindicato dos Maquinistas, Fogueiros e Marinhagem de Máquinas (Sitema Q).

Os 28 navios paralisarão em qualquer porto do Mundo todas as máquinas, equipamentos e serviços, mantendo-se apenas em funcionamento os serviços de manutenção e bem-estar dos passageiros e tripulação.

O navio «Funchal» (o último barco de passageiros nacional) irá paralisar em Dublin, «colocando em sério risco a continuidade dos cruzeiros programadas pela entidade fretadora do navio e a própria continuidade da exploração daquela unidade, porquanto é sabido que o actual secretário de Estado dos Transportes Exteriores vem de há algum tempo divulgando a sua intenção de vender o navio», afirma um documento sindical.

Os trabalhadores maquinistas filiados nestes sindicatos cumpriram em Fevereiro e Março 9 dias de greve que não chegaram a aplicar-se à CTM, por esta ter chegado a acordo.

Segundo o sindicato, a CTM tem depois disso «negado sistematicamente a aplicação prática desses acordos» de 9 de Fevereiro, que por sua vez impunham a aplicação dos acordos de 4 e 16 de Julho de 1980.

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

ESCLARECIMENTO

CARREIRAS DA CARRIS, ALTERNATIVAS DA CP

Tendo surgido algumas dúvidas sobre a maneira como são válidas as assinaturas dos Caminhos de Ferro nas carreiras da Carris que servem como alternativa às da CP, esclarecem-se os interessados que esta validade compreende:

— Carreiras alternativas da Linha de Sintra — são válidas as assinaturas da CP que compreendam o troço Damaia-Rossio nas carreiras da Carris que façam aquela ligação.
— Carreiras alternativas da Linha de Cascais — são válidas as assinaturas da CP que compreendam o troço Algés-C. Sodré nas carreiras da Carris que façam aquela ligação.
— Carreiras alternativas da Linha do Norte — são válidas as assinaturas da CP que compreendam os troços Moscavide-Santa Apolónia ou Rossio nas carreiras da Carris que façam aquelas ligações.

Com é óbvio, e a título de exemplo, uma assinatura Sintra-Rossio (Linha de Sintra) não é válida nas carreiras alternativas das Linhas de Cascais ou do Norte.

Em El Salvador

Rogelio Sierra foi assassinado

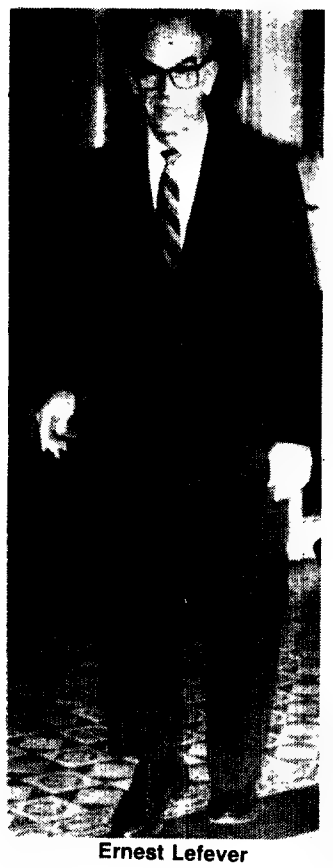
Rogelio Sierra, secretário-geral do movimento estudantil de esquerda revolucionária de El Salvador, e sua mulher, secretária da mesma organização, foram assassinados ontem por «desconhecidos» que os haviam raptado.

Um porta-voz do movimento informou que Sierra e sua esposa, Delfina Teresa Vasquez, tinham sido sequestrados a 14 de Maio, no momento em que saíam de uma reunião de trabalho da sua organização, filiada no «Bloco Popular Revolucionário».

Os cadáveres dos dois jovens foram descobertos numa vala da estrada que liga São Salvador a Quezaltepeque, 18 quilómetros a norte da capital, e apresentavam ferimentos de balas e sinais de tortura.

A Associação Nacional de Professores dirigiu à junta fascista no Poder o protesto por mais este crime praticado pelos «desconhecidos». Na terminologia local, estes «desconhecidos» pertencem aos bandos mafiosos que estão a soldo das «14 grandes famílias».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina



Ernest Lefever

Designado para «os direitos do homem»: Lefever renuncia ao cargo

O secretário de Estado adjunto designado para os Direitos do Homem, Ernest Lefever, renunciou ontem às suas funções, devido à oposição que encontrou no Senado norte-americano.

Segundo Tom Griscom, porta-voz do senador Howard Baker, «leader» da maioria republicana do Senado, Lefever retirou a sua candidatura algumas horas depois de um voto desfavorável da Comissão Senatorial dos Negócios Estrangeiros.

Cartoze membros da comissão, num total de dezassete, tinham-se oposto à sua confirmação, incluindo o presidente da comissão, senador Charles Percy, aliado político de Reagan.

Segundo uma outra fonte parlamentar, Lefever tomou esta decisão a título pessoal, sem nenhuma pressão da parte do actual presidente dos EUA.

Apesar do voto desfavorável da comissão, pensava-se, de um modo geral, que o secretário de Estado adjunto designado submeteria a sua candidatura ao conjunto do Senado, onde os aliados republicanos de Reagan têm a maioria. O senador Baker aguardava uma batalha «difícil», mas continuava confiante numa vitória.

Lefever tomou a sua decisão depois de ter falado com o senador Hawakaya, encarregado de negociar a sua confirmação pelo Senado. É provável, segundo se pensa no Congresso, que Lefever tenha achado as suas possibilidades demasiado fracas e tenha preferido retirar-se, a sofrer uma derrota que teria consequências políticas negativas para Reagan.

Nos seus depoimentos, perante a comissão, Lefever tinha defendido uma política dos Direitos do Homem conforme à do Governo Reagan, recomendando uma atitude «severa» em relação à União Soviética e aos países comunistas em geral e uma diplomacia discreta, face aos países «autoritários» amigos e aliados dos EUA.

Esta posição tinha-lhe valido a oposição dos democratas, bem como de inúmeros grupos de defesa dos Direitos do Homem, que acusavam ainda Lefever de ter posto o centro de estudos políticos que dirigia ao serviço da firma «Nestlé». Lefever teria, por outro lado, irritado os senadores, ao dizer-se vítima de uma «conspiração comunista».

A retirada de Lefever, obrigado a renunciar às suas funções perante a oposição do Senado, constitui mais um desastre político para Reagan, que o tinha apoiado até ao fim.

COMUNICADO DA CP

GREVE DOS MAQUINISTAS DA CP—TRANSPORTES ALTERNATIVOS DE SUBSTITUIÇÃO

1. Assinaturas e Passes Sociais

Tendo surgido algumas dúvidas acerca da utilização das assinaturas dos caminhos-de-ferro e dos passes sociais nos autocarros durante a presente greve, a C. P. esclarece o seguinte:

•São válidos para a RN, CARRIS, STCP e Operadores Privados da ANTROP, as Assinaturas dos Caminhos-de-Ferro e os Passes Sociais, nos itenerários alternativos para os quais as Assinaturas e os Passes têm validade. Essa validade não abrange as carreiras expresso da RN.•

2. Ligações entre grandes centros

Com colaboração da RN e Operadores Privados, a C. P. assegurará, por via rodoviária, as ligações abaixo indicadas, nos seguintes horários:

LISBOA / COIMBRA / PORTO E VOLTA

H.	H.	H.		H.	H.	H.
8.00	14.00	20.00	LISBOA - SANTA APOLÓNIA	13.00	19.00	01.00
11.00	17.00	23.00	COIMBRA - Estação	10.00	16.00	22.00
13.00	19.00	01.00	PORTO - CAMPANHÃ	8.00	14.00	20.00

A primeira ligação será estabelecida, em cada sentido, às 14.00 horas do dia 4 e a última às 20.00 horas do dia 10.

LISBOA / ABRANTES / CASTELO BRANCO E VOLTA

H.	H.		H.	H.
8.00	17.00	LISBOA - SANTA APOLÓNIA	12.30	21.30
10.30	19.30	ABRANTES - ESTAÇÃO	10.00	19.00
12.30	21.30	CASTELO BRANCO - ESTAÇÃO	8.00	17.00

A primeira ligação será estabelecida, em cada sentido, às 17.00 horas do dia 4 e a última às 17.00 horas do dia 10.

LISBOA / FARO E VOLTA

H.	H.		H.	H.
8.00	17.00	LISBOA - SANTA APOLÓNIA	13.00	22.00
13.00	22.00	FARO - ESTAÇÃO	8.00	17.00

A primeira ligação será estabelecida, em cada sentido, às 17.00 horas do dia 4 e a última às 17.00 horas do dia 10.

LISBOA / ÉVORA / BEJA E VOLTA

H.	H.		H.	H.
8.00	17.00	LISBOA - SANTA APOLÓNIA	12.00	21.00
10.30	19.30	ÉVORA - ESTAÇÃO	9.30	18.30
12.00	21.00	BEJA - ESTAÇÃO	8.00	17.00

A primeira ligação será estabelecida, em cada sentido, às 17.00 horas do dia 4 e a última às 17.00 horas do dia 10.

NOTAS:

a) Os bilhetes serão adquiridos nas bilheteiras da C. P. e praticar-se-á a tarifa rodoviária inerente;
b) Não são consideradas no presente comunicado as ligações rodoviárias que normalmente já estão asseguradas pela RN e por outros operadores privados de transporte, que estão a ser gradualmente reforçados.

3. Transporte Internacional de Passageiros (por Vilar Formoso e Valência de Alcântara)

Asseguradas desde o início da greve as ligações rodoviárias da fronteira a Lisboa e Porto, passa agora a C. P. a assegurar também o encaminhamento dos passageiros, à partida do Porto e Lisboa, até à fronteira de Vilar Formoso e à partida de Lisboa até à fronteira de Valência de Alcântara (Lusitânia Expresso).
Para mais pormenores aconselha-se a consulta dos Serviços de Informações da C. P.

4. Cooperação de transporte de mercadorias entre as Forças Armadas e a C. P.

A iniciar amanhã (quinta-feira), às 8.00 horas, as Forças Armadas assegurarão os seguintes transportes de mercadorias:

Detalhe — Lisboa (Santa Apolónia) e Porto (Campanhã) e vice-versa. (Recomenda-se que os utentes evitem o transporte de despachos não indispensáveis).

Transporte de arroz (de Elvas para Figueira da Foz, Coimbra e Aveiro).
Transporte de cimento (de Barca d'Alva para Pocinho e seguimento pela Cimpor).
Outras formas de cooperação de transporte Forças Armadas/C.P. serão desenvolvidas de acordo com as necessidades que venham a definir-se.

Lisboa, 3 de Junho de 1981.

Alexander Haig vai à China

A administração Reagan decidiu reduziras restrições à venda de tecnologia de defesa à China, e considerará, futuramente, a venda de armas a esse país, disse um porta-voz da Secretaria norte-americana de Estado.

O secretário de Estado, Alexander Haig, acrescentou a mesma fonte, está preparado para discutir a venda de armas com dirigentes chineses, durante a sua visita a Pequim, no decurso da próxima semana.

«Vamos à China com mente aberta sobre este assunto», disse o informador, numa conferência de Imprensa.

A mesma fonte indicou ainda que Haig assistiria a uma conferência internacional sobre o Camboja, se se chegar a realizar, esperando que o mesmo fizessem os representantes da União Soviética e do Vietname.

O secretário de Estado parte na próxima quarta-feira para uma viagem de duas semanas pela Ásia, que o levará a Hong Kong, Pequim, Manila e Wellington.

No entanto, o fulcro principal da viagem será a China, em relação à qual a política externa do presidente Reagan tem deparada com dificuldades, dada a sua passada identificação com a causa da Formosa.

A viagem de Haig será «uma demonstraçao pública da nossa intenção de melhorar e ampliar as nossas relações com a República Popular da China», disse o informador.

«Procuramos – acrescentou –

expandir o processo de normalização iniciado nos começos da década de 70, e que tem sido levada a cabo numa base bipartidária por três anteriores presidentes norte-americanos, começando pela abertura inicial de Nixon, e continuada por Ford e Carter.»

Um «imperativo estratégico»

Prosseguir o processo de normalização com Pequim é «um imperativo estratégico», disse ainda o mesmo informador.

No entanto, esclareceu, a Administração Reagan pretende continuar a vender armas à Formosa a um nível semelhante às entregas dos últimos dois anos, ou seja entre 700 a 800 milhões de dólares (42 000 a 48 000 milhões de escudos).

Durante a conferência de Imprensa, foi igualmente referido que uma visita à China pelo presidente Reagan, ou aos Estados •Unidos pelos principais dirigentes chineses, poderá ser abordada durante as conversações de Pequim.

Haig deve estar em Hong-Kong nos próximos dias 12 a 14. Entre os dias 17 e 20, assistirá, em Manila, a uma reunião da Associação das Nações do Sueste Asiático (ASEAN) e, entre os dias 21 e 23 participará, em Wellington, nos trabalhos da conferência da denominada «Aliança Austrália-Nova Zelândia-Estados Unidos».

«Informações concretas»

Um comentarista da rede de televisão norte-americana NBC disse que, se as novas medidas recomendadas à Casa Branca pela Secretaria de Estado, Pentágono e CIA, forem de facto aprovadas, a China passará a ter acesso a material mais sofisticado do pnto de vista tecnológico.

Funcionários da Secretaria de Estado declararam que ainda não foi tomada uma decisão final, mas que é de esperar que o secretário de Estado, Alexander Haig, deseje levar «informações concretas» sobre o assunto, quando na quarta-feira próxima iniciar a sua visita de três dias à China.

O argumento principal dos defensores daquelas medidas é «mostrar aos soviéticos que os Estados Unidos tencionam utilizar os meios ao seu alcance para fazer pagar caro à URSS as suas aventuras militares».

As linhas traçadas pela anterior Administração norte-americana sobre o fornecimento de armas à China permitiam a venda de material dito defensivo: transportes, equipamentos de rádio e radar.

As novas directrizes, «agora em estudo», incluem o fornecimento de viaturas e equipamentos electrónicos que permitirão o fabrico de caças a reacção «F-16» e mísseis antitanques tipo «TOW», refere a agência soviética NOVOSTI.

HUMBERTO EMÍLIO DE SOUSA AVELAR

(Reformado do Ar Líquido)

FALECEU

Alda de Jesus Gomes Avelar, Maria Helena Avelar Martins da Conceição, seu marido José Fernando Martins da Conceição e filhos, Carlos Reixa Avelar, sua mulher e filha, Judite Avelar Rosado Ferreira e seu marido, José Campos Avelar, sua mulher, filhos e mais família cumprem o doloroso dever de particiar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza hoje, às 14.30 horas da Igreja da Cova da Piedade, para o Cemitério do Lumiar, em Lisboa.

AGÊNCIA BARATA

«Jornal de Angola» responde ao «Frankfurter Allgemeine»

O «Jornal de Angola» publicou na sua última edição um editorial que constitui uma resposta às alegações veiculadas, pelo jornal oeste-alemão, «Frankfurter Allgemeine» acerca da ajuda cubana à República Popular de Angola.

«Desde 11 de Novembro de 1975, um conjunto de mentiras, recai sobre Angola, visando apagar o passado de vergonha, humilhação, exploração e esclavagismo, a que foi submetido durante séculos o povo angolano, escreve o jornal.

O «Frankfurter Allgemeine» cita o editorial do jornal de Angola, perde-se em especulações sobre o pretenso custo da ajuda internacionalista cubana a Angola, em vez de se lamentar sobre a galopante inflação na República Federal da Alemanha e na diminuição do poder de compra dos seus habitantes.

O editorial do «Jornal de Angola» esclarece, que a presença cubana é exclusivamente da soberania do povo angolano», sublinhando que este sempre apreciou com valor e dignidade a ajuda e a participação de todos os países, inclsuve de certos países ocidentais, no seu processo de reconstrução nacional.

A «ajuda internacionalista não tem preço», acrescenta o editorial, sublinhando, que a amizade que liga os povos de Angola, e Cuba companheiros de luta de longa data «é indestrutível».

Brasil-Moçambique

O novo embaixador do Brasil em Maputo, Marcel Bezon, afirmou que o seu país «apoia todas as posições de Moçambique na África Austral».

O embaixador considerou, ao apresentar credenciais ao presidente Samora Machel, que o Brasil tem «uma linh firme no que diz respeito à situação na África Austral.

Na recente sessão do Conselho de Segurança da ONU sobre a questão da Namíbia, o Brasil manifestou-se contra o «apartheid» e condenou a ocupação do Sudoeste Africano pelas tropas de Pretória.

Samora Machel, por seu turno, considerou a posição brasileira face, à África Austral, assim como a sua recusa em aderir a uma «eventual» organização do Tratado do Atlântico Sul (OTAS), como «uma contribuição para a libertação» do continente africano.

O presidente moçambicano deu as boas-vindas ao novo embaixador «numa altura em que as relações entre os nossos dois países estão a aumentar, numa base de igualdade», relações que o embaixador do Brasil afirmou desejar ver alargadas.

Machel convidou o embaixador brasileiro a visitar áreas de Moçambique onde o Brasil está envolvido em projectos de cooperação.

A cooperação entre os dois países tem crescido substancialmente desde 1979, com destaque para a agricultura e a indústria.

Miterrand a Gaddafi

O presidente François Mitterrand enviou ao presidente da Líbia, «chefe da grande Revolução do Primeiro de Setembro» uma mensagem na qual salienta o empenho da França, em desenvolver «com todos os países e, designadamente com os países árabes e os países do Mediterrâneo uma política de cooperação mutuamente proveitosa».

«No Médio Oriente – declara o chefe do Estado francês, Paris procurará, com todas as partes interessadas, uma solução equitativa que permita a todos os povos da região, viverem numa pátria, com fronteiras seguras e reconhecidas».

«Onde quer que asuma responsabilidades – acrescenta Miterrand» – a França trabalhará dentro do respeito pelos grandes princípios do direito, a favor do desenvolvimento e de uma ordem internacional mais equilibrada, verdadeiro garante da paz.»

Homenagem de Arafat ao dirigene da OLP assassinado em Bruxelas

O dirigente palestiniano Yasser Arafat prestou homenagem, em Beirute, capital do Líbano, ao representante da Organização de Libertação da Palestina (OLP, Naim Khader, assassinado em Bruxelas.

Acompanharam o corpo de Khader, quando este foi transportado da capital belga para Beirute a bordo de um «Boeing 707» das Linhas Aéreas do Médio Oriente, 40 parlamentares europeus.

Khader, de 41 anos, chefe da delegação da OLP em Bruxelas, foi atingido por seis tiros quando saía de sua casa.

O caixão, que ontem chegou a Beirute, tinha a envolvê-lo a bandeira vermelha, negra, verde e branca da Palestina, e foi transferido para uma ambulância coberta por coroas de flores.

Quando Arafat e outros altos dirigentes da OLP fizeram continência, a banda militar do movimento guerrilheiro começou a tocar o Hino da Palestina.

Os restos mortais de Khader, nascido na margem ocidental do Jordão, agora ocupada por Israel, ficarão depositados numa igreja católica da zona muçulmana de Beirute, guardada por guerrilheiros palestinianos.

Em Bruxelas, a Polícia, que investiga o assassínio de Khader, continua a dizer que ainda não tem provas que lhe permitam identificar o assassino.

Conferência Islâmica

As resoluções aprovadas ontem em Bagdade, na 42.ª Conferência Islâmica apelam à expulsão de Israel das Nações Unidas.

Os 42 países participantes da conferência concordaram em lutar pela expulsão de Israel das Nações Unidas e votaram contra a acreditação do delegado israelita na Assembleia Geral da ONU.

As resoluções, adoptadas depois de quatro dias de deliberações, condenam ainda o apoio dos Estados Unidos a Israel e os ataques deste país contra o Líbano.

Embora alguns Estados árabes islâmicos se tivessem oposto abertamente à intervenção soviética no Afeganistão, durante a conferência, iniciada segunda-feira passada, nao há qualquer cláusula nas resoluções, referentes à situação naquele país. Os participantes na conferência reiteraram o apoio à Organização para a Libertação da Palestina (OLP), pediram um maior auxílio financeiro e militar para os palestinianos e apelaram à realização de esforços para a libertação das terras árabes ocupadas por Israel.

A próxima Conferência Islamica realizar-se-á no Níger – revelou a agência noticiosa iraquiana.

O diligente Philip Habib

Philip Habib, negociador americano para o Médio Oriente, está em Paris para uma escala de 24 horas, ido de Washington.

Habib, esclarece-se, não encontrará, em princípio, responsáveis oficiais franceses. Ficará alojado na residência do embaixador americano. Deixará a França amanhã, seguindo viagem a bordo dum avião militar, para um destino, no Médio Oriente, que não foi revelado.

a semana

Dois mil contos por segundo

A verdade é monótona. A razão perdeu o carisma. O discurso fundamentado nas realidades comezinhas tornou-se desinteressante. Apetecível é, por exemplo, falar da «renovação» de um sistema que se desconhece, mas que proporciona bela matéria para tiradas utópicas. É, de facto, muito mais fácil inventar um animal fantástico do que tentar descrever um simples cão.

Este exemplo aplica-se à matéria que aqui nos interessa. Muito mais sedutor seria sem dúvida pegar esta semana nos acontecimentos polacos, e, a partir daí, imaginar uma espécie de «manual» de Thomas More para uso dos nossos dias, do que repisar velhas advertências sobre os perigos da corrida às armas e do agravamento da tensão internacional. Mas é isso que vamos fazer.

Consideramos que um dos factos mais relevantes desta semana foi o relatório tornado público pelo Instituto Internacional de Pesquisa de Paz de Estocolmo (SIPRI), cujo conteúdo infelizmente só conhecemos pela versão sumária que dele nos dá a agência ANOP.

Segundo o SIPRI, o mundo gastou quase **sessenta mil contos por minuto**, em 1980, na corrida às armas e compra de «influência ou segurança». No total, foram gastos em armamento trinta mil milhões de contos, sendo que o Terceiro Mundo despendeu 16% da soma apontada, o que equivale ao dobro das suas compras no ano anterior. Só à sua conta os países do Médio Oriente gastaram 2,304 mil milhões de contos em 1980 com armas.

Embora o mercado exportador de armas continue a ser dominado pelos EUA, URSS, França, muitos países de menor potencial económico (Israel, Brasil, África do Sul e Índia) estão rapidamente a firmar-se como produtores. As exportações de armas provenientes do Terceiro Mundo constituem actualmente 2 a 3 por cento do mercado mundial, mas essa participação tende a aumentar, porque aqui, como no comércio da vida, também as nações mais pobres têm melhores condições de produção (mais baixos custos)

Por outro lado, verificou-se em 1980 uma acentuada tendência para que os grandes produtores de armas trocassem essa mercadoria por matérias-primas finitas, como o petróleo e o urânio. O SIPRI aponta o caso do Iraque que vendeu preferencialmente o seu petróleo aos cinco principais fornecedores de armas do seu mercado, e o da França que pagou com as armas exportadas 25% das suas importações de «ouro negro». Não surpreende que só no ano de 1980, os países do chamado Terceiro Mundo tenham sido palco de cerca de 40 conflitos armados...

Quais as perspectivas de futuro imediato? Segundo o SIPRI, a próxima década não verá qualquer abrandamento da ameaça nuclear nem da venda de armas, devido sobretudo **aos esforços americanos de renovação do seu potencial militar.** Para aquele Instituto, a administração Reagan meteu na gaveta a política de restrição de venda de armas. O SIPRI adverte ainda que os maiores gastos dos EUA com os sistemas de mísseis antibalísticos, combinado com a exactidão cada vez maior dos mísseis, «torna ainda mais provável a possibilidade de um primeiro ataque nuclear, **cujo campo de batalha será a Europa».**

De acordo com os dados do SIPRI, os EUA têm para o ano fiscal de 1981 um orçamento de defesa avaliado em 159,3 mil milhões de dólares, sendo que 266 milhões são atribuídos este ano aos sistemas de mísseis antibalísticos, os quais comerão no ano que vem mais de 300 milhões.

Referindo-se à NATO, o SIPRI revela que só três países da aliança – Grã-Bretanha, Portugal e Luxemburgo – aumentaram de facto o seu orçamento de defesa nos 3 por cento que os EUA exigem.

O Instituto diz ignorar qual o orçamento de defesa da URSS, supondo, no entanto, que ele será igual ao dos EUA. Por outro lado, refere que, de 1977 para cá, só a URSS e a RDA aumentaram significativamente (falando, claro, do Pacto de Varsóvia) os seus gastos com a defesa, acrescentando ainda que no caso da RDA esse aumento foi de 25%.

Coloquemos os olhos no mostrador de segundos do nosso relógio, deixemos passar um segundo e pensemos que nesse rápido instante das nossas vidas, o mundo gastou dois mil contos para matar seres humanos e destruir riqueza. Quem negará que se trata de uma situação absurda? Um absurdo que nada tem a ver com a agressividade deste planeta onde nos sentimos estrangeiros (tese bem sedutora), mas, muito prosaicamente, com a sociedade que forjámos e que temos meios para mudar. Ou será que não depende de nós mudar o mundo, onde se gastam dois mil contos por segundo em instrumentos de morte e empobrecimento, quando 500 milhões de pessoas estão condenadas a morrer de fome, quando 40 países têm escassez de alimentos, quando um terço das crianças está condenada a morrer de desnutrição, quando só nos anos de 1973 e 1974 morrerem de inanição 500 mil seres humanos? Num mundo onde se gastam dois mil contos por segundo em armas, quando, mesmo nos países prósperos, faltam escolas, hospitais, alojamento?

Poderá objectar-se que as sociedades erigidas com base noutros princípios – estamos a referir-nos ao mundo socialista – também despendem enormes somas em armamento. É verdade. Nem esses Estados nunca ocultaram tal facto. Antes pelo contrário: sempre que os dirigentes dos países socialistas advertem contra os riscos da corrida às armas, lembram que quaisquer progressos em armas conseguidos pelo campo capitalista, serão logo daí a pouco obtidos no outro campo. E apontam exemplos clássicos, como o da bomba atómica. E acrescentam que o perigo da corrida às armas reside sobretudo nos anseios vãos alimentados pelos que pretendem alcançar uma situação de desequilíbrio a seu favor.

Mas basta fazer uma análise minimamente honesta do problema para se concluir que os maiores perigos para a paz e a loucura armamentista residem nos países ocidentais. Há dias («A semana da abjecção» na nossa edição de 16 de Maio) referimos o relatório do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, onde se lia claramente que a administração Reagan era um factor potencialmente perigoso para o desencadear de nova guerra. Agora o SIPRI vem dizer o mesmo, acrescentando que essa guerra poderá ser **nuclear** e desenrolar-se no **teatro europeu.**

Ninguém se lembraria decerto de acusar estas duas instituições de estarem ao «serviço do comunismo internacional». E, no entanto, uma e outra apontam claramente donde vem o perigo.

Por outro lado, se abrirmos o cérebro às realidades comezinhas, se lermos a história dos últimos anos, depressa concluiremos que todas as acções agressivas foram iniciadas pelo Ocidente. Que, por exemplo, o pacto «defensivo» da NATO foi fundado antes do «ofensivo» Pacto de Varsóvia. Que as propostas de paz e desanuviamento têm partido sempre do lado socialista, enquanto os tambores da confrontação têm sido sempre tocados pelo Ocidente. E isto tem uma explicação fácil, decorrente da lógica dos próprios sistemas: em regime socialista, quaisquer verbas desviadas do desenvolvimento e do bem-estar das populações comportam exclusivamente prejuízos, em nada estimulam a economia e atrasam todos os programas. Em regime capitalista, as indústrias mais rendosas (não para a população em geral, mas para os seus «barões») são exactamente as do armamento. E se é certo que quem se encontra historicamente na defensiva são os regimes capitalistas, certo é também que a edificação do socialismo só pode fazer-se e consolidar-se em condições de paz.

Monótonas, despidas de carisma, desinteressantes, estas são as verdades. Tão terra a terra como os cães que vemos todos os dias. E por isso, porque elas saltam aos olhos, mais facilmente se ocultam dos olhos de quem teria todo o interesse em estar bem desperto para eles.

Alice Nicolau

seja independente!
trabalhe no que é seu

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida
Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS ENVIE **HOJE MESMO** ESTE CUPÃO.

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PUBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CONTABILIDADE
☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

DL 122

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____

CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 7 (domingo) das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

— ODIVELAS — BARRUNCHO
— FRIELAS — CRUZ DA PEDRA
— PINTEUS — FANHÕES — CASAINHOS — TORRE DA BEZOEIRA

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 4 DE JUNHO DE 1981

O Engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Electricidade de Portugal EDP/Empresa Pública

DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO SUL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 7 de Junho, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE PALMELA: Volta da Pedra, das 08.30 h às 13.00 h

Lisboa, 6 de Junho de 1981

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

TRÓIA

SÁBADOS E DOMINGOS
DE 4 de JULHO A 13 de SETEMBRO

Praça de Espanha

●

Setúbal (TRÓIA)

(NA PRAÇA DA REPÚBLICA JUNTO AO CAIS DE EMBARQUE PARA TRÓIA)

PARTIDAS	Praça de Espanha	8,45 h
	Setúbal	19.30 h

DURAÇÃO DO PERCURSO — 45 MINUTOS
CARREIRA DIRECTA VIA AUTO—ESTRADA

OBS: Poderão ser efectuadas outras viagens após o horário referido desde que a afluência de passageiros o justifique.

exclusivo

A "ONU" e o desequilíbrio informativo mundial

Claude Robinson

IPS

NOVA IORQUE, O Secretariado da **ONU** manifestou o seu apoio aos esforços para modificar o desequilíbrio existente no sistema mundial de informação e prometeu «participar activamente» no programa para o desenvolvimento das comunicações, criado pela Unesco o ano passado.

Asushi Akashi, subsecretário da **ONU** para a informação pública, afirmou perante o comité de informação deste organismo internacional reunido em Nova Iorque, que o secretariado tratará de fornecer assistência e cooperar com as organizações noticiosas como o Pool de Agências dos Não-Alinhados, à Interpress Service **(IPS)** e à Agência Pan-Africana de Notícias».

Numa entrevista concedida à **IPS**, Akashi explicou que o maior apoio da ONU ao programa da Unesco para as comunicações **(PIDC)** e às agências de notícias regionais e internacionais do Terceiro Mundo, é um reconhecimento da necessidade de medidas práticas para criar uma nova ordem informativa internacional da informação e das comunicações. Outro sector ao qual a **ONU** prestará grande atenção no futuro é a formação de jornalistas e outros profissionais da comunicação, declarou Akashi.

Além do apoio às novas estruturas da informação, que diferem dos sistemas transnacionais correntes, o comité de informação – em sessão desde o passado dia 21 de Abril – também está a examinar as actividades e políticas de informação da **ONU.** A reunião deverá terminar àmanhã.

Na actual fase, os delegados parecem dispostos a apoiar a criação de novos centros regionais de informação nos países em desenvolvimento, que permitiria uma difusão mais eficaz das informações sobre as actividades da **ONU.** A maior parte das delegações expressou o seu apoio a uma ordem da informação e das comunicações mais eficaz e equilibrado.

No entanto, subsistem ainda importantes divergências sobre tal ordem. O tom conciliatório das discussões contrasta acentuadamente com os dos debates prévios durante os quais os porta-vozes dos países desenvolvidos sustentaram não existir desequilíbrio no sistema informativo mundial e que, de qualquer maneira, as propostas terceiro mundistas poriam em perigo a liberdade de Imprensa.

Gabriel Valdez, presidente da IPS e convidado especial à conferência, recordou aos delegados que 85 por cento do fluxo mundial de notícias é transmitido através de quatro grandes agências internacionais: «Associated Press», «United Press International», «Agence France Presse» e «Reuter».

Valdez, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros chileno de 1964 a 1970 e ex-funcionário do programa de desenvolvimento da **ONU (PNUD)**, sublinhou, no entanto, que o problema é também qualitativo. As agências do Terceiro Mundo, sustenta Valdez, devem fornecer informação que reflita os «valores, realidades e prioridades que actualmente não se representam».

Referindo-se especificamente à **«IPS»**, Valdez declarou que a agência procura coordenar a informação, relacionando-a com «os processo sociais, políticos, económicos e culturais nos quais se produzem os acontecimentos».

Valdez mencionou o crescimento da «IPS» desde a sua criação em 1964 como instrumento do diálogo entre a Europa e a América Latina, até se converter na sexta agência de notícias do mundo em termos da amplitude da sua rede mundial, que a agência espera completar em 1985. Ao fornecer serviço diário em inglês, castelhano, árabe e português, disse, a «IPS» trata de estabelecer novos vínculos entre os países em desenvolvimento e de fortalecer os existentes para promover um fluxo informativo realmente horizontal. Em seguida referiu-se às relações da «IPS» com as agências noticiosas nacionais e o seu apoio à **«ASIN»**, o sistema de intercâmbio noticioso entre os países democráticos da América Latina e Caraíbas, como exemplo do fluxo sul-sul.

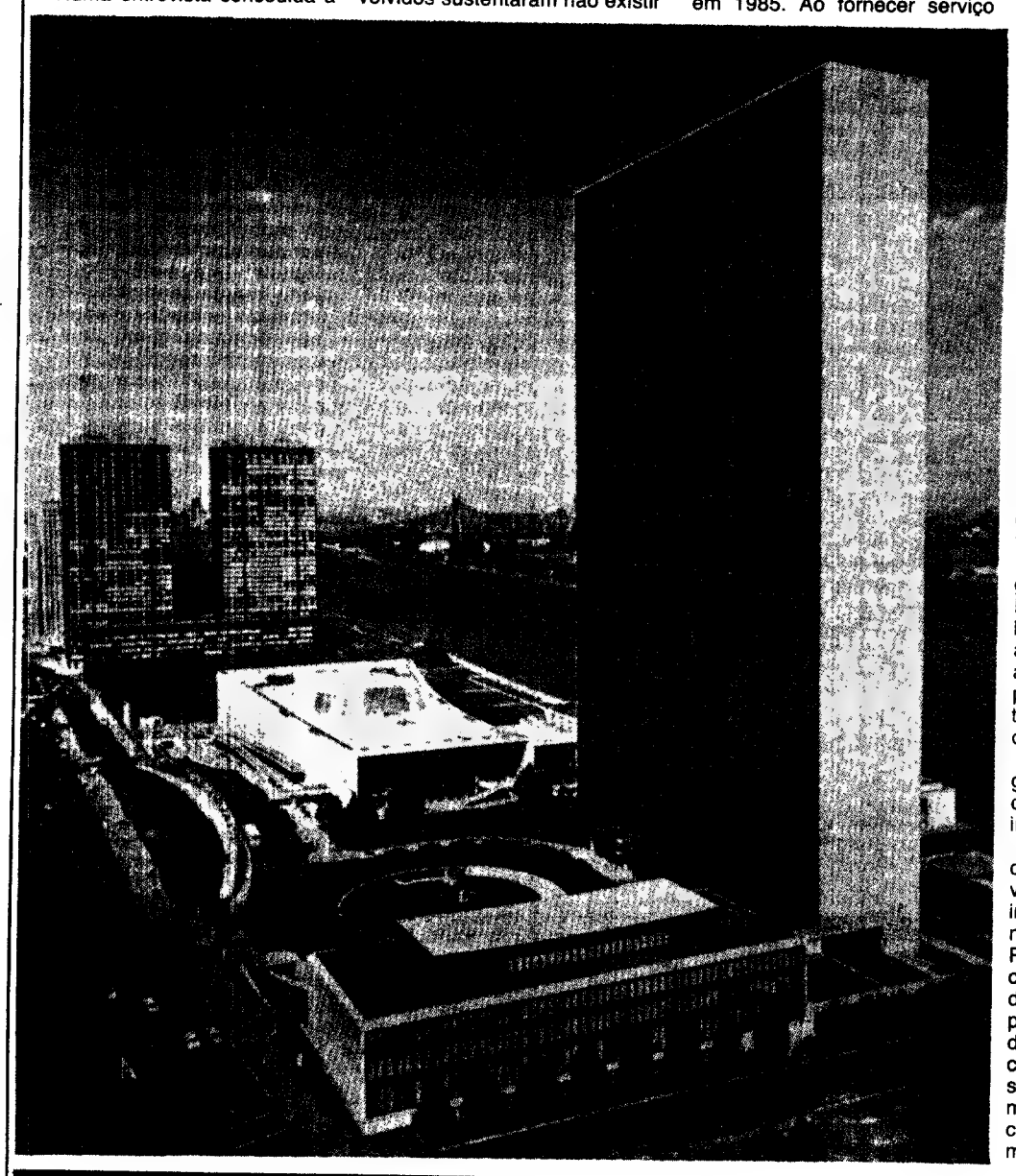
Muitas delegações esperam que o **«PIDC»** seja uma verdadeira resposta para os problemas informativos actuais. O programa foi aprovado o ano passado na conferência geral da Unesco em Belgrado. A primeira reunião do seu conselho de Governo realizar-se-á de 15 a 22 de Junho próximo em Paris, e nela tentar-se-á determinar as necessidades e prioridades de comunicação dos países em desenvolvimento e obter os fundos para satisfazê-las. No entanto, não reina aqui o optimismo relativamente à obtenção de fundos suficientes. Sabe-se que vários países potencialmente contribuintes preferem um foco bilateral para a assistência ao desenvolvimento.

Este foco permite-lhes exercer pressões políticas sobre as decisões dos países pequenos. Fontes privadas de financiamento que ainda manifestam dúvidas acerca da Unesco – a qual consideram contrária à liberdade de expressão – também apoiam a focalização bilateral.

Doudou Diene, director do gabinete de união da Unesco em Nova Iorque, abordou o problema claramente, ao manifestar à comissão que é precisamente através do **«PIDC»** que a Unesco poderia concretizar a instrumentação dos princípios da liberdade de Imprensa.

Diene sustentou que a melhor garantia da liberdade é a «verdadeira pluralidade de fontes de informação e opinião».

Com estes antecedentes, o desafio para os países desenvolvidos, tanto na comissão de informação como durante a reunião do **«PIDC»** em Junho em Paris, visa mostrar de maneira concreta que apoiam os esforços dos países em desenvolvimento para transformar as suas sociedades, fornecendo-lhes os recursos que permitam aos seus sistemas de informação e comunicação jogar um papel crucial no processo do desenvolvimento sócio-económico.



exclusivo

Convenção Nacional do PSF

Lionel Jospin apresenta as condições de um acordo político com o PCF

(Desenho de Plantu)

Jospin a Marchais...

■ «Le Monde»

O partido socialista reuniu-se no dia 25 de Maio em Paris na sua convenção nacional consagrada à preparação das eleições legislativas. Na presença de numerosos ministros e secretários de Estado socialistas, Lionel Jospin, primeiro-secretário recordou o tema central da campanha: «Dar a François Mitterand os meios para desenvolver a sua política». Em seguida definiu as condições de um acordo com o partido comunista. Este acordo será procurado no decurso de discussões que serão encetadas esta semana. Não deverá prejudicar as posições políticas do P.S. e nomeadamente as suas opções internacionais. Supõe, segundo Jospin, um acordo claro de solidariedade governamental e a renúncia pelo P.C.F. das polémicas campanhas dirigidas contra o P.S..

Os dirigentes socialistas abordam serenamente o prazo legislativo de Paul Quilés, secretário nacional, que pôs, entretanto, de sobreaviso os militantes contra um excesso de optimismo que os levaria a acreditar que no rasto da vitória de 10 de Maio, «seria eleita uma cabra com a etiqueta socialista» a 14 ou 21 de Junho.

Pouco após a abertura do congresso, Jospin menciona a necessidade de «prolongar» até ao nível parlamentar a maioria presidencial que levou Mitterand ao poder. O primeiro-secretário, secretário-geral acrescenta que a vitória no escrutínio legislativo é absolutamente «necessário se os socialistas querem evitar que se abra uma espécie de crise política». Frisa então: «É preciso, pois, nestas eleições legislativas, e isto deve ser uma palavra de ordem central da nossa acção, dar a François Mitterand, ao novo presidente da República os meios para poder desenvolver a sua acção, a sua política».

Em seguida Jospin denuncia «ocinismo e o oportunismo» de que dão mostras, segundo ele «os dois aliados da direita» que acordaram «sem base política, sem verdadeira discussão, com base em dez vagos pontos, que não constituem minimamente um programa». Refere ainda: «Será muito importante na campanha (...) mostrar que se trata de uma coligação sem princípios de pessoas que se mantêm divididas, o que tentam rapidamente disfarçar para manter os seus privilégios».

O secretário-geral fala então da eleição de 14 e 21 de Junho e da preocupação de aproveitar «o mais rapidamente possível» a dinâmica criada a favor do P.S. para a vitória de Mitterand. Frisa que os socialistas farão a sua campanha com base nas «orientações defendidas pelo candidato» levado à presidência da República. Jospin acrescenta ainda: «para vencer será preciso utilizar a força que a presidência e o governo dão. Por certo Mitterand não tem intenção de intervir nesta campanha legislativa em termos que não estariam de acordo com as suas ideias de democracia, mas é claro que indicará o que deseja nesta campanha com medida mas ao mesmo tempo com força (...) Para vencer é preciso reunir à nossa volta vantagens sem negar nada daquilo que nós somos realmente e temas sobre os quais nós nos batemos durante a eleição presidencial».

Relembrando a perspectiva das discussões que o P.S. tem de encetar «com todos aqueles que contribuíram para a vitória de François Mitterand», Jospin aborda a questão das relações com o P.C.F. nestes termos: «Nós sabemos, visto que somos observadores atentos e que nos devemos manter lúcidos face às euforias, face aos entusiamos, face às ilusões desmedidas, pois, se os eleitores e militantes comunistas contribuíram decisivamente para a vitória de François Mitterand isso não quer dizer que a direcção do seu partido a tenha querido no período anterior. Até umas semanas antes e mesmo até à primeira volta das aleições presidenciais e isso após longos meses, nós fomos criticados pelos seus dirigentes de uma forma que nós consideramos inaceitável, injusta e que não queremos voltar a ver embora saibamos que ela poderá eventualmente voltar a verificar-se (...). Tudo isso faz com que as condições de um acordo com o partido comunista sejam difíceis e tenham de obedecer a regras específicas».

«O Afeganistão e à Polónia...»

Jospin definiu três espécies de condições necessárias para a realização de um «acordo político» com o P.C.:

«Nós não devemos renunciar a qualquer dos nossos princípios ou a qualquer das nossas posições fundamentais em política interna sempre que isso se relacione com as liberdades, programa económico, ritmo das transformações, com as condições, nomeadamente relações com o estrangeiro que em que estas se efectuarão, quer isso tenha a ver com a vida internacional com posições de princípio que tenhamos tomado sobre o direito dos povos, sobre o direito dos homens e das mulheres, sobre a vontade de levar por diante a luta contra a corrida ao armamento, sobre problemas igualmente melindrosos como a questão do Afeganistão, da Polónia dos SS20; nós teremos de manter integralmente as nossas posições políticas não somente por que elas são justas mas também porque daí depende fundamentalmente a vitória tendo em conta o que foram os compromissos do nosso candidato eleito a partir dessa altura e daquilo que o nosso povo deseja.

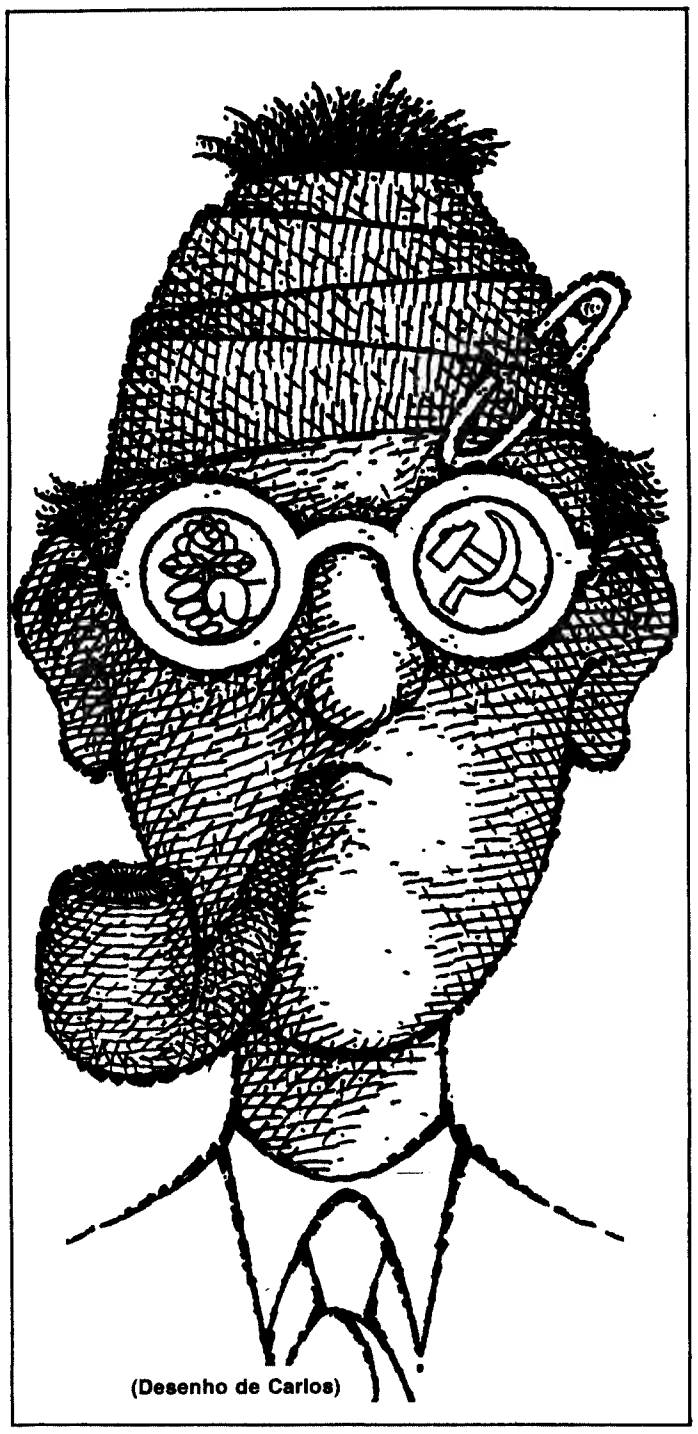
«Será igualmente necessário conseguir um compromisso claro de solidariedades na acção governamental e não poderá haver senão uma política no governo, mas tem de se caracterizar por uma grande solidariedade que se terá de pôr em prática no Governo de França.

«Será por fim preciso conseguir o regresso a um clima digno de homens e de mulheres que aspiram a dirigir em comum um país, isto é a renúncia a campanhas políticas contra nós embora nós aceitemos, em determinados pontos, evidentemente, o direito à crítica».

O secretário-geral frisa que se um acordo for concluído, o presidente e o primeiro-ministro «deverão confirmar as conclusões quanto a um plano de acção gpvernamental». Deseja «um acordo eleitoral» mas acrescenta: « É evidente que não se pode aceitar que se forme em sindicato de cessantes (...). Pensamos que se deve concretizar um acordo de desistências vantajoso ao conjunto das forças de esquerda, tendo em consideração os resultados do primeira volta. Pensamos também que se existem problemas eles poderão sempre ser analisados de boa-fé, após a primeira volta.»

Jospin acrescenta ainda que estão previstas «ligações regulares» entre o Eliseu, o governo e o partido. Paul Quilés, membro do secretariado nacional, intervém a este respeito para manifestar o seu desejo « de que o partido não seja marginalizado». Afirma que o P.S.» vai mudar porque precisa assegurar as suas relações com o poder e integrar dezenas de milhares de novos aderentes que vão aparecer».

No decurso do debate, vários oradores da CERES criticaram a


(Desenho de Carlos)

Relação PCF-PSF

propaganda efectuada, tanto ao nível das circunscrições como ao nível do governo, aos «aderentes da última hora» que se situam no centro esquerda. Pelo seu lado, Michel de la Fourniere lançou em nome da corrente C, um apelo à unidade do partido chamando a atenção para o facto de que o mecanismo das correntes, tal como ele existe não está já adaptado às exigências do momento.

As Investiduras

Da parte da tarde, a comissão de resoluções, reuniu-se a fim de confrontar os pontos de vista da base e da direcção sobre as investiduras acordadas pelo P.S. para as eleições. A convenção pronunciou-se em seguida sobre os casos litigiosos. O P.S. publicou, segunda-feira dia 25 de Maio, a lista quase completa dos seus candidatos e dos cerca de vinte não socialistas, que apoia.

O partido socialista manterá assim os dez deputados radicais de esquerda cessantes e mais outros quatro candidatos do M.R.G. entre os quais François Loncle, antigo membro do secretariado nacional deste agrupamento na terceira circunscrição do Eure. Fará o mesmo para os dois gaulistas de esquerda, em Paris, Jacques Thibau (15ª circunscrição) e Pierre Dabezies (2ª circunscrição).

O caso da Sra. Bouchardeau, secretário nacional do P.S.U. não foi ainda solucionado. A direcção do P.S. deu-lhe a escolher entre quatro circunscrições. Não foi reservada nenhuma para os ecologistas. Diversas personalidades independentes poderiam ser empossadas. É o caso de Max Gallo, escritor, que será provavelmente candidato na primeira circunscrição dos Alpes-Marítimos.

Entre quinze e vinte circunscrições «com possibilidades de ganhar» foram reservados para candidatos. O congresso recomendou, aliás, de «forma pressionante» aos membros do Governo que venham a ser candidatos para escolherem uma mulher como suplente. Françoise Gaspard, presidente da câmara de Droux apresenta-se pela segunda circunscrição de Eure-et-Loire; Christiane Mora pela terceira em Indre-et-Loire; Catherine Lalumiere, secretária de Estado para a função pública e reforma administrativa na terceira de Gironde; Nicole Questiaux, ministro da solidariedade nacional, na décima terceira circunscrição de Paris, onde defrontará Gisele Moreau, deputada cessante membro do secretariado da comissão central do P.C.F..

Os representantes da corrente dirigida por Michel Rocard viram na designação de determinadas candidatas uma maneira indirecta de eliminar os candidatos que apoiavam. É o caso da primeira circunscrição dos Pirenéus-Orientais e da segunda dos Pirenéus-Atlânticos.

Onze membros do Governo em quarenta e três não serão candidatos. Trata-se de Michel Jobert, da senhora Yvette Roudy de Claude Cheysson, Jacques Delors, André Henry, Jack Lang, Georgina Dufoix, de Alais Bombard e dos três senadores Roger Quilliot, Raymond Courriere, Marcel Debarge.

Alguns dos casos litigiosos que ainda existem em suspenso deverão ser examinados de novo pela comissão de resoluções e decididos em última instância pela comissão executiva. Claude Germon, membro do secretariado executivo é um deles. Manifesta o desejo de ser ele o candidato na terceira circunscrição de Essonne, onde o deputado é Pierre Auquin, membro do secretariado político do P.C.F.. Os militantes locais preferem um candidato do CERES que tenha um suplente rocardiano.

Em diversas circunscrições foram pedidos novos votos às secções. É, nomeadamente, o caso da primeira e da sexta de Morbihan, onde os candidatos designados pela base não obtiveram o acordo da direcção, porque apoiavam a candidatura de Huguette Bouchardeau à eleição presidencial.

Os membros do congresso separaram-se após terem aprovado um texto em que mandatam o secretariado executivo para assumir o compromisso «com base nas propostas que François Mitterand submeteu à aprovação do país (...) negociações em vias de conclusão de acordos políticos com todos aqueles que contribuíram para a vitória».

DESPORTO

Mamede amanhã na Légua de Ouro

Fernando Mamede vai defender amanhã em Gateshead, cidade do norte de Inglaterra, a reputação de melhor atleta europeu nos 5.000 metros de «ouro», frente a 21 atletas de sete países. Mamede (29 anos) apresenta-se com a 2.ª melhor marca mundial do ano e a primeira europeia da distância (13.19,2) depois do norte-americano Bill Mchenesney (creditado com 13.15,77) e que alinhará a seu lado.

O destino da corrida dependerá em grande parte das condições atmosféricas, dado que o estádio se situa num local muito ventoso. No entanto, se na altura, da prova as condições forem pelo menos «razoáveis», os recordes do Mundo e da Europa poderão estar em risco de cairem. Os atletas britânicos procurarao tirar vantagem de actuar diante do seu público e «vingarem-se» da força colectiva dos cinco corredores etíopes, como sucedeu nos Jogos Olímpicos de Moscovo e no «Mundial» de corta-mato. Particularmente, britânicos e norte-americanos deverão imprimir à corrida um andamento rápido, contínuo, de forma a que os etíopes não assumam de início o comando da prova, para depois retrairem o andamento e possibilutarem vitória ao «sprint» a um seu compatriota.

Os 22 participantes na «Légua de Ouro» e os tempos de inscrição são: Alberto Cova, Itália, 13.40,4; Roger de Vogel, Bélgica, 13.36,2; Berhanu Girma, Etiópia, 13.33.6; Abraham Tadesse (28.03,9 nos 10.000); Francis Gonzalez, França, 13.20,24; Moahammed Kedir, Etiópia 13.17,5; Alex Hagalsteens, Bélgica, 13.30,3; Alistir Hutton, Escócia, 13.41,45; Tolossa Kotu, Etiópia, 13.35,2; Bill McHesney, EUA, 13.15.77; Fernando Mamede, Portugal, 13.17,76; Dave Murcroft, Inglaterra, 13.29,1; Nat Muir, Escócia, 13.17,9; Emil Puttemans, Bélgica, 13.13,0; Nick Rose, Inglaterra, 13.20,35; Piero Salvaggio, Itália, 13.55,2; Barry Smith, Inglaterra, 13.24,7; Geoff Smith, Inglaterra, 13.40,64; Craig Virgin, EUA, 13.19,1; Wolde-Hana Birma, Etiópia, 13.26,2; Julian Goater, Inglaterra, 13.24; Tom Hunt, EUA, 13.26,1.

ADO comemora o seu 25.º aniversário

A Associação Desportiva de Oeiras, comemora o seu vigésimo quinto aniversário. Entre vários desportos, como, torneios de hóquei em patins, Andebol, pesca etc, também hoje no seu Pavilhão, pelas 21.30 horas, Festival de Patinagem Artística.

Entrada grátis para sócios e para os não associados bilhetes a 20$00.

Incidentes na Luz

MAI afirma «actuação da PSP foi correcta»

Em relação aos acontecimentos ocorridos no Estádio da Luz, o Ministério da Admnistração Interna torna público o comunicado seguinte:

«1 – Na sequência dos acontecimentos ocorridos em 24 de Maio passado no Estádio da Luz e das averiguações sobre os mesmos levados a cabo pelo comandante-geral da PSP, foi entregue em 2 do corrente mês no gabinete do ministro da Administração Interna um relatório com as conclusões apuradas.

«2 – Da sua análise, incluindo a leitura dos depoimentos prestados por variadas pessoas, (dirigentes do Benfica e do Vitória de Setúbal, elementos policiais um locutor em serviço no Estádio, etc.) a audição das cassetes com os relatos do encontro feitos pela Rádio Renascença, Antena Um e Rádio Comercial (da RDP) e o visionamento do filme da RTP, parece poder concluir-se ter sido a actuação das forças da PSP correcta e ajustada às situações que teve de enfrentar.

«3 – Em consequência dos factos referidos em 1, receberam tratamento hospitalar 9 civis (um dos quais ficou internado) e 6 agentes policiais. As idades dos civis são: 16, 17, 19, 21, 22, 23, 26, 31 e 42 anos. Entre estes não se contam crianças ou mulheres. Também não se apurou que alguém tivesse sido mordido por cães.

A festa que alguém estragou.

«4 – Não obstante o acolhimento dos dados atrás referidos e para poder garantir a independência do juízo a proferir em termos definitivos, o ministro da Administração Interna solicitou ao Procurador-Geral da República a designação de um magistrado para proceder ao respectivo inquérito.»

Para além disto...

O filme da Televisão não contem imagens dos acontecimentos posteriores ao jogo: foi explicado no Telejornal de dia 26, pouco depois de a PSP o ter solicitado para complemento das suas averiguações. Por seu lado, o comunicado do MAI não indica quem requereu a entrada no Estádio da Polícia de Intervenção.

Portugueses exigem a divulgação das responsabilidades na Luz

Por seu turno, a SIP da DORL do PCP divulga a seguinte nota:

«Apesar de ter passado mais de uma semana desde os graves acontecimentos do Estádio da Luz, continuam por esclarecer as responsabilidades do Governo «AD» na intervenção injustificada, repentina e brutal da polícia de choque. A brutalidade da agressão originou centenas de feridos e não poupou mulheres, crianças e pessoas idosas. As imagens desta agressão fizeram recordar em todos os portugueses as imagens da repressão usada durante o regime fascista.

«Esta intervenção, que constitui um grave atentado às liberdades e viola as normas constitucionais e legais, foi imediatamente repudiada pelos desportistas, pelos democratas, por todos os portugueses. **Porém, são precisamente os responsáveis pelos incidentes que se arrogam o direito exclusivo de realizar um inquérito,** ao mesmo tempo que levantam obstáculos a um inquérito imparcial proposto na Assembleia da República. Tal atitude e o não conhecimento, até ao momento, dos resultados de tal inquérito, parecem indicar a **vontade do governo fazer esbater as consequências do incidente e de abafar responsabilidades.**»

A violência e arbitrariedade revelam a perspectiva que o plano da «AD» oferece ao País

«As cargas contra o povo no Estádio da Luz não são um facto isolado. **A utilização frequente da violência e de outras medidas arbitrárias, como:**

A invasão policial de uma igreja em Lisboa;

A prisão arbitrária de três dirigentes sindicais da Frente Comum da Função Pública;

A prisão de um membro da Junta de Freguesia do Socorro quando afixava um edital da Junta;

O espancamento de agricultores das Caldas da Rainha;

Cargas policiais contra populações que reivindicam melhores condições de vida e de segurança; Frequentes acções de violência contra os trabalhadores da Reforma Agrária; **revelam bem o afastamento da política deste Governo em relação às liberdades e à democracia.** A responsabilidade de tais actos não cabe apenas, nem principalmente, aos seus directos executores. A responsabilidade deve ser pedida ao Governo que os dirige, que os instrui e instrumentaliza. A continua utilização de forças policiais como meio de fazer impor a política do Governo «AD» e o seu desvio da missão de assegurar o exercício das liberdades e da ordem democrática, constituem um grave perigo para Portugal e para os portugueses.

«Tais perigos são confirmados com a existência de projectos para criar «serviços de informações», «forças de operação especiais» e de «luta antiterrorista».

Vindos de quem vêem, cozinhados no «segredo dos deuses», introduzidos a coberto do ambiente de «guerra fria» criado por importantes órgãos de comunicação social como a RTP, assessorados por conselheiros dos serviços secretos norte-americanos conforme foi reconhecido por membros do Governo, **tais projectos visam fundamentalmente a repressão dos trabalhadores e dos democratas** e a protecção ao terrorismo de extrema-direita e ao terrorismo provocatório esquerdista – que com ele se confunde – e anunciam a intenção da instauração de um Estado policial. Tais perigos ganham novas dimensões quando a «AD» planeia governamentalizar e partidarizar as Forças Armadas, para desestabilizar a situação a curto prazo.

«Tais projectos não passarão. O regime democrático será defendido!

«Este Governo que não se conforma com o regime democrático tem que ir para a rua! O Governo tem que responder pelos graves acontecimentos da Luz! A Constituição e as leis assim o determinam! A segurança e tranquilidade do Povo Português assim o exige! A situação exige um novo Governo e uma nova política para uma viragem democrática!»

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORN. DE 1 ELECTRO-NISTAGMOGRAFO
Serv. de Otorrino .....Conc. Púb. n.º 13/81-IE

As respectivas condições, encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar no dia 16 do corrente mês às 11 horas no referido serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 2 de Junho de 1981

Pel'O Director do Serviço de Aprovisionamento
a) J. D'ALMEIDA RIBEIRO

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

EDITAL

Concurso público para arrematação da empreitada de: «GRANDES REPARAÇÕES - ESCOLA PRIMÁRIA DE QUELUZ DE BAIXO».

Base de licitação — 1 639 346$50
Caução provisória — 40 983$70

Alvará exigido — Obras Públicas 1.ª Subcategoria da I categoria, ou I categoria ou ainda categoria única dos industriais da Construção Civil, e classe correspondente ao valor da proposta.

Local, dia e hora limite para a entrega de propostas — serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção à Câmara Municipal de Oeiras até às 17.45 horas do dia 30 de Junho de 1981.

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala de Sessões da Câmara, pelas 10 horas do dia 1 de Julho de 1981.

Local e horário para exame do processo — D.E.S.A. Divisão de Equipamento Social e Ambiente, dos Serviços de Urbanização e Obras da Câmara durante as horas de expediente.

Paços do Concelho de Oeiras, 3 de Junho de 1981
O PRESIDENTE DA CÂMARA

JOÃO ANTÓNIO DA SILVA RAMOS

Lito Gomes de Almeida: presidente da «Liga»

O dr. Lito Gomes de Almeida foi eleito presidente da Liga dos Clubes de Futebol Profissional, batendo por 48 votos a candidatura do dr. Armando Rocha. O dr. Lito Gomes de Almeida, que já ocupou lugares do maior destaque nas direcções do Sporting de Braga e Sporting de Espinho, está também sentimentalmente ligado aos «portistas», mas é, acima de tudo, um autêntico homem do futebol que pode (finalmente) conferir à Liga o prestígio que o organismo nunca conseguiu granjear, especialmente em termos de respeito entre os altos areópagos do futebol. Nada mais certa esta escolha: o homem certo foi para o lugar certo.

Sporting nas Américas

Rumo às Américas partiu uma embaixada sportinguista que integra 20 jogadores: Crispim, Caeiro, José Eduardo, Bastos, Eurico, Zezinho, Barão, Meneses, Virgílio (vindo do Famalicão), Ademar, Freire, Mota, Esmoriz, Jordão, Lito, Manoel, Manuel Fernandes, Bastos, N'Wococha e Osvaldo Jorge (que jogava no Desportivo de Beja).

Viseu processa António Teixeira

A direcção do Académico de Viseu decidiu processar judicialmente o seu ex-técnico de futebol, António Teixeira. A decisão foi tomada no decorrer de uma reunião convocada devido «às declarações que António Teixeira recentemente prestou à Imprensa» e que, na altura, os responsáveis pelo clube rotularam de «falsas, irreverentes e chocantes para quem esteja a par da verdade». Num comunicado divulgado após a reunião, a direcção do Académico de Viseu acusa António Teixeira de ser um «indigno servidor do futebol português».

Farense recruta

O Farense pretende recrutar Mirobaldo (Beja), Lima e Isidro (Belenenses), Guilherme, José Rafael e Tobica (Portimonense) e Padrão (União de Leiria).

Divisões secundárias

Amanhã, às 17 horas – U. Leiria - Rio Ave; **dia 10 (quarta-feira)** – U. Leiria - Estoril; **dia 14 (domingo)** – Rio Ave - Estoril; **dia 18 (quinta-feira)** Rio Ave; U. Leiria; **dia 21 (domingo)** – Estoril - U. Leiria e **dia 28 (domingo)** Estoril - Rio Ave.

A segunda fase do Campeonato Nacional da III Divisão (apuramento do campeão) engloba os seguintes encontros.

ZONA NORTE – Amanhã, às 17 horas – U. Coimbra-Leça; **dia 10 (quarta-feira)** – U. Coimbra -Valdevez; **dia 14 (domingo)** Leça-Valdevez; **dia 18 (quinta-feira)** – Leça-U. Coimbra; **dia 21 (domingo)** – Valdevez-U. Coimbra, e **dia 28 (domingo** – Valdevez-Leça.

ZONA SUL – AMANHÃ, ÀS 17 HORAS – Rio Maior «O Elvas», **dia 10 (quarta-feira)** – Rio Maior-Esp. Lagos; **dia 14 (domingo)** – «O Elvas»-Esp. Lagos; **dia 18 (quinta-feira)** – «O Elvas» Rio Maior; **dia 21 (domingo)** – Esp. Lagos - Rio Maior e **dia 28 (domingo)** – Esp. Lagos «O Elvas».

Veloso: chamada para a selecção

Não faltem em Alcobaça!

Amanhã, às 11 e 30, em Alcobaça, tem lugar uma grande jornada desportiva, que culmina com o desafio de futebol entre a actual formação do Benfica e um misto do distrito de Leiria. A receita é integralmente para a deslocação de Miguel Pedro (13 anos, filho do antigo «internacional» Cavém) que terá de ir a Londres submeter-se a uma difícil intervenção cirúrgica.

DESPORTO

Às 17, no Jamor

«Taça» oscila entre Benfica e Porto

Benfica e FC Porto apresentam-se hoje na sua quase máxima força na final da 41ª edição da «Taça de Portugal» de futebol, reinando um optimismo moderado em ambas as hostes. O benfica não poderá contar com o «capitão» Humberto, lesionado no ombro direito (em Espinho) enquanto o FC Porto não alinhará com o médio Frasco, também a contas com uma lesão.

O técnico benfiquista Lajos Baroti mostra-se confiante quanto ao desfecho do jogo, sem contudo subestimar o valor do adversário, por si considerado como «muito difícil». Por seu turno, Herman Stessl, técnico portista, considera que «ambas as equipas têm teoricamente as mesmas possibilidades de ganhar». Acrescentou, no entanto, que o Benfica tem ligeira vantagem por jogar no seu ambiente.

Por seu turno, Nené, que será o «capitão» (na ausência forçada de Humberto), disse que «o jogo será difícil para ambas as equipas», não deixando de frisar que o Benfica pode este ano conquistar a «dupla» (Campeonato e Taça) facto que não acontece desde a temporada de 1971-72.

Entretanto, a PSP estará no Estádio do Jamor com um contigente de cerca de 400 elementos, para evitar a repetição dos tumultos da final do ano passado entre as mesmas equipas e dos incidentes registados recentemente no Estádio da Luz, no encontro em que o Benfica venceu o Setúbal por 5-1 e decidiu o título desa temporada.

O FC Porto fez na 5ª. feira o habitual treino de conjunto, realizando ontem novo no Estádio do Jamor. Da comitiva que se deslocou a Lisboa e que se encontra instalada num hotel da Costa do Estoril, fazem parte os seguintes 18 jogadores: Tibi, Zé Beto, Gabriel, Simões, Freitas, Lima Pereira, Jaime I, Jaime II, Rodolfo, Teixeira, Sousa, Walsh, Romeu, Costa, Niromar, Fernando, João Pinto e Albertino.

O FC Porto deverá apresentar a seguinte formação: Tibi, Gabriel, Simões, Freitas, Lima Pereira, Romeu, Rodolfo e Jaime I, Walsh, Sousa e Costa.

O técnico do Benfica, cuja equipa fez ontem um ligeiro treino, após o que a nova direcção foi apresentada aos jogadores, convocou para o encontro do Jamor os seguintes 16 jogadores: Bento, Veloso, Frederico, Laranjeira, Pietra, Carlos Manuel, Alves, Sheu, Chalana, Nené, César, Jorge, António Bastos Lopes, Alhinho, Reinado e Vital. De notar a inclusão de Alhinho no lote dos convocados, depois de ter estado ausente do banco há vários jogos.

Humberto será substituído por Frederico e, com Nené e Alves praticamente recuperados, Baroti deverá fazer alinhar inicialmente o seguinte «onze»: Bento; Veloso, Frederico, Laranjeira, Pietra; Carlos Manuel, Alves, Sheu, Chalana, Nené e César.

César: há um ano foi ele que derrotou o Porto

Números e história

Benfica e FC Porto encontram-se pela 6.ª vez, segunda consecutiva, para disputarem a 40.ª edição da final da Taça de Portugal de Futebol. O Benfica, detentor do troféu depois da sua vitória por 1-0 na final de 1980, vai tentar conquistar a sua 7.ª «dupla» (campeonato-taça) que culminaria um ano de êxitos como há muito tempo o clube da Luz não vive. Para o FC Porto este jogo representa uma oportunidade de vingar a derrota da última época e uma compensação para o campeonato recentemente perdido.

No balanço das anteriores cinco finais entre os dois clubes a vantagem do Benfica é nítida, pois somente em 1958 se verificou um triunfo portista, por 1-0. O Benfica derrotou a equipa nortenha em 1953 (5-0), 1959 (1-0), 1964 (6-2) e 1980 (1-0). O Benfica é o clube com maior número de troféus conquistados (16), contra nove do Sporting e apenas quatro do FC Porto. O clube lisboeta foi cinco vezes finalista derrotado, a última das quais em 1975 perante o Boavista (1-2), enquanto o Porto sofreu seis derrotas em dez presenças na final.

Em 1980, o Benfica venceu com um golo solitário do brasileiro César, o primeiro estrangeiro a marcar pelo Benfica em 21 finais, nas quais o clube obteve 63 tentos.

As seis «duplas» do Benfica aconteceram em 1943, 1955, 1957, 1964, 1969 e 1972 e a única do FC Porto em 1956.

A primeira Taça de Portugal disputou-se em 1939 e foi conquistada pela Académica de Coimbra, que bateu na final o Benfica, por 4-3. Entre 1922 e 1938, disputou-se em moldes idênticos o Campeonato de Portugal, ganho quatro vezes pelo FC Porto e três pelo Benfica. Nas 39 finais disputadas, marcaram-se 151 golos o primeiro dos quais por Alberto Carneiro (Académica de Coimbra) na primeira final, no dia 25 de Junho de 1939. O Benfica obteve 41,7 por cento do número total de golos.

A Taça de Portugal nunca foi conquistada por equipas das divisões inferiores, apesar de em 1943 e 1962 (Vitória de Setúbal) e 1944 (Estoril) os finalistas vencidos pertencerem à 2.ª Divisão. Nos últimos dez anos apenas quatro equipas venceram a prova: Benfica (3), Sporting (3), Boavista (3) e FC Porto. Apenas duas vezes, em 1978 (FC Porto-Sporting) e 1979 (Sporting-Boavista) a final teve que ser repetida, devido a empates nos primeiros jogos.

A maior goleada aconteceu na final de 1952 (Benfica-Sporting: 5-4) e o resultado mais desnivelado em 1944 (Benfica-Estoril: 8-0). Assinale-se que, desde 1970, quando o Benfica venceu o Sporting por 3-1, as vitórias foram sempre decididas pela margem mínima.

Para atingir a final, o Benfica afastou seis equipas das quais apenas o Belenenses, nas meias-finais, pertencia à 1.ª Divisão, mas actuou sempre nos campos adversários. O Benfica venceu o Benfica e Castelo Branco (3-0), União de Coimbra (2-0), Vasco da Gama de Sines (2-1), Esperança de Lagos (2-1) e Belenenses (1-0).

Os golos «encarnados» foram apontados por Nené (cinco), Reinaldo (quatro), Carlos Manuel (três) e Vital (dois). Beto (Vasco da Gama de Sines), Nascimento (Esperança de Lagos), foram os únicos jogadores a violarem as balizas benfiquistas.

O FC Porto também só defrontou uma equipa da 1.ª Divisão, Vitória de Setúbal, nas meias-finais, precisamente o adversário que lhe conseguiu marcar o golo (2-1). Os portistas venceram fora o Torres Novas, da 2ª Divisão (1-0), e o Farense (2-0), Rio Ave (1-0) e Nacional da Madeira (3-0) e, em casa, o Famalicão (5-0), do escalão secundário. Sousa, com sete golos, é o melhor marcador do FC Porto «Taça» seguido de Costa (quatro), Walsh (dois) e Jaime I (um).

Autocarros do Porto invadiram Lisboa

Devido à greve dos maquinistas da CP, a falange de apoio portista viu-se na contigência de ter de escolher outro meio de transporte para chegar ao Vale do Jamor. Estavam previstos dois comboios especiais da Comissão Pró-Sede do FC Porto que, à última hora, foram substituídos por autocarros. Fala-se em 250, só da cidade do Porto, mas irão muitos mais, a avaliar pelo grande movimento que se registava ao princípio da manhã de hoje, nos locais de paragem habitual de carreiras. Só visto!

Numa primeira estimativa, calcula-se que, pelo menos, 15 mil adeptos e simpatizantes «azuis e brancos» irão testemunhar a final da Taça. Sim, porque há ainda que ter em conta os milhares de automóveis que rumaram também a Lisboa com destino à «festa». Cada um «desenrascou-se» como pôde, porque o tempo urgia e o futebol não se compadece com atrasos, ainda que justificados.

Através dé breves contactos estabelecidos com alguns adeptos do FC Porto pudemos facilmente apercebermo-nos do seu estado de espírito: um optimismo comedido e a quase certeza de uma desforra. «Se a final em vez de ser em Lisboa fosse cá, já estava no papo». Dizia outro: «Ainda por cima foram escolher um árbitro do Sul, mas enganam-se porque vamos ganhar». Ainda um terceiro: «Oxalá que não aconteça como o ano passado: aquilo foi uma vergonha.

Stessl confia em Mike Walsh

Discordando em absoluto da realização da final da Taça em Lisboa, o técnico portista Herman Stessl evidenciou, ainda assim, uma certa convicção optimista: «Espero que o FC Porto retifique neste jogos alguns dos erros cometidos na Luz para o Campeonato». Acrescentou: «Mike Walsh, vai jogar e isso satisfaz-me bastante, na medida em que se trata de um jogador capaz de resolver por si só o jogo».

No tocante à hipótese de um segundo jogo (finalíssima) como seria? A pergunta dirigida a Herman Stessl obteve resposta imediata: «Nesse caso as coisas complicavam-se, já que no espírito de todos está assente que tudo se decidirá num só jogo».

Walsh: «Desta vez vai ser diferente»

O reaparecimento do «homem-golo» do FC Porto será um facto. Após afastamento de um mês que, a avaliar pelo teste de quarta-feira, passada, não deixou marcas. «Estou bem e apto a dar o meu contributo à equipa» – fez questão de nos dizer Walsh, logo após o jogo que fez pelas reservas, no campo do Salgueiros. «Esta final vai ser muito diferente dos jogos anteriores que disputei com o Benfica» prosseguiu Walsh que explicou: «Desta vez vamos actuar na máxima força e com um estado de espírito diferente. Para melhor, é claro, pois perdemos o campeonato e queremos que o segundo melhor troféu seja nosso».

A maioria dos jogadores portistas afinava pelo mesmo diapasão. Nada melhor para fechar a época do que a conquista da Taça. Que dará fama e proveito, como é óbvio, sobretudo a jogadores que estão na fase ascendente da sua carreira, como será o caso dos jovens Jaimes (primeiro e segundo) em quem Stessl apostou a partir de determinada fase do campeonato e que tão boas provas deram.

Prémio: uma incógnita

Por banda dos «azuis e brancos» ninguém se abre quanto ao prémio do jogo. Sustentando que se tratava de uma «questão secundária», os jogadores portistas nada adiantaram. Apenas uma certeza: «será diferente do habitual e substancialmente melhorado».

Outra certeza será a partida para o Brasil, seja qual for o resultado. Conforme foi oportunamente anunciado o FC Porto (desfalcado de Tibi, Gabriel e Lima Pereira) convocados para a selecção, partirá para o Brasil na próxima quarta-feira, onde efectuará três jogos. Quinito e Cobelho, actualmente em França, integrados na selecção de «esperanças» irão juntar-se aos seus companheiros em voo directo que farão de Paris para o Rio de Janeiro, colmatando assim as ausências dos quatro titulares já referidos. Só depois desta mini-digressão os profissionais do FC Porto entrarão de férias, por um período ainda a determinar, mas que em princípio nunca será inferior a um mês.

Porto: a juventude de dois Jaimes

Stessl: optimismo para o Jamor

Torneios de competência

Amanhã, pelas 17 horas, começa a disputar-se o «Torneio de Competência». Jogos: Académico de Viseu - Juventude de Évora e Nazarenos - Leixões. O Académico de Viseu joga sob protesto, face ao estranho «caso Peres» ainda não estar deslindado oficialmente.

Setúbal em Badajoz

Principiou ontem o Torneio de Badajoz: Atlético de Madrid, 1 -Desportivo de Badajoz, 0. O jogo para hoje: Setúbal - Espanol.

Esperanças fracassaram

Portugal perdeu por 1-4 com a União Soviética, na 1.ª jornada do «Torneio de Esperanças de Toulon» (França).

O tento português foi apontado pelo bracarense dito aos 71 minutos, quando o resultado já estava em 0-4. Ao intervalo, os soviéticos venciam por 2-0, golos de Evstafy Pekhevanidi e Yaroslav Dumanski, respectivamente aos 3 e 12 minutos. Aos 58 e 60 minutos, respectivamente, Pekhevanidi e Dumanski voltaram a marcar.

Portugal alinhou com a seguinte equipa: Justino; Álvaro, Carlos Xavier, Dito, Bastos Lopes; Sobrinho, Diamantino e Paquito; Quinito, (Cruz) Sérgio, e Coelho.

Apenas um comentário: fracasso total da turma nacional.

O traço de Pargana

O novo presidente benfiquista Fernando Martins, Carlos Manuel e Chalana

DESPORTO

Nacional de andebol

Dia de tréguas

A jornada de hoje (12.ª) antepenúltima do campeonato nacional da 1.ª divisão de andebol, é de tréguas para os dois candidatos ao título.O FC do Porto, «guia», com um ponto mais do que o competidor a seguir, mesmo atendendo que se desloca ao recinto do Sporting de Espinho, nem por isso terá uma tarefa espinhosa. A supremacia portista não é de hoje é de há muitos anos e não nos recorda de ocasião única que os portistas tenham sido derrotados pelos espinhenses. Há uma incomensurável diferença de categoria que parece não «admitir» surpresa.

Nas mesmas circunstâncias estará o Sporting, ao defrontar o Cascais, até de espírito mais tranquilo na medida em que actua como visitado. Não será hoje que se alterará a posição actual de portistas e leoninos: de hoje a oito dias, sim, porque se defrontam, no jogo que decidirá o trono no Pavilhão de Alvalade.

A partida mais importante da jornada na inexistência de outras susceptíveis de «mexida» na tabela classificativa, disputa-se na Luz, entre o Benfica e o Encarnação: estará em luta o 3.º lugar, posição que à partifa os «encarnados» estariam longe de pensar que teriam tantas dificuldades para alcalçar. O Encarnação conta com três pontos mais na tabela classificativa e tem um «golo-average» de cinco tentos (28-23) do jogo da 1.ª volta. Parece que vai ser extremamente difícil ao Benfica chegar a uma vantagem de seis golos, que, se não for conseguida afundará o emblema com a «águia» no modesto 4.º lugar final.

Finalmente, a partida S. Mamede-Desp. Portugal, em que o favoritismo que é naturalmente de conceder aos mamedenses pode ser contrariado pela forte vontade do «velho» desportivo conseguir o seu 1.º êxito (o melhor que conta é um empate) na prova. Os jogos: Benfica-Encarnação (19 e 30), S. Mamede-Desp. Portugal (21), Sporting-Cascais (18 e 30), S. Mamede-Desp. Portugal (21), Sporting-Cascais (18 e 30) e Sp. Espinho-FC Porto (21 e 30). Classificação actual: 1. FC do Porto, 32 pontos; 2. Sporting, 31; 3. Encarnação, 26; 4. Benfica, 23; 5. Cascais, 19; 6. S. Mamede, 18; 7. Sp. Espinho, 16; 8. Desp. Portugal, 12 (todos com 11 jogos).

Ginásio Clube Português: espectáculo para Lisboa

Um «Dia Gímnico/81» está hoje a ser comemorado pelo Ginásio Clube Português no Estádio Universitário de Lisboa e no seu pavilhão, que assim oferece à população da capital um grande festival gimnodesportivo.

Torneios relâmpagos de ginástica, esgrima, mini-tramplim, halterofilia, tiro de pressão de ar e com arco, ténis de mesa e judo, sucedem-se desde as 10 horas da manhã até às 18.00, com a participação dos atletas daquela prestigiosa e velha organização da Praça das Águas Livres, que este ano comemora 106 anos de actividade.

Por outro lado, no relvado principal do Estádio, coexistirá uma aula de ginástica de manutenção mista acessível a todos os que, independentemente de serem ou não sócios do GCP, nela queiram participar.

Para além desta aula e dos torneios, os atletas do clube farão demonstrações que vão do ballet ao aikido, passando pelo atletismo e pelo boxe.

Entretanto, e culminando uma série de exibições das suas classes, o GCP realiza às 21.15 do próximo dia 9, no Pavilhão dos Desportos, um Sarau de Gala onde, entre outros pratos fortes, se exibirão as classes infantis de ginástica, ballet, dança, jazz, rítmica, jogo do pau e saltos de mesa alemã, o prato forte de encerramento de todos os saraus.

É a oportunidade de serem apreciados os atletas dum clube que este ano obteve das mãos do Presidente do Comité Olímpico Internacional, Juan António Samaranch, um galardão único em Portugal (e raro no Mundo): a Taça Olímpica.

Talvez por esta razão, o GCP considere 1981 como um ano de ouro e tenha decidido, com algumas grandes realizações, sair da sua sede e trazer o desporto para o grande convívio de todos nós.

Torneio Internacional de Caça com Arco

Na reunião com os órgãos da Comunicação Social, onde o GCP apresentou aos jornalistas o seu próximo programa de realizações, foi ainda dado a conhecer a realização do 1.º Torneio Internacional de Caça com Arco que decorrerá entre 26 e 28 deste mês na Praia das Maçãs.

Realizado num pinhal que um sócio pôs à disposição do clube e que, segundo a campeã europeia da modalidade reúne óptimas condições para a efectuação de tal prova. A Caça com Arco é uma modalidade desportiva que substituiu os animais por alvos fixos colocados em lugares que vão do solo até à copa das árvores ou no meio de rochas, e em que, a uma distância pré-determinada pelos organizadores, todos os atiradores são obrigados a colocar um pé num local devidamente marcado. Este facto, para além de pôr todos os concorrentes em igualdade de circunstâncias, dificulta extraordinariamente o tiro, mimando as situações que são vulgares quando o caçador atira realmente com arco a peças de caça.

Hoje

ANDEBOL – Camp. Nac. I Divisão (sen/masc.); Benfica - Encarnação (18.30), Académica S. Mamede-Desp. Portugal (21), Sporting-Cascais (18.30) e Espinho-FC Porto (21.30).Camp. Nac. III Divisão – Zona Norte: Coelima - Salgueiros (pav. Guimarães, 17.30) e Sanjoanense - CP Natação (21.30) – Zona Sul: Ginásio do Sul-NALE (pav. D. António Costa, 18), CV Tavira-Ajudense (rinque de Tavira, 21.30) e Náutico do Guadiana - Scalipus (pav. V.R. St.º António, 18). Camp. Nac. juniores masculinos (última jornada); Torres Novas - Encarnação (pav. Torres Novas, 16). Torneio de Encerramento (não apurados das I e II Divisões) – Zona Norte: Beira Mar-Francisco Holanda (17). – Zona Sul: – Camarão - Passos Manuel (pav. D. Pedro V, 21). – Torneio Internacional de Valência, com a participação da equipa feminina da Associação Desportiva de Oeiras. – 2.º Torneio de Verão promovido pelo CD Império do Cruzeiro, no seu recinto: Rio Seco -Belenenses, às 15, e Império do Cruzeiro - Académica da Ajuda, 16 e 15, em seniores masculinos. – 1.º Encontro Nacional de selecções juniores femininos, no pavilhão universitário de Coimbra.

ATLETISMO – Taça dos Campeões Europeus, no Estádio do Estrela Vermelha, em Belgrado (Jugoslávia), com a participação da equipa de seniores masculinos do Benfica.

BASQUETEBOL – Taça de Portugal (masculinos – 1.ª elimintória/3.ª fase: Sporting da Horta-FC Porto (pav. Ajuda, 19) e Ginásio Figueirense - Faial (Liceu F.Foz, 19). – Cam. Nac. Juniores, masculinos – Zona Norte: Desp. Póvoa - Naval 1.º de Maio (pav. S. João da Madeira, 16), Vilanovense - FC Porto (pav. Lima, 18.30), Desp. Leça - Sangalhos (pav. Aveiro, 17) e Olivais - Ovarense (pav. Aveiro, 18.30). – Zona Sul: Benfica - Barreirense (pav. Ajuda, 17.30) e Atlético -Algés (pav. Ajuda, 16).

BOXE – Eleições dos novos corpos gerentes da federação, na sede dos organismos desportivos (Rua do Arco do Cego, 90).

CICLISMO: 1.º Prémio Cicloturista da Câmara Municipal de Oeiras, distância de 16 km e partida às 15 horas.

FUTEBOL – Taça de Portugal – Final: Benfica - FC Porto, no Estádio Nacional, às 17. Torneio Inter-associações de juvenis – Final: Lisboa – Porto, no Jamor, às 15.15. Taça Nacional de Juvenis – Zona A (jogo antecipado): Mirandela - Lourosa, no campo do primeiro, às 16. Troféu Ibérico, em Badajoz: V. Setúbal -Espanhol de Barcelona, às 20 horas. Jogo particular: V. Guimarães - Fafe, em Guimarães, às 15 horas, para apresentação dos três reforços brasileiros. Camp. Distrital de Santarém de Iniciados – Final (2.ª «mão»): U. Tomar -U. Santarém, no Estádio, 25 de Abril às 17.

GINASTICA – Camp. Nac. duplo minitrampolim, nas instalações do Lisboa Ginásio Clube, a partir das 14 horas. Sarau promovido pelo Sacavenense, no respectivo pavilhão, às 15 e às 21 horas. Festivais dedicados à Comunicação Social (Imprensa escrita) e à cidade de Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, a partir das 15 e das 21 horas, respectivamente.

HÓQUEI EM CAMPO – Camp. Nac. I Divisão: U. Lamas - Fut. Benfica (17) e Ramaldense -Odivelas (18).

HÓQUEI EM PATINS – Camp. Nac. I Divisão: Belenenses - Juventude de Viana, Sesimbra - FC Porto, Valongo - Sporting e Sanjoanense - Benfica, às 21 e 30. Camp. Nac. Juniores: Alenquer e Benfica - Campo de Ourique, (17). Camp. Nac. II Divisão – Zona Norte: CDUP-OC Barcelos, Paredes - Riba d'Ave, Juventude Pacense - CD Póvoa, Académico de Braga - CD Grundig, GA Godin - Académico do Porto, Académica de Coimbra - HC Carvalhos, Minas da Panasqueira - Termas HC, GD Fânzeres - Escola Livre de Azeméis. – ZONA SUL: Marinhense - Sp. Tomar, Sp. Torres -Stella Maris, HC Turquel - Juventude de Alcochete, Tigres de Almeirim - Sp. Caldas, UD Vilafranquense - UF Entroncamento, GD Queluz - Campo de Ourique, Futebol Benfica - Académica da Amadora, Juventude Azeitonense - Santos da Venda Nova, HC Sintra - CD Beja, CD Paço de Arcos - FC Estremoz, e GD Diana - Liga de Algés, todos com início às 18 horas.

NATAÇÃO – Torneio do Nadador Completo de Verão para cadetes, na piscina do Clube Nacional de Natação, a partir das 16 horas. Provas de preparação para todas as categorias, numa piscina do Porto.

RÂGUEBI – Taça de Portugal (seniores) – Oitavos - de - final: Belenenses «A» – CDUL «A» (EUL, 15), Direito «B» – Direito «A» (EUL, 18) e CDUL «B»--Cascais (EUL, 18.30). Taça de Portugal (juniores) – Meias--finais: Direito-S. Miguel (EUL, 17) e CDUL - Lousã (EUL, 16.30).

Torneio de Veteranos «Galp», no Estádio Universitário de Coimbra, às 18 horas.

TÉNIS – Taça «Galea» (jogadores até 20 anos): Portugal -México e Holanda - Chile, nos courts do Law - Tennis Clube da Foz.

TÉNIS DE MESA – «Dia Olímpico», no pavilhão gimno--desportivo de Faro, a partir das 14 horas. 1.º Grande Prémio de Oeiras, nas instalações do ISEF (federados) e do Grupo Recreativo Tercena (populares).

Patinagem artística: nas comemorações do seu 25.º aniversário, a Associação Desportiva de Oeiras, promove hoje a partir das 21 e 30, no seu pavilhão, um espectáculo que compreende a exibição de jovens patinadores artísticos.

MICROSCÓPIO

Recorde mundial

O britânico Keith Connor (23 anos) melhorou o recorde mundial do triplo salto, com 17 metros e 31, em Detroit (no Michigan) durante os campeonatos universitários dos Estados Unidos, de atletismo em sala. O antigo máximo pertencia ao soviético Samil Abbsajov, com 17 metros e 30, desde Janeiro do ano passado.

Basquetebol: título para a URSS

A União Soviética vingou a derrota nos Jogos Olímpicos de 1980, ao vencer a Jugoslávia por 84-67, na final do campeonato europeu de basquetebol, em Praga. Foi o 13.º triunfo dos soviéticos em 22 edições da prova. A Jugoslávia, que em 1980 conquistara a medalha de ouro olímpica, obteve o 2.º lugar e a Checoslováquia obteve a 3.ª posição, ao bater a Espanha (por 101-90), completando o domínio dos países de Leste na competição. Os soviéticos ganharam todos os jogos da competição e derrotaram a Jugoslávia duas vezes, por um total de 37 pontos de vantagem. A vitória menos dilatada aconteceu frente à Espanha, por apenas nove pontos.

URSS: Myskin (29), Walters (20), Jovajsa (13), Jeriomin (8), Belostennyj (8) e Tkaschenko (6).

CARAVANA PLIANT gaia

FINS DE SEMANA • TURISMO

VIAGENS • FÉRIAS

ISTO EM 15'' ONDE QUISER

QUARTO DE CASAL 1,20 x 200	SALA DE ESTAR 1,75 x 2,30	BANCO	QUARTO DE CASAL 1,35 x 1,80
			ROUPEIRO 0,40 x 1,30
COZINHA 1.20 x 2,50	SALA 3,40 x 2,30		

É TEMPO DE PENSAR EM FÉRIAS

FACILIDADES DE PAGAMENTO

VÁ DE SUA CASA A MADRID, PARIS, MOSCOVO, ROMA OU MILÃO COM UMA CARAVANA gaia SEMPRE À MÃO

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 HORAS

RUA DOS INDUSTRIAIS, 15 (A. C. Barreiro)
TELEF. 94 [illegible]

Lá por fora

Hungria recebe a Inglaterra

A Hungria recebe hoje a Inglaterra num jogo do grupo quatro de qualificação para o Mundial de Futebol de 1982 e se vencer tem praticamente garantida a presença na fase final do «Mundial», em Espanha. A Inglaterra, campeã do Mundo em 1966, ficará quase irremediavelmente afastada da final do campeonato do Mundo se perder em Budapeste. Trata-se por isso de um jogo aguardado com invulgar expectativa. Os húngaros pretendem a tranquilidade, os ingleses buscam a qualificação que desconhecem desde o mundial que, em 1966, venceram em Londres.

O treinador magiar, Kalman Mezoly, já designou a equipa, mas o responsável pela selecção inglesa, Ron Greenwood, muito atacado pela Imprensa desportiva britânica pela sua indecisão, continua sem indicar a linha.

A constituição da equipa húngara será a seguinte: Katzirz; Martos, Balint, Varga e Muecler; Garabar, Fazekas, e Nyilasi; Kiss, Muchs e Toroksic. A equipa inglesa alinhará com onze dos seguintes jogadores: Clemence, Sanson, Mills, Watson, Osman, Wilkins, Hoddle, Coppel, Keegan, Mariner, Barnes, Brooking, Francis e Mcdermott.

Taça de França

Saint Etienne e Bastia venceram os jogos da primeira mão das meias-finais da «Taça de França» de futebol. O St. Etienne, que na quarta-feira assegurou a conquista do título, bateu o Estrasburgo por 2-1 e o Bastia derrotou o Lens por 2-0.

Campeonato Austríaco

O Sturm Graz confirmou o seu favoritismo ao título austríaco de futebol, batendo o Wiener Sportclub por 7-0, em jogo da antepenúltima jornada. O Graz soma 44 pontos em 34 jogos, contra 42 do 2.º classificado (Áustria de Viena) que empatou sem golos com o Rapid.

«Roland Garros»: EUA eliminados

Bjorn Borg e Ivan Lendl qualificaram-se para a final do torneio de ténis «Roland Garros» terminando de forma diferente o sonho sul-americano. O sueco, à procura do seu 6.º triunfo na competição, bateu o paraguaio Vítor Pecci (6-4, 6-4, 7-5) festejando da melhor maneira o dia do seu 25.º aniversário.

Lendl, um checoslovaco de 21 anos, realizou uma excelente recuperação e bateu o argentino José Luís Clerc (3-6, 6-4, 4-6, 7-6, 6-2) em autêntica maratona tenística, que durou quatro horas e 23 minutos. Assim, a final de amanhã será disputada por dois europeus o que acontece pela primeira vez nos últimos sete anos.

O êxito de Lendl confirmou a progressiva superioridade manifestada pelos tenistas checos, desde meados da última década. A sua compatriota Hana Mandlikova (19 anos) eliminou a favorita norte-americana Chris Evert-Lloyd, qualificando-se para a final de senhoras. Mandlikova defronta a alemã federal Sylvia Hanika.

«Giro» gira

Os dez primeiros da 20ª etapa do «Giro»: 1.º Beat Breu, Suíça, 2.48,32 (30 segundos bonificação), média horária de 35,601 km; 2.º Joseph Fuchus, Suíça, 2.48,42 (20); 3.º Giovanni Battaglin, Itália, 2.49,50, (10); 4.º Leonardo Natale, Itália, a 52 segundos; 5.º Guillermo de Le Pena, Espanha, 56; 6.º Giuseppe Saronni, Itália, 1,04; 7.º Moreno Argentin, Itália, mt; 8.º Roberto Cerruti, Itália, 1,17; 9.º Tommy Prim, Suécia, mt; 10.º Roberto Visentini, Itália, 1,26.

Geral individual: 1.º Giovanni Battaglin, Itália, 99.42,10; 2.º Tommy Prim, Suécia, a 50 segundos.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

As batatas e a carne

O **telejornal** deverá ser incriminado como uma das grandes causas das doenças cardíacas. Está uma pessoa muito bem descansada na sua casinha, eis nos surge, épico e fanhoso, o Moniz. Proclama que Mota Amaral não dará explicações ao CDS.

Claro, um tipo assusta-se. Deita as mãos à cabeça. Deus, Deus, que desgraças mandais sobre o nosso país! Nós, Senhor, nós com obra histórica tão provada a favor do cristianismo, nós que espalhámos o Pecado pelo mundo, nós não merecíamos tanto. O desemprego em caso de Ceecarmos vá; o custo de vida a usar escadas magyrus, vá; vá o preço dos remédios, a saúde a quem a paga, a instalação das armas nucleares em Portugal, o aumento da dívida externa; vá gramarmos a Televisão, o Balsemão, o Leitão. Tudo isso, a gente, enfim. Mas que Mota Amaral não se explique ao CDS, isso não, isso nunca, isso é perfeitamente in-to-le-rá-vel. O CDS, um partido democrático tão respeitado, tão querido de nós todos!

Freitas do Amaral empesta, perdão!, empresta declarações ao telejornal. Afirma que o CDS aguarda uma reparação, mas não faz disso questão para prejudicar a aliança. Sensato. Como jurista que é, aliás desde há muito, ele devia porém saber que a lei prevê reparação adequada em caso de ofensa grave, particularmente a menores. O CDS fica nitidamente abrangido. Recorra à lei, não vá nisso!

Antes de entrar propriamente na crónica do serão, quero expor minha perplexidade. Já nem sei a quantas ando. Há dias veio o ministro da especialidade garantir um aumento na produção da ordem dos oito por cento; logo a seguir, entrevistado no Porto, Balsemão declarou que, bom, a coisa devia andar pelos dois e meio, e era uma good sorte se fosse positiva; nem ontem novamente o ministro Leitão com pezinhos de lã, isto é uma chatice, afinal o crescimento não será tanto como se previa, não deverá ultrapassar os três por cento...

Lá ando eu às aranhas. Não me espanto, pois se nem eles próprios não dizem coisa com coisa.

E eu fico a pensar se realmente era esta a competência com que, durante anos, nos ameaçaram...

Deixemos por agora o problema da informação na TV, bastando dizer que ela atingiu, desde sempre, o mais baixo índice de qualidade. Com algumas situações curiosas. Por exemplo: a RTProença desmentiu números divulgados quanto aos tempos de antena utilizados pelos partidos. Até concluía pela vantagem dos partidos da oposição. E ainda há quem diga que não somos fortes em ginástica! Colocados porém, face à discriminação dos tempos, a RTProença calou-se.Convidada a provar suas afirmações, nada fez. Pois. Desmentir é fácil. Mas mentir é muito perigoso...

Depois do jogo União Soviética-Jugoslávoia, esperava-se que viesse «Água Viva» e depois o Telejornal e o resto. Tal não se deu. Quem quis chegar até à Lígia, ao Miguel, ao Nelson, à Suely, teve primeiro de gramar o Amaral, o Freitas, o Balsemão, o Leitão, a D. Guida do Ambiente, o Walesha (que, para grande escândalo do telejornal, não foi suficientemente aplaudido pela CGTP também presente em Genebra...) O Haig, etc. Estou desconfiado (tenho um dedo que me adivinha) que a estas horas já a RTProença se terá basto arrependido de haver posto a telenovela antes do **telejornal** pois sondagens terão revelado significativa baixa de audiência do telejornal figueirado...

A última peça do serão incluiu o documentário sobre os primeiros tempos de Hollywood, elaborado pela Thames inglesa. Não serei eu quem retire interesse ao documentário, através do qual assistimos à explosiva invasão pela selva de uma pequena aldeia chamada Hollywood. Com todo o seu cortejo de lutas sangrentas, de crimes, de gangsterismos, de roubos, corrupção, e ilegalidades que caracterizam a «democracia» americana.

Infelizmente, prossegue a luta entre o telespectador e a legenda que quase sempre tapava o nome das personalidades entrevistadas e lá se ia um dos grandes interesses da peça. Por outro lado, importa que a RTP se volte em definitivo para o problema da legendagem. Se, neste momento, não é possível a dobragem (processo inevitável na Televisão) seria conveniente que a legendagem se processasse nas melhores condições de comodidade para o espectador. Assim, é um tormento. E, nisto de tormentos, já a RTP, está suficientemente abastecida.

Outro aspecto! foi por várias vezes referida em público a percentagem de produção portuguesa na programação total da RTP. Trata-se de um artifício. Na realidade, os 60 por cento anunciados estão bem longe da **realidade** embora possam estar próximos da estatística. O que sucede é que, nem ao nível do interesse dos espectadores, nem ao nível da audiência atingido, nem relativamente à ocupação dos horários nobres, aí os 60 por cento não funcionam. A produção portuguesa come as batatas, mas a produção estrangeira come a carne.

E esta situação agrava-se.

J. MARQUES
Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas
Tel. 573559 - 577706

Hoje

1 RTP

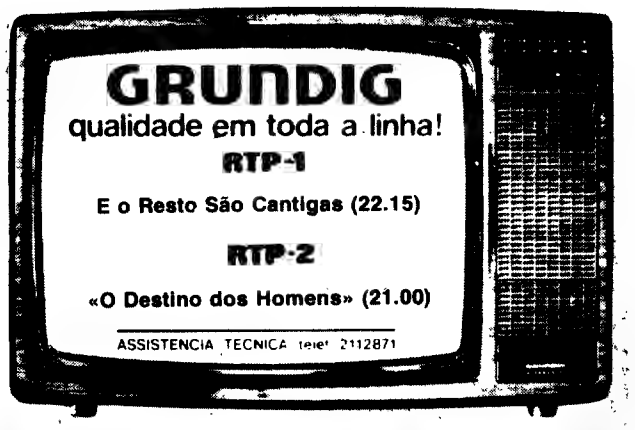
O saudoso Max é esta noite recordado pelo seu filho no programa E o Resto São Cantigas

15.05 **«As Novas Aventuras da Supermulher»** – 3.º episódio. Intérpretes: Lynda Carter, Lyle Waggoner e J. A. Preston.
16.00 **Porque Hoje é Sábado** – com as rubricas «Eu Sou Capaz», «Lugar aos Novos» e «Em Família».
18.30 **«O Mistério de Danedike»** – 4.º episódio. Intérpretes: Michael Craig, Preston Lockwood e Kenneth Colley.
18.55 **Magazine/7** – programa da Direcção de Informação.
19.30 **Gente Singular** – «Retratos da Vida na Província»: «Um Motor a Álcool».
20.00 **Quinzena Teatral** – a divulgação e o comentário das actividades teatrais.
20.25 **O Tempo**
20.30 **Aqui e Agora** – programa da Direcção de Informação que inclui o Telejornal.
22.15 **E o Resto São Cantigas** – evocação de Max, recordado pelo filho. Apresentadores: Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Realização de Pedro Martins.

O actor Charles Vanel, um dos intérpretes do filme «O Destino dos Homens», que será exibido esta noite na RTP-2

2 RTP

18.32 **«Água Viva»** – repetição dos episódios n.ºs 70 e 71.
20.00 **«Um Amanhã do Homem»** – Intérpretes: Hugnes de Jouvenne, Françoise Giroud e Bornond Cares.
21.00 **Sétima Arte** – «O Destino dos Homens». Intérpretes: Françoise Rosay, Pierre-Richard Wilm e Charles Vanel. Realizador: Jacques Feyder.



Amanhã

1 RTP

11.00: Tempo dos Mais Novos; **12.30**: Eucaristia Dominical; **13.20**: Setenta Vezes Sete; **13.55**: Sumário; **14.00**: TV Rural; **14.30**: O Passeio dos Alegres; **18.00**: Grande Encontro; **20.25**: O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.15**: TV Show; **22.15**: «Dallas».

2 RTP

18.02: «Água Viva» – repetição dos episódios n.ºs 72, 73 e 74; **20.00**: Limite; **21.00**: Debate sobre «A Tragédia da Guiana»; **21.30**: À Margem; **22.00**: Ao Vivo.

INFORMÁTICA — ensina-se recolha dados — cartão perfurado IBM e UNIVAC - DISKETTS IBM 3742
modalidades acessíveis — das 8 às 22.00 horas
STORAGE
TELEMÁTICA
E CONTABILIDADE, LD.ª
R. Coelho da Rocha 66 r/c esq.º Tel. 674838
Campo de Ourique

TEATRO ADOQUE
TEL 874476
Um fabuloso elenco com Ermelinda Duarte, Nicholson, António Montez, Natália de Sousa António Feio, Cremilda Gil
A sensacional revelação Maria Vieira,
os impagáveis Vieira de Almeida, Carlos Ivo, Carlos Guia
e as Jovens, Jovens Teima Santos, Paula Oliveira, Sara Lima, Cláudia Cadima, Cristina Oliveira, Manuela Valente, Paula Gil, Paula Nunes, Luísa Roubaud, Teresa Loupo
apresenta:
UMA REVISTA POPULAR DE MUITO ALIMENTO!
Paga as favas!...
DE TERÇA A SÁBADO As 20.30 e 22.45 horas
DOMINGOS E FERIADOS As 16.00 e 21.30 horas
• FOLGA À SEGUNDA •

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A 1200 LISBOA Telef. 661515/669285
teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia
dou-che-lo vivo
dou-che-lo morto
(a propósito de Camões)
SÓ ATÉ AO DIA 10
TODOS OS DIAS ÀS 21.30
-Dom. 17
«Um momento, vivíssimo de Teatro»
F. Midões - D.P.
«Belo por momentos e mais do que isso, fascinante..»
J. Listodap - D.N.

VENDO
CASAL BOSS
4180 km. Impecável. 22 contos. Pronto pagamento. Telefone 319185.

GERENTE: ILDA CAPINHA
Eng.ª ELECTROTÉCNICA

CASA SONOTONE
SURDEZ
AJUDE-NOS A COMBATÊ-LA
CONSULTE-NOS
EXAMES GRATUITOS
- VENDEMOS OS MAIS EFICIENTES APARELHOS
- AUDIÓMETROS E CABINAS INSONORAS
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE
- PILHAS TODAS AS VOLTAGENS

LISBOA
POÇO DO BORRATÉM, 33-S-LJ-D (L2) — 1100 Tel. 868352 - 865978
PORTO
PRAÇA BATALHA, 92 - 1.º — 4000 — Tel. 315602

POUPE
COMBUSTÍVEL
Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS
FUMO

GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE — ALMADA T. 2752175
BREVEMENTE
«GUERRA?! NÃO OBRIGADO»
Textos de B. BRECHT
enc. de Fernando Gusmão
SUB — SEC — CMA

NOVAS CARTAS DO BRASIL

Continuação da pág. 3

rido. Qual deles seria, na verdade, o autêntico culpado?

BEM, leitor, isto quase nos poderia levar ao clima de um conto policial, – se, para o evitar, o autor, não tivesse considerado inútil qualquer espécie de mistificação, ou tentativa de «suspense», imprópria, por si mesmo, nestas «Cartas do Brasil». Porque, quem levara o pistoleiro àquela reunião tinha sido Heitor Maximiliano de Melo, sobrinho de Dona Violante, e avô daquelas duas meninas de quem Alice era educadora. Mas tudo, por fim, acabara mal para ele, porque, tendo sido um destacado integralista, na Baia, isto ainda na década de 20, nos melhores tempos de Plínio Salgado, odiava como era de rigor, as intenções democráticas do Dr. Otavio Mangabeira, dando conscientemente aquele golpe, certo de que todos os convocados de sua tia, aliás riquíssimos, entrariam, naquela mesma noite, com o dinheiro necessário, para que ele, pudesse ocupar, como baiano e historiador, o lugar que estava sendo exercido pelo português. Porém, ao ver-se descoberto, Maximiliano, na vasta biblioteca do solar, suicidara-se com aquela mesma arma que o pistoleiro Quim Caramboaba, fizera refulgir, no alto da sua mão direita, na sala de sua tia, Dona Violante A[illegible]ue.

roteiro cultural

DANÇA

Grupo Experimental Dança Jazz e Orfeão Académico de Coimbra no Teatro Aberto. Por ocasião do final do ano lectivo a Direcção da Associação de Estudantes e o Gabinete de Dança do ISEF vão promover um espectáculo cultural hoje, às 21 horas, no Teatro Aberto (Praça de Espanha, Lisboa). Com a realização deste espectáculo pretende-se: a divulgação do trabalho realizado no ISEF no campo da dança, reconhecer e apoiar o trabalho de um recente e importante grupo de dança – o Grupo Experimental de Dança Jazz; trazer a Lisboa o mais antigo e de melhor qualidade Orfeão do país – o Orfeão Académico de Coimbra.

MÚSICA

Já aqui o noticiámos, voltamos a fazê-lo: o violinista francês Didier Lockwood, acompanhado pelo contrabaixista Henri Texier e pelo guitarrista Christian Escoudé, estará esta noite (21,30) na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa; amanhã, às 17,30, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra; segunda-feira, às 18,30 e 22 horas, no Auditório Carlos Alberto, do Porto, para uma série de quatro concertos que, estamos certos, conquistarão gregos e troianos. A excelência deste Trio a isso obriga...

«The Boston Música Viva», sob a direcção do maestro Richard Pittman, realizará hoje e amanhã, pelas 21,30 no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, dois concertos, cujo programa é constituído por obras de M. Feldman, C. Ives, E. T. Zwilich, H. Cowell, D. Cage, J. Mekeel, D. Muldowney, J. Schwantner e W. T. Mckinley.

Noite de Fado em benefício de Luís Braga. Com a colaboração do Sindicato dos Estivadores, amigos e companheiros do fadista Luís Braga levam a efeito hoje, pelas 22 horas, na Casa do Conto dos Estivadores (Av. Infante D. Henrique), uma grande festa de fados e variedades, destinada a angariar fundos para custear a deslocação ao estrangeiro de Luís Braga, que ali deverá ser submetido a uma operação aos olhos. Nesta festa de solidariedade participaram mais de 50 fadistas, guitarristas e violistas.

PASSEIOS

A Cooperativa «Erva Daninha» promove amanhã, com início às 10,30, um passeio à casa de Ramalde (ou da Queimada), hoje espaço gerido pela SEC que nela realiza uma exposição preparada pela Universidade Arqueológica do Minho, documentando o progresso dos levantamentos arqueológicos feitos no entre Douro e Minho. Rui Feijó, delegado no Porto da SEC, fará uma exposição sobre os propósitos de intervenção da Casa de Ramalde, após o que um estudioso de Nasoni falará da importância daquela casa no conjunto da obra do grande arquitecto italiano que, lembre-se, se radicou em Portugal no século XVIII.

Passeio ao Plenário. Amanhã, às 10 horas, o Centro Nacional de Cultura realiza uma «aventura» no Plenário Gulbenkian, em Belém, concebida e orientada por Alberto Vaz da Silva. Mitologia das constelações e a exploração espacial serão temas centrais da sessão, animada por música e um diaporama. Local de encontro: Praça do Império, junto aos Jerónimos.

TEATRO

Com dois espectáculos em cena – «De Pequenino se torce o pepino» e «Homo Dramaticus» –, e prestes a estrear um novo trabalho sobre a vida e a obra de Miguel Torga, o TEUC – Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra continua a deslocar-se a variadas localidades, respondendo assim às solicitações que lhe são feitas. «De Pequenino se torce o pepino» vai apresentar-se sucessivamente no Luso (hoje), Maiorca (14 de Junho) e Esgueira (20 de Junho). Por sua vez, «Homo Dramaticus» vai apresentar-se no Luso no dia 13 deste mês.

Teatro francês em Alhandra. Hoje, às 21,30, na Socieadade Euterpe Alhandrense, o Grupo de Teatro «L'Atellier Romain Rolland» de Villejuif (França) apresenta a peça «Histórias para serem contadas», do autor argentino Osvaldo Dragun e a Ópera «Orenoque». Amanha, às 21 horas, o grupo francês voltará a apresentar estas duas peças na Casa do Povo de Vialonga. A terminar a sua digressão ao nosso país, «L'Atelleier Romain Rolland» apresentar-se-á segunda-feira, pelas 21,30, na Casa do Povo de Viola Franca de Xira.

A Secretaria Estado da Cultura (Delegação Regional do Norte) promove durante o corrente mês, no Auditório Carlos Alberto, do Porto, espectáculos de Teatro, Bailado, Canto, Circo e música. O programa está assim estabelecido: hoje e amanhã, «Suite Barroca», «Valley», «Tempo antes do Tempo Depois» e «Libera-me» pelo Ballet Gulbenkian; 9 e 10, «Paisagem com Ponte», «Cinco poemas de Amor» e «O Messias», pelo mesmo grupo de bailado; de 11 a 14 terão lugar as «Jornadas de Canto Coral Amador» e neste último dia haverá ainda o espectáculo denominado «Circo da Inglaterra». No dia 8 (segunda-feira próxima) haverá um concerto de Jazz (Diddier Lockwood, Henri Texier e Cristian Escoudé) e de 13 a 20, concertos pela Orquestra Sinfónica do Porto. Um concerto pela Camerata Musical do Porto encerrará, no dia 29, este ciclo de música. Finalmente, de 17 a 27, no Teatro da Cornucópia apresenta o espectáculo «Não se Paga! Não se Paga!».

A Companhia do Teatro Experimental do Porto vai apresentar na sala do Grupo «Os Modestos» uma curta série de espectáculos com a peça «Arranca-me a Vida», de Rodolfo Santana. As sessões realizam-se todos os dias até 11 do corrente mês (às 22 horas), havendo amanhã, domingo, uma sessão às 17 horas.

EXPOSIÇÕES

É amanhã inaugurada, pelas 15,30, no Museu de Évora, a exposição dos trabalhos realizados durante o Simpósio Internacional de Escultura em Pedra – Évora, 1981.

Grupo Experimental Dança Jazz no Teatro Aberto

Caminhos de Ferro Portugueses — Informação

Aviso ao Público
CONCURSO

Até às 17 horas do dia 23 de Junho de 1981, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Granja.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da instalação é de 20 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C.P. a quantia de 3400$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Granja
Serviço Comercial da Região Norte
PORTO (S. BENTO)
— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — E.P., Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, 1196 Lisboa Codex, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Granja.»

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	51$70	56$70
ALEMANHA FED. (marco)	26$05	27$15
ÁUSTRIA (xelim)	3$60	3$80
BELGICA (franco)	1$532	1$632
BRASIL (cruzeiro)	$474	$724
CANADA (dólar – notas de 1 e 2)	51$20	53$20
(notas de 5 a 1000)	51$70	53$70
DINAMARCA)coroa)	8$25	8$65
ESPANHA (peseta)	$623	$723
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	62$00	64$00
(notas de 5 a 1000)	62$50	64$50
FINLÂNDIA (marka)	13$95	14$55
FRANÇA (franco)	10$90	11$60
HOLANDA (florim)	23$40	24$40
INGLATERRA (libra)	122$00	126$00
IRLANDA (libra)	95$50	99$50
ITÁLIA (lira)	$048	$058
JAPAO (iene)	$251	$281
NORUEGA (coroa)	10$60	11$00
SUECIA (coroa)	12$25	12$85
SUIÇA (franco)	29$35	30$45
VENEZUELA (bolivar)	11$60	12$80

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.30: Transmissão directa do relato do desafio de futebol Benfica-Porto da final da Taça de Portugal; **20.30**: Toda a gente é pessoa; **21.00**: Semanários das regiões – programa da noite; **21.30**: Alfa e omega; **00.00**: Madrugada na RDP-/Norte; **05.30**: Terra e mar.

Programa 2

18.35: Solos de cravo; **19.00**: Intérpretes célebres; **19.45**: Solos de viola dedilhada; **20.00**: Música sinfónica; **21.00**: Orquestras de câmara; **22.00**: Árias de óperas; **23.00**: Poemas sinfónicos; **23.45**: Cantatas; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.03: Som fantástico; **16.03**: Musical; **16.30**: Tempo de desporto; **20.03**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.03 e 21.03**: Quando o telefone toca (2.ª e 3.ª edições); **23.00**: 24.ª hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Mão na música; **17.03**: Top's; **19.03**: Em órbita; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Rolls rock.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Pop, top, rock; **18.25**: Palavra do dia; **18.30**: Diálogo e vida; **19.00**: Roda viva; **20.00**: Paju; **21.30**: Transmissão do terço do Santuário de Fátima; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: **Rádio revista; 23.10**: Antena de Londres; **23.55**: Meditando; **24.00**: Informação desportiva.

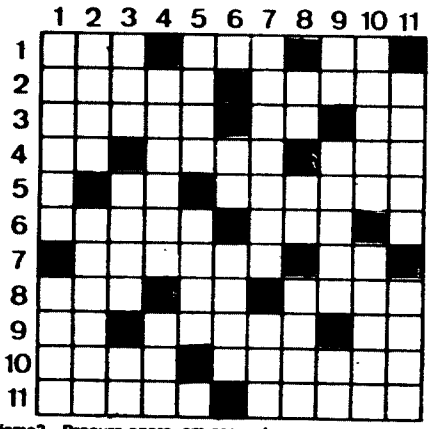
Tiragem média diária do mês anterior: 49.619 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 046

HORIZONTAIS:

1 Altar cristão; Preposição; Artigo definido.
2 Rei de Israel; Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
3 Descerras; Reis; Estrépito de desmoronamento.
4 Quinto filho de Jacob; Pálido; Camareira.
5 Cério (s.q.); Inutilizar.
6 Nome de mulher; Apelido.
7 Porção de fio dobado na dobadoira (pl); Fútil (inv).
8 Cidade da Ucrânia; Distar; A Pérsia.
9 Ósmio (s.q.); Educas; Césio (s.q.).
10 Pronome demonstrativo; Sacodes.
11 Lago da Finlândia; Freguesia do concelho de Guimarães.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Cabeceiras de Basto; Quadrúpedes ruminantes.
2 Espécie de nabo; Mistura.
3 Rio da Suíça; Acreditar; Nota musical.
4 Espalha; Preposição.
5 Morada; Acrescentar.
6 Basta; Cantiga.
7 Trigueiras; Falda.
8 Artigo definido; Cidade da antiga Caldeia; Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
9 Ósmio (s.q.); Combinar; O lado do vento.
10 O Arão da Bíblia; Fêmeas dos bois.
11 Transpirara; Serra de Portugal.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9006

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Turquia; Cidade francesa do departamento de Vaucluse.
2 Espécie de rã que vive nas moitas; Versejara.
3 Dar mios; Distar; Preposição e artigo (pl)
4 Deus dos pastores; Sentidas Condolências.
5 Excêntricas.
6 Cachimbo persa em que o fumo atravessa água perfumada; Levas a toa, a sirga.
7 Ilha grega do mar Egeu, a mais importante das Espórades no Norte.
8 Personagem lendária, mais conhecida pelo cognome de «Judeu Errante»; Pedras de moinho.
9 Freguesia do concelho de Alenquer; Freguesia do concelho de Arouca.
10 Rompias; Níquel (s.q.).
11 Prefixo de negação; Pega; Estimas.

VERTICAIS:

1 Cidade da Irlanda; Cidade de Itália.
2 General de Napoleão; Tomaram rumo ou direcção.
3 Divindade do antigo México personificação das águas celestes, senhor do inferno chamado Tlalocan; Acrescentando uma vogal é imposto de transmissão.
4 Rio da Suiça; Basta; Onda.
5 Nome de letra; Espectáculos.
6 Caminharias; Indignava.
7 Oásis; De alto preço.
8 Pesquiso; Emprega.
9 Três vogais iguais; Solitário; Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
10 Vantagens; Torna morno.
11 Tabernas; Tempo do verbo ser.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 045

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 QUEM MENTE.	1 Quina NUNCA.
2 Unica Ama	2 Uniam Ás.
3 Il Icaro	3 Ié. Samorim.
4 Nas. Ecaras.	4 MCI. Raladas.
5 Amarrotaram.	5 ACERTA. Ora.
6 Matraca.	6 Acor Usos
7 Olá. Samar.	7 Erratas. Ota.
8 Urra. Oaio.	8 Oração Eo.
9 Idoso. Ios.	9 Ta. Aramais.
10 Camarotes.	10 Em. Sa. Aio
11 Ás. Sasão Ps.	11 As Morosos

PROVÉRBIO: Quem mente nunca acerta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9005

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Quadrazais.	1 Querença. JC
2 Unia. Valsar	2 Uni. Caro.
3 Eia! Sic. Li.	3 Aiaras. Alia
4 Rissóis.	4 Dá. Colher
5 Eça. Moca	5 SS. II
6 Nascias. AR	6 Avistar. Mós.
7 Cl. Oiraras.	7 Zaco. Sacos
8 Aral Coais.	8 Al. Im. Rosas
9 Olhamos. NI.	9 Si Só. Aa.
10 Ié Osa. Og.	10 Sal. Casino
11 Cearas Só.	11 Rimar Sigo.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30-16.30-18.30-21.30 e 23.45h.

O MORTO ERA O OUTRO
N. acons. men 13 anos
um filme de Jerry Lewis

todos os domingos
manhãs infantis

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h.

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
c/ Jack Nicholson

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 23.30 h.
Não ac. men. 18 anos
SATURNO 3, O ROBOT ASSASSINO
c/ Kirk Douglas e Farrah Fawcett

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h.
Um filme de David Lynch
Technicolor
O HOMEM ELEFANTE
Int. men. 13 anos
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. a men. de 18 anos
O MÉDICO E A ESTUDANTE
com Gloria Guida
e Jacques Dufilho

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos
11.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não ac. men. 13 anos
THE JAZZ SINGER
c/ Neil Diamond, Laurence Olivier
e Luci Arnaz
Um filme de Richard Fleischer
Technicolor

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
JÚLIA
c/ Jane Fonda e Vanessa Redgrave
Um filme de Fred Zonnemann
Filme de qualidade

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Atenção ao novo horário
Às 15.15, 18, 21.30, 24 h.
não acons. men. 13 anos
A Maçã
– 2.ª semana –
As 24 h. – N. ac. m. 13 anos
CRUZEIRO PARA O INFERNO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
SEGREDOS SEXUAIS
Pornográfico – Hardcore
Às 24 – Int. men. 13 a.
ACQUASANTA JOE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15, 17, 19 e 21.30 h.
Urso de Prata do Festival de Berlim 1974
PÃO E CHOCOLATE
c/ Nino Manfredi e Anna Karina
Às 23.45 – Int. men. 13 a.
REIS DO ASFALTO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
– N. ac. men. 13 a.
A CANÇÃO DA FELICIDADE
c/ Amitabh Bachchan e Jaya Bhaduri
Um filme de Hrissikesh Mukherjee

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Uma fabulosa comédia
CALIFORNIA SUITE
c/ Jane Fonda e Walter Matthau
Às 23.45 – Int. men. 18 a.
O PORTEIRO DA NOITE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não ac. men. 18 anos
SATURNO 3, O ROBOT ASSASSINO
c/ Kirk Douglas e Farrah Fawcett
Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A COLINA DOS SARILHOS
um filme de Giuseppe Colizzi
interdito men. 13 anos
2.ª Semana
Às 24 h. – N. ac. m. 18 anos
A REBELIÃO DOS LUTADORES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O público exige! O êxito continua!
LA LUNA
Um filme de Bernardo Bertolucci
13.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
Agora na sua genial versão integral, o filme de excepção
LÁGRIMAS E SUSPIROS
c/ Harriet Andersson, Ingrid Thulin
e Liv Ulmann

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

diariamente às 14.15-18.15 e 21.30 h.
O filme que lançou
Peter Otoole e Omar Sharif
LAWRENCE DA ARÁBIA
O filme dos 7 óscares
37 prémios internacionais

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
DRAMA DE AMOR
Às 24 h. – Int. m. 18 anos
O RAPTO DA PATRICIA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
A PELE DE UM MALANDRO
Jan Michael Vincent
e Theresa Saldana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não ac. men. 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickonson
e Nancy Allen
Um filme de Brian de Palma
Thechnicolor

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30h.
Int. men. 13 anos
OXALÁ
Um filme
de António Pedro Vasconcelos
ÀS 24 h.
CERZU MZALA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Não ac. men. 18 anos
Vivem e amam como querem
BELDADES SELVAGENS EM IBIZA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14 - 16.30 - 19 e 21.30h.
A TRIPULAÇÃO
não acons. men 13 anos
colorido
com Guergui Zhonov, Anatoli Vasiliev
e Alexandra Sakovoleva

GLENDA JACKSON e WALTER MATTHAU, principais intérpretes do filme **O ESPIÃO MAIS PERIGOSO DO MUNDO** — título original «HOPSCOTCH» — em exibição no cinema **STAR**

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
Um «festival»
OS DOIS MISSIONÁRIOS
c/ Bud Spencer e Terence Hill

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21 e 23 h.
N. ac. m. 18 anos
Filme de qualidade
CERROMAIOR
Realiz. Luís Filipe Rocha

SALA 2

Às 15, 17, 19, 21 e 23 h.
Maiores 18 anos
LA CICALA
Realiz: Alberto Lattuada

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30, 21 e 23.15 h.
M. de 18 anos
KILAS, O MAU DA FITA
Realiz.: José Fonseca e Costa
Filme de qualidade

SALA 4

Às 15, 17, 19, 21 e 23h.
M. de 18 anos
LOULQU
Real. Maurice Pialat

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 15, 18.15 e 21.30 h.
- N. ac. men. 13 a.
Uma história de amor e aventura!
Premiado com 10 «Césares»
O ÚLRIMO METRO
c/ Catherine Deneuve, Gerard Depardieu

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. a m. 13 a.
Para inauguração do moderno sistema DOBLY STEREO
Estreia do fantástico musical
A MAÇÃ

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

ÀS 14, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O ESQUADRÃO ANTIDROGA
Colorido
com Fabio Testi, David Hemmings
e Sherry Buchanan

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Volta a apresentar o melhor musical dos últimos anos
HAIR
de Milos Forman

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 51

Às 14.00, 16.30, 19 e 21.30h.
Não acons. men 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
6.ª Semana
Hoje e amanhã, às 24 h.
Interd. men. 13 anos
UM INDOMÁVEL REBELDE

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República – (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
RANGING BULL, O TOURO ENRAIVECIDO
Às 23.45
ROLLERBALL
c/ J. Caan

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ESPIÃO MAIS PERIGOSO DO MUNDO
4.ª Semana
Às 00,15 h. – N. ac. m. 13 anos
CAPRICÓRNIO UM

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 12, 15, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O filme inesquecível que lançou Barbra Streisand
FUNNY GIRL
(UMA RAPARIGA ENDIABRADA)

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
N. ac. m. 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickinson
e Nancy Allen
Um filme de Brian de Palma
Technicolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15 - 18.15 e 21.30h.
N. acons. m/13 anos
O OURO DE MACKENNA
c/Gregory Peck - Omar Sharif
Às 24 h. - Men. 18 anos
HARRY – O IMPLACÁVEL

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Um espectáculo inesquecível
SEGREDOS PROÍBIDOS
c/ Jacqueline Bisset e Per Oscarson
Às 23.45 – Int. men 18 a.
O CASO SHARON TATE

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA – «O Prazer Absoluto», sessões permanentes (18 anos)
LONDRES – «A Cidade das Mulheres», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Alunas em Orgia», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
2000 – «The Jazz Singer», às 21.30 (13 anos)
EUROPA – «Pipocas e Gelado», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Duas Almas Dois Destinos», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «Sedução», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «Rumor de Guerra», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Cães de Guerra», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR – «Galyon o Indestrutível», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Chamavam-lhe Killer Kid», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «The Jazz Singer», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «O Exército Secreto», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Os Gloriosos Malucos das Máquinas Voadoras», às 21.30 (6 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Sheriff Quebra Ossos», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «A Lagoa Azul», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Aeroporto 80», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Charlie Chan e a Maldição da Rainha», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Carros Usados», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Tess», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Empresta-me a Tua Mulher», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «A Sombra do Passado», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Adeus Amigo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Magalas à Solta», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Um Amor em Competição», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Rumor de Guerra», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Os Executores», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Os Comandos de Sua Magestade», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM – S. José – «Punho da Serpente», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «O Último Herói do Apocalipse», às 21.30 (18 anos)
MOSCAVIDE – Stop – «Estrela Negra», às 21.30 (13 anos)

Porto

LUMIÈRE-A – «O Trio do Amor», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Canção para Uma Louca», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «A Gravata» às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Sobrinha é de Gritos» às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Doze Indomáveis Patifes», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Vestida para Matar», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «O Direito de Ser Feliz», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «O Expresso de Chicago», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Um Sorriso, uma Lágrima», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Agora é a Minha Vez», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Tess», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «O Touro Enraivecido», às 21.45 (13 anos)
PEDRO CEM – «Entre Dois Amores», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «Destino Fatal», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Disco Sexo, Mania» 21.30 (18 anos)
COLISEU – «A Bíblia», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «O Sobe e Desce», às 21.30 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

MARBEL, Av de Roma, 131-A (T. 776235); **PALMA**, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T. 547088); **SANTOS SILVA**, Zona n.º 2. Chelas, bloco III (T. 681515) e lote 226, loja 22; **ASCENSO**, P do Norte, 11-A (T. 311216), **ALB**, R. Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **MAGALHÃES**, Av Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **MODELAR**, L Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **G. SILVA**, R. Frei Tomaz Costa, 3-A-C (T 771873); **BIOTIFAR**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **S. JOÃO DE DEUS**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **ROSA & VIEGAS**, R. São Vicente, 31 (T. 864351); **MIRAMAR**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

teatros

Lisboa

LAURA ALVES – «Chega Para Todos», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Ó patego olha o balão» 20.30 2 22.45 (18 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO – «Não se paga! Não se paga!» às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – «O Judeu» (às 21.15 (13 anos)
ADÓQUE – «Paga as Favas», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO DO MUNDO – «Cogumelos», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Há Petróleo no Beato», às 20.30 e 23.00 (13 anos)
ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
CAFÉ-TEATRO COMUNA – «Deixóe Poisar», às 24.00 e 23.00 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)

PERMANENTE (Amanhã)

CHINDE, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CASTRO FONSECA**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **GALENO**, Av Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **LEAL DE MATOS** R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181); **REMÍSIO**, R dos Jerónimos, 14-C (T 631699); **PATULEIA**, Al. das Linhas de Torres 262-B (T 790332); **NAZÁRIO PINTO**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **BRANQUINHO**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÁ DA BANDEIRA**, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SANTA LUZIA**, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **GALÉNICA**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BRANCO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 910812); **LEITÃO RIBEIRO**, R. A do Facão, 3-A; **FLAMA**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485).

Linha de Sintra

AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Permanente **Jardim**, Av. Conde Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424); **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181); **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 2914820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Simões Estefânia** (T. 2930632). Permanente.

Linha de Cascais

CAXIAS: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T 242839). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 28 (T 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqiero Mendes**. Até às 21 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Até às 21 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, E. das Barrocas, 50-A (T. 249418); **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, Feijó; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 240002); **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. Almeida Garrett, 11 (T. 2076454). Permanente; **AMORA: Nova Amorense**, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **SEIXAL: Soromenho**, R. PAlva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: S. Pedro**, Av. Camões, 16 (T. 2311133); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

SETÚBAL: Marques, R. Abranches Junqueiro, 109; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12.

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44 (T. 2518520). Até às 19 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151) Permanente; **LOURES: Seralva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA, R. André de Rezende, 92; **ALMEIDA CUNHA**, R. Formosa, 327; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444; **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727.

DE DIA E TODA A NOITE

CONTUMIL, R. de Contumil, 540; **MARQUES DE MENDONÇA**, R. da Boavista, 855; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Almada, 251; **COSTA LIMA**, Av. do Heroísmo, 56; **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

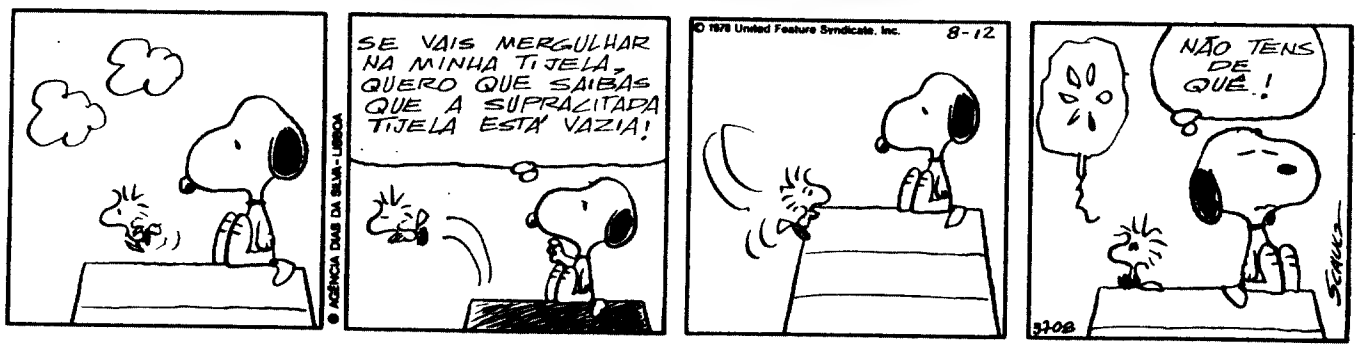
ESTÁDIO, R. do Brasil; **ADRIANA**, P. da República.

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SOARIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 320279
Agências, Assinaturas e Correspondência:
Rua Gaivotas, 10-1.º – 1100 LISBOA
Telefones: 854031/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Portaria: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

Dia 6
6.54 3,8 m 12.22 1,1 m
19.13 3,9 m

Dia 7
7.45 3,6 m 1.03 1,1 m
20.04 3,7 m 13.13 1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	16°
VILA REAL	13°
PORTO	16°
P. DOURADAS	–
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	15°
ÉVORA	15°
SINES	–
BEJA	17°
SAGRES	16°
FARO	22°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	19°

últimas

Jogador do Belenenses envolvido em tráfico de cocaína

Uma das quatro pessoas detidas pela Judiciária por envolvimento no tráfico de cocaína detectado há poucos dias é jogador de futebol do Belenenses, tendo-lhe sido encontrado no acto da prisão a pistola de serviço de um agente daquela Polícia.

A droga, de origem colombiana, seria introduzida em Portugal em malas de viagem e no saco de mão de uma artista de variedades brasileira que se deslocava com frequência ao Brasil. O principal elemento da rede, encontra-se, do mesmo modo detido, mas foi transferido para a Penitenciária para o isolar dos restantes presos, mais dois homens e uma mulher, precisamente a que fazia de «correio». Aquele indivíduo cujo nome já foi ontem divulgado por vários jornais, Arlindo Vilas Boas, adquiriu recentemente as «boîtes» Porão da Nau e Brasiliana em Lisboa, segundo tudo indica com os lucros obtidos na venda em larga escala do referido estupefaciente.

Estará já provado que este grupo terá introduzido no nosso país mais de 300 mil contos de cocaína nos últimos meses e, segundo conseguimos apurar, a Secção de Droga da PJ terá esta madrugada detido nas proximidades da sua sede um outro indivíduo de nacionalidade colombiana na posse de uma grande quantidade de cocaína. Esta diligência terá sido efectuada na sequência da captura da artista brasileira, do jogador de futebol e do proprietário de «boîtes», Vilas Boas, ligado à Direcção do Atlético Clube de Portugal.

Quanto às razões porque o jogador de futebol teria em seu poder a pistola de serviço de um agente da Judiciária, estão a ser alvo de rigoroso inquérito e, à cautela, o agente foi colocado em serviço de natureza burocrática.

Mitterrand inaugurou Salão Aeronáutico de Paris

O presidente francês François Mitterrand inaugurou ontem no Aeroporto de Le Bourget, em Paris, o XXXIV Salão Internacional Aeronáutico de Paris.

A exposição, aberta até ao dia 14, ocupa uma superfície de 120 mil metros quadrados e inclui 783 expositores de 25 países. Em Le Bourget, para além de novos aviões e helicópteros para usos militar e civil, está exposto uma réplica do foguete europeu «Ariane», que será lançado para o espaço, em teste de ensaio, no próximo dia 19, a partir da base instalada na Guiana Francesa.

Parte da mostra é dedicada à investigação espacial, podendo o público ver também uma cópia do «vaivém» espacial norte-americano «Columbia» e satélites de vários tipos.

Os observadores esperam que o primeiro-ministro francês Pierre Mouroy fale no sábado, durante a sua visita a Le Bourget, sobre o programa de estatizações previstas pelo Governo Mitterrand.

Entre os 11 grupos industriais cuja estatização foi anunciada por Mitterrand pouco tempo depois da sua leeição, figuram três no sector da aviação e dos mísseis.

Os helicópteros

Entretanto, diga-se, a atracção deste XXXIV Salão Aeronáutico de Paris é, indubitavelmente, personificada pelos helicópteros.

Nunca ali houve tantos e modelos novos e nunca este sector industrial se mostrou tão optimista como actualmente. A gama de modelos é muito ampla e inclui o alemão federal «BO 105 Giraffe Ophelia», com sistema para navegação nocturna, o soviético «Mil-26», o helicóptero mais pesado do mundo, e o norte-americano «Chionook 234 LR», que marcará novos rumos no transporte de passageiros.

A indústria de helicópteros está a experimentar actualmente um impulso mundial cujo fim ainda não está previsto e surpreende realmente se se considerar que numerosos sectores industriais passam por situações muito difíceis.

Em 1980, o mundo ocidental construiu e vendeu cerca de 20 por cento mais helicópteros do que no ano anterior e a tendência continua ascendente, registando-se um forte desenvolvimento.

Em matéria de helicópteros, actualmente é o sector civil o maior comprador e não o militar como era há alguns anos.

Entre 1971 e 1980, os países não-comunistas construíram 9 400 helicópteros para uso civil e 11 600 para fins militares (num total de 21 mil). Até à década de 90 espera-se a construção de 21 mil helicópteros para uso civil e 8 200 para fins militares, num total de 29 300.

A Europa ao assalto da América

Em todo o mundo, voam actualmente 41 mil helicópteros, entre eles 18 mil nos Estados Unidos, 17 mil noutros países e seis mil nos Estados Comunistas, incluindo a República Popular da China.

François Mitterrand passa debaixo de um «Mirage 2000»

A industria europeia de helicópteros vai conquistando lentamente o mercado norte-americano, onde, no entanto os consórcios «Sikorsky Bell» (que já construiu mais de 25 mil helicóteros), «Hughes» e «Boeing» continuam a dominar os mercados.

Um exemplo, é o consórcio alemão fedral «MBB» (Messerschmidt - Boelkow - Blohm) que vendeu até agora mais de mil aparelhos «Bo-105», a maioria aos Estados Unidos.

O modelo germano-japonês «BK-117», de dois rotores, Jah vendeu mais de 130 metade deles aos Estados Unidos.

«Chinnook; o maior...

Com um êxito semelhante só podem sonhar os soviéticos pois quer o gigante de 35 metros «Mil-26», que carregado pesa 50 toneladas, quer outros modelos, não se vendem, no Ocidente por serem dispendiosos no consumo de combustível, e nas peças sobressalentes, e ainda porque existem problemas burocráticos no envio desses aparelhos para as oficinas da aviação civil dos países ocidentais.

Estes problemas não os tem a «Boeing– com o seu modelo «CH-47» e a versão civil «Chinnook 234 LR», que é exibida pela primeira vez em público.

Este helicóptero, com capacidade para 44 passageiros (o maior helicóptero civil do mundo ocidental), entrará este ano em serviço «Off-Shore», transportando trabalhadores para as plataformas de petróleo no Mar do Norte.

Um dos aparelhos que mais chamarão a atenção do público será o «Bell XV-15» um helicóptero e avião a turbo-hélice simultaneamente.

Há dez anos que os técnicos norte-americanos vêm experimentando o «Bell XV-15» de uso múltiplo que descola e aterra como um helicóptero vulgar, mas que nc.t os seus rotores se convertem praticamente em asas, permitindo-lhe voar como um avião, a uma velocidade de 612 quilómetros horários e com um raio de acção de 850 quilómetros.

As qualidades que o colocam num lugar privilegiado são o mínimo consumo de combustível e o facto de fazer menos ruído do que os outros aparelhos, como poderão observar os visitantes de Le Bourget.

No entanto, existem ainda alguns problemas, como, por exemplo, a estabilidade e as vibrações extremas em algumas situações de voo.

Porém, os peritos e técnicos que trabalham neste modelo helicóptero-avião de aspecto algo curioso, crêem que o «Bell XV-15» é já uma parte da História da Aeronáutica.

Karl Norgenstern (DPP)

Dívida externa atinge os 500 milhões de contos

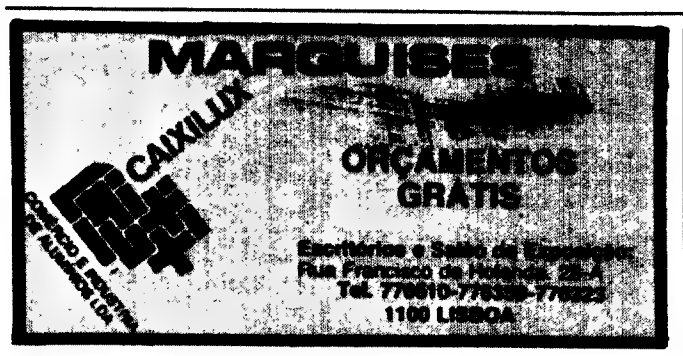
— revela nota do PCP

A assinatura de novo empréstimo de 31 milhões de contos a Portugal representa «mais um passo no caminho do crescente e perigoso endividamento externo do País» – considera o PCP, a propósito do acordo nesse sentido firmado, no passado dia 2 pelo actual Governo.

Em nota da respectiva SIP, recorda o PCP a evolução da dívida externa de Portugal (em 1976-**91,2** milhões de contos; 1977-176,4 milhões; 1978-**249,4;** 1979-**327,7;** 1980 – cerca de **480 milhões** de contos) para frisar que ela «fala por si só o suficiente sobre os resultados desastrosos de uma política económica e financeira desde sempre apoiada pelo PSD e o CDS».

. «Acresce – sublinha o PCP – ainda que o recente anúncio do lançamento de um empréstimo interno de dez milhões de contos destinado expressamente a financiar a dívida externa, é, por outro lado, a confirmação de que o País se enreda crescentemente no abismo do endividamento com a criação de novas dívidas para pagar velhas dívidas» – refere o comunicado.

«A solução dos problemas fundamentais da economia portuguesa só são possíveis com uma política firmemente inspirada nos interesses nacionais» – adianta o PCP.



Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

Estórias de Portugal

A O recusar uma condecoração que, pelo menos oficialmente nem sequer lhe tinha sido concedida, o professor Diogo Freitas do Amaral, sábia e santamente, empunhou, uma vez mais, a tuba guerreira para soprar o vento do alerta. Só um surdo empedernido não escutou dos bemóis do mestre a mensagem. «A hora não é dos tíbios, dos ambíguos, dos tergiversantes! A hora é de clarificação, de afirmação, de coragem, de confronto!» — entendeu-se claramente inserido nas semifusas de mais uma ária do reportório em que o nosso senhor professor é intérprete magistral, exímio executante.

Como de costume, gente má houve que denegriu o solo, lhe apontou fífias, lhe verberou uma certa desafinação. Nada mais injusto. Porque a qualquer cidadão português, mesmo doutor, mesmo professor, cabe o direito de não querer ser condecorado. Eu, por exemplo, também não quero! E não sou doutor nem sou professor! E não sou só eu... O Onofre e o Afrânio também já me garantiram que, pela parte que lhes toca, para cerimoniais de tantas honrarias escusam de contar com eles... O meu grande problema neste momento é não saber ao certo a quem deva dirigir o dar conta desta minha decisão inabalável: condecorações, comigo não! É que o tempo está a passar vertiginosamente e não sei de todo o que me espera. É certo que nada me garante tenham sido propostos para a lista dos condecoráveis... Mas se o doutor Basílio Horta indicou o professor Freitas do Amaral, apesar deste lhe ter pedido que o não fizesse, a mim, que não lhe toquei em coisíssima nenhuma, muito mais facilmente seria capaz de o fazer. Aliás o Onofre, que anda sempre muito bem informado a respeito destas coisas, garante-me que todo este imbróglio resulta duma alegre traquinice do doutor Basílio Horta que dá o cavaquinho por ir para as cerimónias oficiais olhar de ladecos as caras compungidas que fazem as pessoas que ele, de malandrice, propõe no momento de levarem a medalha. Por muito inocente que seja esta reinação a verdade é que à minha custa, à custa do meu ar de circunstância, da minha timidez, do meu nervosismo é que o senhor ministro do Estado não vai gozar que eu não quero! O exemplo do professor Freitas do Amaral não caiu em saco roto.

E, já que estamos com a mão na massa, mais duas ou três clarificações se impõem para que a ninguém restem dúvidas à posição do estorió-escriba face a alguns momentosos problemas. (O que eu gosto de escrever momentoso! — Quase tanto como tergiversar!)

Andam por aí altíssimas discussões acerca da remodelação policial no País. Clama-se a necessidade duma Polícia única, defende-se a obrigatoriedade de muitas e variadas polícias, insiste-se para que se acabe com algumas polícias, propõe-se que se criem novas polícias. A barafunda que vai entre os ministros da Justiça e da Admnistração Interna ameaça tornar-se num caso de polícia. Pois bem: creio da mais elementar justiça autorizarem-me a administração dumas tantas linhas desta estória para nelas deixar declarado que, pelo meu lado, não quero absolutamente nada com a polícia. Mais: a minha polícia é o trabalho.

E já que estamos a falar da polícia vem a talhe de foice dizer, duma vez para todas, que o estoriador não teve a menor interferência nos acontecimentos ocorridos no Estádio da Luz. Não esteve lá fardado, não levou bastão ou viseira, não se mascarou de cão polícia, não insultou os sores guardas, não lhes arremessou objectos contundentes... Perguntar-me-ão: «Se tu nem sequer assististe ao jogo porque estás para aí com todos esses cuidados?...»

Respondo eu:

«— É que nestes inquéritos que nunca mais acabam descobre-se quase sempre que o responsável pelas «tristes ocorrências» foi alguém que não entrava na estória. Eu sei lá se desta vez eles vão decidir o responsável por sorteio tirando um nome à sorte na lista dos telefones?!...»

Para terminar, e já que esta hoje vai tão pessoalizada na primeira do singular, aproveito para mais declarar que além de não aceitar ser condecorado também não aceitarei ser: ministro ou secretário de Estado seja de que pasta for; presidente da Assembleia da República seja de que República for; Juiz do Supremo seja de que justiça for; cirurgião-chefe ou adjunto seja de que hospital for; idem para enfermeiro; presidente da direcção do Benfica seja o Benfica o que for; idem para todos os clubes das primeiras, segundas, terceiras e divisões distritais; também não aceito ser rei da Inglaterra, chanceler da Alemanha ou presidente dos Estados Unidos. Muito agradeço, portanto, ao doutor Basílio Horta o enorme favor de, num futuro mais ou menos próximo, me propor para algum destes cargos possibilitando-me o vistaço duma renúncia pública de toma-lá-que-já-almoçaste!

Francisco Nicholson

Enquanto o tempo não passa

O homem entrara no café.

Era de manhãzinha, a hora em que muita gente aparece para tomar o pequeno almoço e ler os jornais que acabam de sair dos prelos e andam por aí, para quem os queira e possa comprar, pelas esquinas nas bancas dos vendedores, pelas ruas nas sacolas pendentes, a tiracolo, dos ombros dos ardinas que passam e os anunciam com vozes roucas da aguardente do mata-bicho matinal e fanhosas do sono que não acabaram de dormir:

— É o «Notícias»! É «O Diário»!

Relanceara os olhos pelas mesas todas cheias. Detivera-se na minha, em que me sentava sozinho, bebendo, paulatino o meu galão escuro e saboreando, lento, a minha broa de mel muito gostosa. Na minha mesa, ao fundo, encostada à parede.

Eu, dos fregueses mais madrugadores, sentava-me sempre ali. E o homem dissera-me, dobrando um pouco a espinha e deitando a mão às costas da cadeira vaga:

— Posso? Dá-me licença?

Eu suspendera no ar o galão que levava uma vez mais aos lábios e apontara, engolindo a dentada que acabava de mastigar:

— Faça favor! À vontade!

O homem sentou-se. Permanecia calado. Embebia-se na leitura do jornal, o «Diário de Notícias», que tirara, dobrado, de uma das algibeiras do casaco e estendera, como uma grande toalha cinzenta e embonecada, sobre o tampo da mesa. Quando o empregado se perfilou diante dele, pediu, com voz grossa e nasalada:

— Uma bica. Bem forte.

O empregado foi, veio. O homem retirou o jornal, a fazer lugar no tampo da mesa para a xícara fumegante. Pegou no saquinho de açúcar, que vinha na borda do pires, rasgou-o, derramou-o no líquido negro e perfumado, mexeu-o bem com a colherinha que vinha dentro, emborcou-o de um trago. Tirou da algibeira inferior do forro do casaco um maço de «Português Suave», puxou um cigarro, entalou-o nos lábios finos, ao canto da boca, à direita, sacou dos fósforos, riscou um, acendeu o cigarro, pôs-se a fumar. E continuou silencioso, de lado na cadeira, as costas contra a parede. Olhava em frente, imóvel. Não sei se via lá fora, na rua, para além da porta, os automóveis que formigavam, os eléctricos que passavam para um lado, para o outro, para os Prazeres, para a Graça.

Eu acabara de comer a minha broa de mel e de beber o meu galão escuro. Enchera de tabaco o fornilho do cachimbo, procurara lume, não o encontrara, pedira-lhe:

— Importa-se de me emprestar os seus fósforos?

Passara-mos sem me olhar, sem nada me dizer. E sem me olhar, e sem nada me dizer, os metera no bolso. Continuava de lado na cadeira, encostado à parede, uma perna traçada por cima da outra, a olhar em frente.

Foiicos que passavam para um lado, para o outro, para os Prazeres, para a Graça.

Eu acabara de comer a minha broa de mel e de beber o meu galão escuro. Enchera de tabaco o fornilho do cachimbo, procurara lume, não o encoaco o fornilho do cachimbo, procurara lume, não o encontrara, pedira-lhe:

— Importa-se de me emprestar os seus fósforos?

Passara-mos sem me olhar, sem nada me dizer. E sem me olhar, e sem nada me dizer, os metera no bolso. Continuava de lado na cadeira, encostado à parede, uma perna traçada por cima da outra, a olhar em frente.

Foi então que, de esguelha, me veio, com aquela sua voz grossa, nasalada, tímida, hesitante:

— Você sabe o que é uma pessoa viver só, completamente só, nesta floresta que é Lisboa?

Por trás do fumo do meu cachimbo a dançar-me diante dos olhos, eu observava o homem sentado do outro lado da mesa. Tinha uma nódoa escura, quase imperceptível, no colarinho. Tinha ligeiramente puídos os punhos do casaco do fato cinzento e os punhos da camisa branca que, abotoados com botões de oiro falso, lhe saíam coisa de dois centímetros abaixo dos punhos do casaco. Tinha na face esquerda um sinal — uma pequena mancha acastanhada pouco maior que um grão de ervilha. Tinha muita brilhantina nos cabelos ralos, que trazia ajeitados de modo a lhe disfarçarem a careca já difícil de disfarçar.

A pouco e pouco, o fumo do cigarro dele, a sair-lhe pelo nariz como pela chaminé de um vapor, e o fumo do meu cachimbo, a dançar-me diante dos olhos como o incenso do turíbulo a envolver o rosto do padre

Continua na pág. 8

Esta noite

Jazz frances na Aula Magna

Três músicos de jazz pisarão esta noite (21.30) o «palco» da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, dando assim início à primeira etapa de uma digressão que os levará, depois de Lisboa, a Coimbra e ao Porto. Trata-se de um Trio de «luxo» – os franceses Didier Lockwood (violinista), Henri Texier (contrabaixista) e Christian Escoudé (guitarrista) –, músicos que embora não pertencendo à raça negra, nem portadores de um passaporte americano, desfrutam de lugares de acentuado relevo na actual cena do jazz.

Didier Lockwood e Henri Texier já estiveram em Portugal – no último «Cascais-Jazz», onde deliciaram a plateia com uma música por muitos considerada como «o jazz do futuro». Christian Escoudé desloca-se pela primeira vez ao nosso país. No entanto, o seu nome, o seu «cartão de visita» são a certeza de uma actuação ao nível dos restantes elementos do Trio.

Mas quem são eles, estes músicos que nos chegam da Gália?

Didier Lockwood

Didier Lockwood pode ser considerado uma grande estrela mundial do futuro, esta é a opinião do conhecido crítico Joe Berendt.

Impressionou quantos o puderam escutar no Festival de Montreux aonde o seu talento foi pela 1.ª vez exposto ao grande público em 1968, aonde actuou com o seu companheiro do grupo «Magma», o teclista francês François Cahen. Este ano a actuação de Lockwood foi precedida de uma aparição no Festival de Jazz do Mar do Norte, apoiado pelo seu habitual grupo francês, o que não impede em outras circunstâncias procurar a companhia de outros músicos como aconteceu com o excelente baterista Gerry Brown que constituiu uma revelação na opinião de alguns «um dos mais excitantes bateristas na actual cena do jazz», possuidor de grande intuição para o instrumento.

Para além de ser um invulgar e fluente improvisador, bem como possuidor de uma técnica brilhante, Didier Lockwood tem também uma pronunciada tendência para a composição.

Muitas das suas composições que apresenta ao longo das suas actuações revelam uma marcada capacidade de criar um tema dispondo de muito poucos compassos. Lockwood escreve as suas composições de uma forma atraente mas curta, tendo assim grandes possibilidades de num concerto de uma hora, explorar uma vasta gama de formas musicais.

As suas composições mais importantes são: «Flying Kitten», «Ballade Des Fées», dedicada a Bob Malach, «Zebulon Dance» e talvez a mais impressiva composição de Lockwood dedicada ao falecido violinista Zbiniew Seifert e intitulado «Zbiggy».

Durante o Festival de Montreux, Didier Lockwood teve uma segunda actuação na noite seguinte aonde tocou espontaneamente integrado no «drum sumit» o qual incluía, Art Blakey, Chico Hamilton, Gerry Brown, Billy Hart, Billy Higgins, Michael Carven e Sen Amano.

Henri Texier

Henri Texier, contrabaixista-compositor-pluri-instrumentista, designado como Músico do Ano, recebeu o prémio «Django Reinhardt 77», instituído pela Academia de Jazz. A atribuição deste prémio sublinha, não só a qualidade do trabalho em concerto de Henri Texier mas também a realização a solo de um álbum de 33 rotações, «Amir».

Apesar de possuir uma linguagem pessoal, Henri Texier é um músico produto do Jazz e, de Kenny Clarke a Lee Konitz, de Don Cherry a Jean-Luc Ponty, de Daniel Humair a Gato Barbieri, a sua experiência musical enriqueceu-se até ao encontro com Phil Woods e a sua «European Rytham Machine». No seio desse grupo, Henri Texier apresentou-se em todas as capitais europeias, assim como no Festival de Newport (EUA). Inspirado pelas grandes músicas tradicionais: africanas, indianas, de Maghreb e sobretudo célticas, Henri Texier apresentou-se a solo nomeadamente no Museu de Arte Moderna em Paris, nos Festivais de Avignon, de Saint-Rémy-de-Provence e de Châteauvalion, onde participou igualmente num «workshop» de improvisação e de cordas. Cada manifestação de Henri Texier é um acontecimento porque, com o contrabaixo e o «oud» (lira de origem egípcia), sozinho face ao seu meio de expressão, Henri Texier faz-nos descobrir um universo de música viva.

Christian Escoudé

Christian Escoudé nasceu em 1947 em Angoulême, França. O pai ensina-lhe a tocar guitarra aos 13 anos. Três anos mais tarde começa a actuar com músicos de jazz locais e estrangeiros de passagem por França.

Surge em Paris em 1969 onde encontra o organista Eddy Louiss que lhe dá a oportunidade de tocar em clubes onde se torna rapidamente conhecido. Em 1970, reúne-se ao grupo do saxofonista Steve Potts.

Entre outras participações em conjuntos podem-se destacar as seguintes: nos quartetos de Slide Hampton, Art Taylor, Johny Griffin, Michel Portal e Bernard Lubat.

Em 1976 atribuem-lhe o prémio «Django Reinhardt», instituído pela Academia de Jazz. Em 1980, efectua uma tournée por diversos países do mundo com o guitarrista inglês John Mc Laughlin.

Em 1981, Christian Escoudé decide tocar a sua própria música. Forma o seu quarteto que se está agora a preparar para dar um grande número de concertos em França e noutros países, para além de actuar com diversos solistas franceses de nomeada, entre os quais se destaca Didier Lockwood.

São estes músicos que o esperam nos concertos a realizar hoje à noite na Aula Magna, amanhã, às 17.30, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, e segunda-feira, às 18.30 e às 22 horas, no Auditório Carlos Alberto, no Porto.

Agenda

O Touro Enraivecido

de Martin Scorsese (USA-1980)

A violência não nasce nos ringues de boxe, mas na vida. Este um dos esteios deste filme enorme e ofegante, rigorosamente genial.

Cinema 7.ª Arte (14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 h) (não acons. men. 18 anos)

O Homem Elefante

de David Lynch (USA-1980)

Ao princípio parece um filme de terror. Depois a gente percebe que é mesmo um filme de terror. Só que o medo não vem de onde se espera.

David Lynch entra na indústria cinematográfica com o estrondo de um talento insofismável. Os velhos mestres americanos têm uma geração de sucessores.

Cinema Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h) (interdito a men. 13 anos)

Taxi Driver

de Martin Scorsese (USA-1976)

A cíclica reposição de um filme feroz e inquietante sobre o germinar do fascismo num qualquer anónimo cidadão da maioria silenciosa.

Um argumento de Paul Schrader, uma realização de Scorsese. De Niro como protagonista. Tudo certo.

Cinema Quarteto-sala 2 (15, 17, 19, 21 e 23 h) (interdito a men. 18 anos)

A Cidade das Mulheres

de Federico Fellini (Itália-França-1980)

Pelo que vejo (leio) há muitos que franzem o nariz ante **A cidade das mulheres.** Aí está uma coisa que eu entendo com dificuldade. O cinema que se fabrica por aí é tão excepcional que a gente se possa permitir desdenhar aquele que é o grande visionário do cinema actual? Duvido.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h) (não acons. men. 18 anos)

Kilas, o Mau da Fita

de José Fonseca e Costa (Portugal-Brasil-1977/80)

Redescobrir os actores para o cinema português (isto é, dando-lhes uma dimensão fundamental no corpo do filme) eis uma das apostas ganhas por **Kilas, o mau da fita.** E Mário Viegas, Lia Gama, Luís Lello, Milú, Lima Duarte, Natália do Valle e tantos outros souberam corresponder ao espaço que o filme lhes pedia.

Cinema Quarteto-sala 3 (14, 16.15, 18.30, 21 e 23.15 h) (não acons. men. 18 anos)

Cerromaior

de Luís Filipe Rocha (Portugal-1978/80)

Freddie Jones (à esq.) e John Hurt em **O Homem Elefante** um dos mais importantes filmes da «colheita» americana de 1980

Um daqueles, raros filmes que ficam a trabalhar dentro de nós, muito depois de termos saído da sala de cinema. Virtude suficientemente singular para que mereça bastante atenção. Apesar de algumas inabilidades (o som, por exemplo) há coisas muito fundas, estritamente portuguesas, que passam por ali.

Cinema Quarteto-sala 1 (15, 17, 19, 21, 23 h) (não acons. men. 13 anos)

Loulou

de Maurice Pialat (França-1979)

Uma França humilhada e ofendida, no final dos anos 70. Isabelle Huppert e Gérard Depardieu a encarná-la com secura e raiva. Um filme estranho, ora atraente, ora repulsivo, mas vivo.

Cinema Quarteto-sala 4 (15, 17, 19, 21 e 23 h) (não acons. men. 18 anos)

Oxalá

de António Pedro Vasconcelos (Portugal-1977/80)

A fixação numa estética da Nouvelle Vague é uma estratégia de exílio, é, por si só, um ponto de vista estrangeiro? Quer dizer, de que fala este filme? De uma classe impotente para compreender e atravessar os anos de Abril ou de um olhar que queira estar sempre num qualquer lugar que ignora?

De qualquer modo, algo me parece certo: **Oxalá** funciona num território culturalmente híbrido e apátrida; não na dimensão dos cidadãos do mundo, mas na dimensão dos cidadãos de sítio nenhum.

Cinema Nímas (14, 16.30, 19, 21.30 h) (interdito a men. 13 anos)

Gente Vulgar

de Robert Redford (USA-1980)

Em competição com filmes como **O touro enraivecido** e **O homem elefante,** este vulgar **Gente vulgar** ganhou o óscar do melhor filme do ano. Para mais, o público tem-no acolhido com sucesso, o que revela que, pelo menos, Redford está sintonizado com as motivações que constroem êxitos.

O que não retira a **Gente vulgar** o seu carácter de filme rasteiro, evidentemente

Cinema Berna (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (não acons. men. 13 anos)

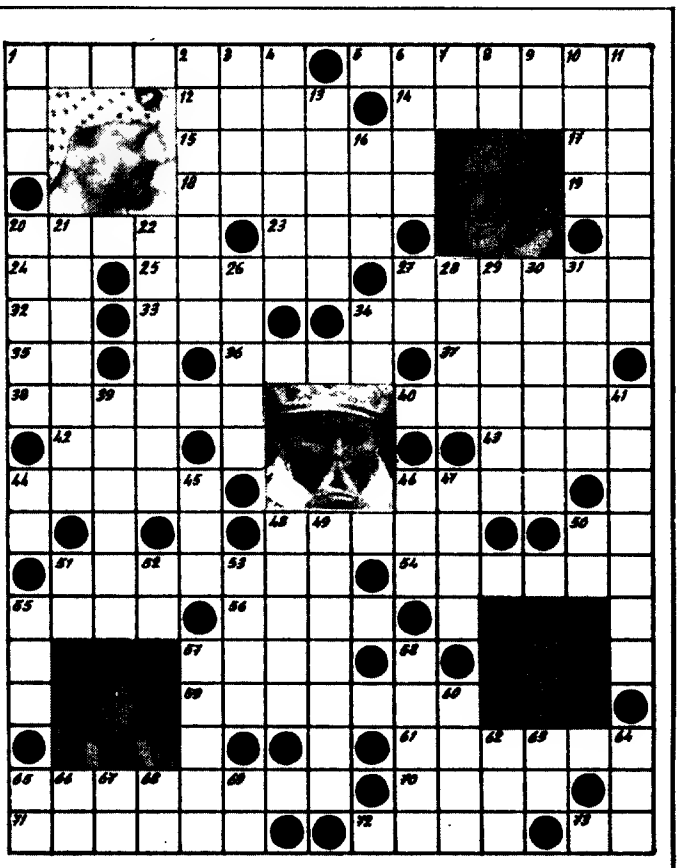
As estrelas

O touro enraivecido	★★★★
O homem elefante	★★★★
Taxi driver	★★★★
A cidade das mulheres	★★★
Kilas, o mau da fita	★★★
Cerromaior	★★
Loulou	★★
Oxalá	●
Gente vulgar	●

A «CHAVE»

★★★★ — **Excepcional**
★★★ — **Bom**
★★ — **Interessante**
★ — **Desinteressante**
● — **A evitar**

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/20 – Este primeiro-ministro israelita, fez o «solene juramento» de que, enquanto estiver no Governo, «na[illegible] abandonará nenhum sector da Judeia-Samaria (Cisjordânia), do [illegible]rritório de Gaza e das colinas de Golan. 5 – Recuaras. 12 – Gav[illegible]. 14/27 – Esta deputada do PSD foi eleita vice-presidente [illegible]ssembleia do Conselho da Europa. 15 – Fome (pop). 17 – Do[illegible] 8 – Bofetada (pop). 19 – Preposição latina que designa movime[illegible] 23 – Apelido. 24 – Amónio (s. q.). 25 – Tiragem da cortiça. 32 – Bario (s. q.). 33 – Costume. 34 – Coroa que encima um escudo. 35 – Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. 36/48/50 – Mehmet Ali Agca, de 23 anos, de nacionalidade turca, é o autor presumido do atentado que feriu gravemente este Sumo Pontífice, abalando assim o mundo com esta notícia terrificante. 37 – Rio do Estado do Pará. 38 – Base. 40 – Agradecidas. 42 – Artéria. 43 – Nivela. 44 – Antigo estofo indiano. 46 – Dás aviso de alguma coisa em voz alta. 51 – Demorais. 54/61 – É o chefe da OLP e prevê uma «escalada militar» israelita contra os palestinianos no Sul do Líbano. 55/65 – É o secretário-geral da ONU e esteve três dias no nosso país onde focou a situação de Timor e a urgência de se encontrar uma solução rápida. 56 – Indivíduo misantropo. 57 – Insectos coleópteros que se encontram por todo o Globo. 59 – O mesmo que rosmaninho. 70 – Rio da Checoslováquia. 71 – Género de moluscos que vive nos rochedos e no costado dos navios (pl.). 72 – Grande desordem. 73 – Bismuto (s. q.).

VERTICAIS:

1 – Cidade da Índia, na costa do Malabar. 2 – Antigo povo de Espanha. 3 – Pronome pessoal. 4 – Defuntas. 6 – Sobrado. 7 – Exprime admiração (Interj. Bras.). 8 – Alumínio (s. q.). 9 – Ilha francesa do oceano Atlântico. 10 – Caminha. 11 – Vila e sede de concelho distrito de Santarém. 13 – Ecoara. 16 – Três das quatro letras que fazem parte da voz imitativa do sino. 20 – Cidade da Pérsia, porto no mar Cáspio. 21 – Metera em mala. 22 – Imorredoiro. 26 – Conspurcou. 27 – Letra grega. 28 – Rezar. 29 – Esmurrara. 30 – Cobres de nateiros ou natas. 31 – Urdiduras. 34 – Cobalto (s. q.). 39 – Açoitar. 41 – Pedra preciosa de cor azul (pl.). 44 – Aqui. 45 – Suspiros. 46 – Cidade de Inglaterra. 47 – Filtras. 48 – Crisóis. 49 – Tomam sobre si. 50 – Hospedaria oficial, na China. 51 – Plutónio (s. q.). 52 – Nome antigo da nota musical dó. 53 – Designação da frauta entre os antigos gregos. 55 – Na Turquia, corpo da guarda, patrulha. 57 – Arma antiga do feitio do machado do carniceiro, que usavam os guardas do paço. 58 – Não nascida. 60 – Cidade da Argélia. 62 – Gemidos. 63 – Nota musical. 64 – Cidade de Espanha. 65 – Abreviatura da expressão inglesa water-closet. 66 – Alteza Real. 67 – Nota musical. 68 – Seiscentos em romano. 69 – Pertences.

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/20 – MENAHEM BEGIN. 5 – Acuaras. 12 – Elos. 14/27 – HELENA ROSETA. 15 – Larota. 17 – Dr. 18 – Estalo. 19 – Ad. 23 – Ai. 24 – Am. 25 – Messa. 32 – Ba. 33 – Uso. 34 – Coronel. 35 – Ul. 36/48/50 – JOÃO PAULO II. 37 – Agai. 38 – Lastro. 40 – Gratas. 42 – Rua. 43 – Rasa. 44 – Carla. 46 – Ecas. 51 – Pausais. 54/61 – Yasser Arafat. 55/65 – KURT WALDHEIM. 56 – Urso. 57 – Alau. 59 – Rosmano. 70 – Taia. 71 – Cracas. 72 – Caos. 73 – Bi.

VERTICAIS:

1 – Maé. 2 – Helenes. 3 – Elas. 4 – Mortas. 6 – Chão. 7 – Ué. 8 – Al. 9 – Re. 10 – Anda. 11 – Sardoal. 13 – Soara. 16 – Tii. 20 – Baul. 21 – Emaiara. 22 – Imortal. 26 – Sujou. 27 – Ro. 28 – Orar. 29 – Socara. 30 – Enatas. 31 – Teias. 34 – Co. 39 – Surrar. 41 – Safiras. 44 – Cá. 45 – Ais. 46 – Ely. 47 – Coas. 48 – Piras. 49 – Assumem. 50 – Iá. 51 – Pu. 52 – Ut. 53 – Aulo. 55 – Kul. 57 – Archa. 58 – Inata. 60 – Orão. 62 – Ais. 63 – Fa. 64 – Tui. 65 – WC. 66 – AR. 67 – La. 68 – DC. 69 – Es.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

ROCHA, LUÍS FILIPE — Realizador

Nasceu a 16 de Novembro de 1947, em Lisboa. Frequenta a Faculdade de Direito de Lisboa e é no Grupo Cénico da Associação de Estudantes que se inicia no espectáculo, como actor, assistente de direcção e dramaturgista (1967/71). Entretanto, em 1970, frequenta o célebre curso de actores e direcção que Adolfo Gutkin dirigiu na Fundação Gulbenkian.

Entra no cinema, pela mão de José Fonseca e Costa, em 1971, como actor de **O recado** e, mais tarde (1973) como seu assistente. Em 1974 faz uma estada no **Brasil** onde trabalha em teatro e cinema (com **Isaías** Almada).

De regresso a Portugal, ingressa na cooperativa «Cinequanon» onde realiza alguns filmes para a RTP. Assistente de Peter Lilienthal em **Reina a tranquilidade no país** (1975). Entra no Núcleo de Produção do Instituto Português de Cinema (1975/76) onde realiza o seu primeiro trabalho notório **(Barronhos — quem teve medo do Poder Popular?).** Em 1977 é fundador da «Prole filme».

FILMOGRAFIA: **Brecht** CM (1974); **O Gabinete da Área de Sines** CM (1974); **Nós no país - n.º 2** CM (1975); **Nós no país - n.º 4** CM (1975); **Barronhos — quem teve medo do Poder Popular?** MM (1976); **A fuga** (1977); **Cerromaior** (1978/80).

Já numa «segunda vaga» do cinema novo, Luís Filipe Rocha é um dos raros realizadores em actividade cujas origens não nascem no cineclubismo, não passam pela crítica, não estacionam na publicidade. Talvez por isso a sua (breve) carreira é sempre feita de passos seguros e ascendentes e o seu trabalho um conjunto de filmes que não remói obsessões mas avança.

A sua incursão no filme político **(Barronhos)** denota uma atenção ao real que não quer fazer panfleto mas comunicar. A primeira longa metragem que assina **(A fuga),** embora falando da fuga de um preso político de Peniche (em traços gerais inspirada no caso de Dias Lourenço), centra-se sobretudo na angústia de um **tempo** infindo, imóvel, desesperante.

E é esse **tempo** circular, quase sem saída, que sobressai de **Cerromaior.**

Se é (já) possível detectar uma constante no cinema de L. Rocha ela é, por certo, a referência às rupturas impossíveis.

DEMÓNIOS DE ALCÁCER KIBIR (OS) — longa metragem — 35 mm/cor.

Realização: José Fonseca e Costa. **Argumento:** José Fonseca e Costa e Augusto Sobral. **Fotografia:** António Escudeiro.

Canções: Sérgio Godinho. **Som:** João Carlos Gorjão. **Montagem:** J. F. Costa, J. C. Gorjão e Teresa Vaz da Silva. **Cenários:** Madalena Pinto Coelho, Fernando Pinto Coelho, Jasmim. **Produtor executivo:** Artur Semedo. **Director de produção:** Paulo de Morais. **Interpretação:** António Beringela, Ana Zanatti, Ana Flora, Fernando Lourenço, Sérgio Rodinho, Luís Barradas, João Guedes, Zita Duarte, Maria Alice Vergueiro, Artur Semedo, Osvaldo Medeiros, Fernando Gusmão, Beatriz de Almeida, Rogério Vieira, Carlos César, Toni Morgon, Carlos José Teixeira, Vítor Carvalho, José Severino, Pedro Efe, Carmen Gonzalez, etc.

Produção: Tobis Portuguesa e Centro Português de Cinema. **Rodagem:** Julho/Agosto de 1975. **Distribuição em Portugal:** Animatógrafo. **Classificação etária:** Não aconselhável a menores de 18 anos. **Duração:** 90 minutos. **Estreia:** 9 de Abril de 1977 (Quarteto-Sala 2).

Lá longe, em Africa, a raiva rebentou. Depois foi uma questão de tempo.

Os demónios de Alcácer Kibir, alegoria de um país em busca (o filme foi rodado em pleno «Verão quente» de 1975), mergulha na memória de um passado recente (o Alentejo nos anos do fascismo) e no espaço mitológico dos fantasmas que povoam o inconsciente português, traumas, frustrações longamente pesando sobre este país.

Feito com uma alegria e uma irreverência contagiantes, **Os demónios de Alcácer Kibir** marca a entrada de Sérgio Godinho no cinema português e conta com alguns actores que sobressaem do discurso que é, sobretudo, do realizador: João Guedes, excelente, António Beringela (talvez o maior instinto do nosso cinema) e Zita Duarte, um dos grandes rostos no écrã da cinematografia portuguesa. Destaque, ainda, para o trabalho de câmara e de fotografia de António Escudeiro que, num filme quase todo em planos-sequência, assim entra, com o pé direito, na longa-metragem.

SANTA ALIANÇA (A)
— longa metragem
— 35mm/cor

Realização e montagem: Eduardo Geada. **Argumento e diálogos:** Eduardo Geada, Gonçalves Preto, Manuel Machado da Luz. **Fotografia:** Manuel Costa e Silva. **Operador:** Francisco Silva. **Música:** Pedro Osório. **Cenários e figurinos:** José Costa Reis. **Produtores executivos:** Marcílio Krieger e Anabela Gonçalves. **Interpretação:** Io Apolloni, Lia Gama, Henrique Viana, Helena Isabel, Paulo Duarte, Adelaide João, António Anjos, Baptista Fernandes, Cândido Mota, Carlos Santos, David Silva, Isabel Branco, Jorge Vale, José de Castro, José Manuel Rosado, Luís Alberto, Luís Lello, Luís de Mascarenhas, Maria, Maria José Guerra, Maria Tavares, Miguel Franco, Norberto Barroca, Orlando Costa, Pedro Pinheiro, Santos Manuel, Teresa Roby, Vicente Alpalhão, Vicente Galfo, Victor de Sousa, etc. **Produção:** Instituto Português de Cinema. **Rodagem:** 1975/77. **Distribuição em Portugal:** Distribuidores Reunidos. **Classificação etária:** Interdito a menores de 13 anos. **Duração:** 117 minutos. **Estreia:** 20 de Novembro de 1980 (City Cine, Lisboa)

Ficção situada entre Setembro de 1974 e Março de 1975, **A santa aliança** é uma das mais lúcidas reflexões que o cinema português produziu sobre esses anos.

Situado em interiores burgueses, fascinado e repelido pela sua representação, este filme fala de um Poder que não é destrutível pela corajosa aventura de vinte capitães.

Amor indecidido por dois personagens (o de Io Apolloni, militante ingénua e voluntarista, o de Lia Gama, mulher burguesa que se entendia, transgride e morre), filme atravessado pelo erostismo e pelo prazer, material de compra e venda, como tudo, ficção onde a revolução está **off, A santa aliança** é um discurso que descreve os ritos dos interiores burgueses, o espaço do desgosto, o jogo de uma classe dominante.

Sem fazer o gosto «à esquerda», sem apaziguar, sem simplificar, sem demagogia.

VELHOS SÃO OS TRAPOS
— longa-metragem
— 16 mm/côr

Realização, argumento e montagem: Monique Rutler. **Diálogos**: Eduardo Valente da Fonseca. **Fotografia**: Mário de Carvalho. **Cenários**: Fernando Filipe. **Som**: Carlos Pinto. **Interpretação**: João Guedes, Luís Santos, Luísa Neto, José Fonseca e Costa etc. **Produção**: M. Rutler e Filmform. **Direcção de produção**: Henrique Espírito Santo. **Distribuição em Portugal**: Animatógrafo. **Classificação etária**: Não aconselhável a menores de 13 anos. **Duração**: 83 minutos. **Rodagem**: 1979. **Estreia**: 24 e 31 de Janeiro de 1980 (na RTP); 13 de Março de 1981 (Quarteto, Lisboa).

Há filmes que, apesar de, tecnicamente, pouco hábeis possuem uma tal força nas imagens que a emoção atravessa todas as incipiências e fica, a latejar, dentro de nós. **Velhos São os Trapos** é um desses casos, raríssimos no cinema português (que acentua normalmente a enunciação e se esquece do enunciado, o que aqui não acontece).

Tratando o problema da velhice através da fusão de dois tipos de material (o cinema-directo e o cinema de ficção), este filme falha na conjugação entre eles, por inabilidade própria, é certo, mas também porque a violência da zona documental é de tal ordem que a ficção (em si mesma excelente) não consegue ser mais do que apaziguadora: aí nós sabemos que é «apenas cinema». Dotado de um pudor exemplar, de uma verticalidade que se recusa, frontalmente, o espectáculo da miséria, **Velhos São os Trapos** não mergulha nunca no lodo de um «mundo cão» lusitano. Ao invés, é com a voz embargada que ele diz/mostra asilos e bancos de jardim, onde agonizam tantas pessoas.

Quanto ao espaço de ficção, contém algumas cenas antológicas (a sequência de amor entre Luís Santos e Luísa Neto, por exemplo), uma atenção particular ao **décor** (quer na reconstituição de interiores, quer no olhar sobre a cidade), um trabalho de actores sempre seguro.

Filme que marca a entrada de Monique Rutler no seio da longa-metragem, **Velhos São os Trapos** augura um futuro promissor para a sua realizadora.

FINALMENTE... o CAFE-TEATRO da COMUNA
*DEIXO'S POISAR...
QUINTA-FEIRA AS 22 H
SEXTA-FEIRA AS 23 H
SABADO AS 24 H
lotaçoes esgotadas * um espectaculo... diferente
* MUSICA AMBIENTE E DE DANÇA • UM ESPAÇO NOVO DE CONVIVIO *
SERVIÇO BAR-RESTAURANTE A PARTIR DAS 20 H • MARCAÇÕES TEL 76 26 24
4.º MÊS
ESPECTÁCULO MUSICAL BRECHT – EISLER WEILL DESSAU NA SALA 2
«O LÍRIO DO INFERNO»
COM. M ALICE VERGUEIRO
/MARIO LAGINHA
SEXTA-FEIRA E SÁBADO AS 21,30 H. DOMINGO ÀS 18 H.

Sr. Camionista
Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga. Respeite sempre os limites.
circular e viver

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D 1100 (metro Areeiro) - R. Infantaria, 16 55-C 1300 LISBOA

Germaine Krull, pioneira da fotografia moderna

FEZ a revolução em Munique em 1919, conheceu a vanguarda intelectual dos anos 20, foi correspondente de guerra, gerente de hotel em Bangkok, depois encarregada de relações públicas dos lamas tibetanos. Mas Germaine Krull é antes de mais um dos maiores fotógrafos vivos.

Como está Paris? Há um vazio desde a morte de Malraux, não é verdade? E sem esperar pela resposta: **Não saberá por acaso onde estão os meus negativos?** Ao sol oblíquo da tarde, no relvado do Doon Guest House, a pergunta surpreende. É que não estamos, como poderia parecer, num dos arredores de Londres, mas a uns cem quilómetros da fronteira chinesa, em Dehra Dun, cidade indiana dos contrafortes do Himalaia, onde outrora vinham repousar os colonos ingleses cansados dos calores do Sul.

No seu «fauteuil» de verga, olhando por sobre a chávena de chá, camiseiro malva e calças pretas, cabelos brancos muito cuidados, eis Germaine Krull, de oitenta e três anos de idade. Essa a quem Man Ray escreveu: **Germaine, você e eu somos os maiores fotógrafos do nosso tempo, eu no género primitivo, você no moderno.** Aquilo que podia ser uma simples «frase» não o era, porque Henri Cartier-Bresson confirma: **Germaine Krull teve uma grande influência nos fotógrafos da nossa geração e abriu novos caminhos.**

Nascida na Polónia de pais alemães, com passaporte holandês, Germaine Krull sempre se considerou francesa. Pelo menos desde que, criança, aprendeu a ler em Asnières, onde a família, sempre errante através da Europa, se deteve durante algum tempo. O pai, que ela detestava, não quis mandá-la à escola, deu-lhe perceptores e tornou-a uma criança diferente das outras. Legou-lhe também duas características que haviam de lhe dirigir a vida: um anticonformismo revoltado e o gosto pela fotografia.

Aos dezoito anos não possui nenhum diploma que lhe permita entrar na universidade. Então, entre as escolas que se lhe oferecem em Munique, no ano de 1916, escolhe a da fotografia. Classificada em primeiro lugar dois anos depois, ei-la autorizada a ensinar: **Abro então um atelier com dois ou três alunos, mas, na verdade, fazíamos mais política do que fotografia.**

Revolução

Com efeito, em 1919 os seus amigos de Munique são os chefes revolucionários Ernst Toller e Kurt Eisner. É a revolução, os príncipes desaparecem, Kurt Eisner é o presidente do soviete de Munique. Têm vinte anos, tudo é permitido, a vida é bela! Mas isso não dura muito. Os sovietes acabam, Eisner é morto por um monárquico, vem a repressão. Os agitadores são perseguidos. Germaine Krull foge para o Tirol com Towia Azelrod, o enviado pelo governo revolucionário russo junto do governo da Baviera. Presa, liberta, presa de novo no ano seguinte por outras actividades revolucionárias, é por fim expulsa da Baviera.

Vai a Berlim, abre um estúdio perto de Kurfurstrendam. Aí tira retratos ao pai. Quando a febre de Berlim começa a baixar, Krull e Ivens partem para a Holanda.

No porto de Amesterdão, Germaine Krull, impressionada pelas belezas do mundo industrial, descobre o grafismo dos guindastes e das máquinas. **Estava impressionada por essas construções metálicas. Quis fazê-las como as via. Então fotografei os guindastes como um homenzinho os vê. Ca'debaixo, com o aparelho fotográfico virado para o céu.**

Estas primeiras fotografias fora do estúdio são contrárias à tradição. Elas constituem o centro daquilo que quatro anos mais tarde, em 1927, seria **Metal**, um dos livros principais da fotografia.

Paris!

Claro que Amesterdão é uma simples etapa. Depois de Berlim uma só cidade pode atrair a fotógrafa: Paris. Chega em 1924, instala-se em Montmartre, e, por intermédio de amigos de Ivens, consegue fazer fotografia de moda. Um dia, porém, mostra as suas fotos de Amesterdão à muito oficial sociedade francesa de fotografia. Um cavalheiro condecorado e muito amável, recebe-a, examina as fotos e diz-lhe com ar paternal: **Mas, minha senhora, o seu aparelho estava avariado!**

O meio artístico cosmopolita, o que então se reúne em Montparnasse e em Saint Germain mostra mais clarividência. Robert e Sonia Delauney, que se tornaram seus amigos, permitem-lhe expor os seus guindastes e os seus ferros, no espaço que lhes é atribuído no Salão de Outono de 1926.

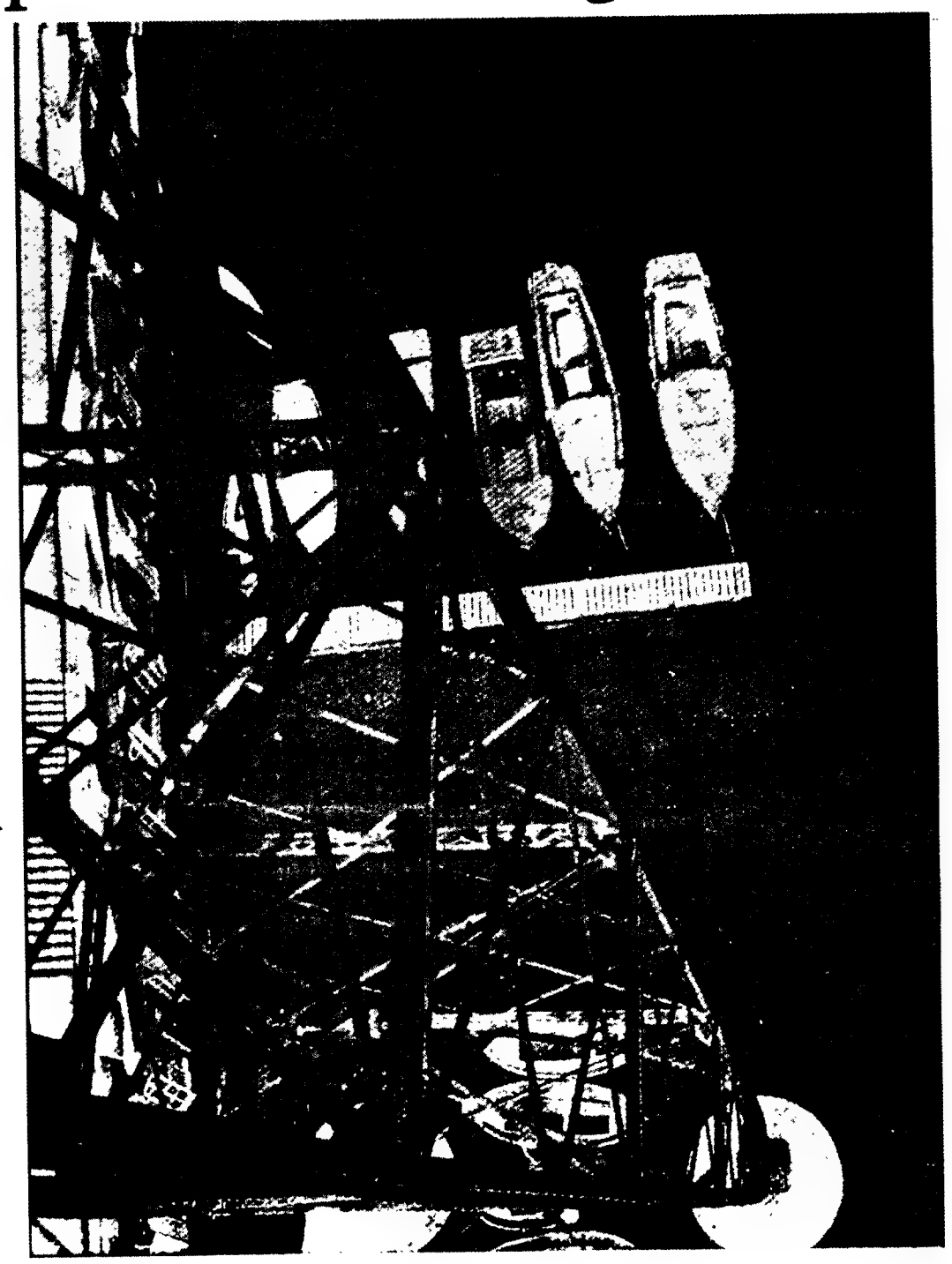
Mais tarde, na esplanada do «Deux Magots», encontra Lucien Vogel, o homem chave do jornalismo ilustrado de entre duas guerras. Estava-se em 1928 e Vogel acabava de criar o **Vu**, o primeiro grande semanário que se apoiava essencialmente na fotografia, percursos dos **Life** e **Paris Match**. Para a Germaine Krull de então **a objectiva é um olho mais perfeito do que o humano.** Vogel, aberto a todas as novidades, encomenda-lhe reportangens. Em **Vu**, Krull publica temas tratados de um modo original: a torre Eiffel, as seitas religiosas. Com André Kertesz, que chegara a Paris um ano depois dela, dão o que houve de melhor nos primeiros números do grande magazine.

Prefere a reportagem ao estúdio. Permite-lhe mexer-se, explorar o mundo. **O autêntico fotógrafo é a testemunha de todos os dias.** No entanto ela já sabe, antes de 1930, que o mundo fotografado, mesmo com uma bjectiva, é um mundo visto através de uma personalidade. **Com um só declique, a objectiva regista o mundo no exterior e o fotógrafo no interior.**

Colabora também em **Marianne** de Emmanuel Berl e André Malraux, que lhe pedem para ilustrar **La Chatte,** de Colette. **Ela não gostava de fotógrafos mas consegui que me aceitasse porque partilhava o seu amor pelos gatos.**

Publicidade

Por volta de 1930, Krull começa a ser conhecida por alguns. A fim de confundir os detratores da imagem mecânica, que dizem que não se pode fazer obra de arte com uma máquina, Cocteau escreve-lhe: **Como sabe não sou um idólatra da máquina, e a escravidão, mesmo maquinal, repugna-me. Ora o que me inpressiona é a colaboração com as máquinas. Ela impõe-se. Na Columbia recuso que me gravem a voz: em colaboração com o gramofone fabrico uma voz desconhecida, inédita, mordente e que parece sair de uma máscara grega.** (...) **Você e a câmara escura obtêm um mundo novo, um mundo que atravessou mecanismos e uma alma.**



André Malraux, que dirige na Gallimard, a colecção «Os novos pintores», autêntico repertório da arte moderna, resolve acrescentar «Os novos fotógrafos» mais importantes: Man Ray, André Kertesz e Germaine Krull. É quase uma consagração. **Malraux veio ao meu estúdio da rua de Maistre a fim de escolher as fotografias para o livro. Era um bonito homem, sim. Com os seus grandes olhos parecia-se na verdade com o retrato que fizeram dele e que apareceu em toda a parte.**

Em Paris começa a ver-se a nova fotografia, principalmente na galeria da Pleiade, no alto do boulevard Saint Michel, perto do Luxembourg. Mas nem toda a gente a vê com bons olhos. **L'Illustration,** cujos serviços fotográficos são dirigidos por Emmanuel Sougez, não aceita «esses modernos». A Sociedade francesa de fotografia fecha-lhes as portas do **Salon** internacional que todos os anos organiza e onde reinam os mestres e os adeptos do pictorialismo académico e vaporoso.

Em contrapartida, na **Comédie des Champs Elysées,** Louis Jouvet oferece a Germaine Krull e aos seus amigos o **foyer** do teatro. O espaço é restrito e as fotografias chegam à escada. Para a crítica é o «**Salon** da escada». Foi, na verdade, o primeiro **salon** dos artistas fotográficos independentes.

O meio mais aberto à nova fotografia ainda é o da publicidade onde certos directores artísticos admitem as maiores audácias. Numa composição que lhe é encomendada por um camiseiro dos Campos Elíseos, Germaine Krull associa sedas brancas e peças de automóvel cheias de óleo. Num catálogo para a Peugeot, um erro de enquadramento corta as rodas de todos os carros. E as fotos são aceites.

O trabalho para a Peugeot traz o ganho de um carro. Então é Paris-Biarritz, Paris-Mediterrâneo. Itinerários de prazer que se tornam livros. Em cem fotografias de «A estrada de Paris ao Mediterrâneo» (1931), umas quarenta são de Germaine Krull.

É ela a única a tirar fotografias com o carro em movimento, através do para-brisas ou de lado. Só ela fotografa a velocidade, a frescura do vento, as formas que passam, que desaparecem.

A certa altura sente-se atraída pelo cinema. Tenta uma ou duas médias metragens, mas frequenta principalmente, para além de Ivens, René Clair, L'Herbier, Gance, Buñuel, com quem mais ou menos colabora. É uma mulher «lançada», como então se diz. Vive num apartamento do boulevard Saint-Michel, onde manda instalar uma casa de banho de star. Tão sumptuosa que não consegue pagá-la. E em 1935 tem que deixar Paris. Vai então para Monte Carlo onde fotografa para o casino do principado o **gratin** mundial, ilustra a revista do estabelecimento e, em 1937, realiza frescos-fotomontagens imensos para o pavilhão do Mónaco na Exposição universal.

O Oriente

Graças ao seu passaporte holandês, que deve ao casamento com Joris Ivens, não tem problemas no princípio da guerra. Mas, após o armísticio, só tem uma preocupação, juntar-se aos da França livre. O que faz em 1941, no Rio de Janeiro. Antes disso, deixou em Paris, com o seu amigo Eli Lotar, dezenas de caixas de cartão com todas as suas placas e todos os seus negativos desde 1920. A memória da sua obra. Que nunca mais voltou a ver e que ainda hoje procura.

Rio, depois Brazzaville e Argel, onde tira o retrato ao general. Desembarca na Provença com o Primeiro Exército francês de De Lattre, como correspondente de guerra, acreditada junto do Q.G. aliado na Europa. No fim de 1944 fotografa a entrada fulgurante na Alsácia, tal como fotografara a estrada de Paris ao Mediterrâneo. Roger Vaillant faz a narrativa e é a **Batalha da Alsácia,** publicada em 1945. Entretanto, no meio dos combates, encontrou a brigada Alsácia-Lorena e um certo coronel Berger, aliás André Malraux.

Após a Segunda Guerra Mundial, está de novo em Paris. Mas tal como sentira em 1922 em Berlim, que o cimo da vaga havia passado, compreende agora que a fotografia já não pode ser em Paris a aventura artística e intelectual que fora entre as duas guerras. Então, como lhe propõem reportagens no Extremo-Oriente, ei-la que parte para a Ásia, aos cinquenta anos, como correspondente de guerra.

Birmânia, Indochina, Singapura, Java, e depois, um dia, a agência para a qual trabalha, fecha. Germaine Krull está então em Bangkok. Ali fica durante quinze anos, esquecendo a fotografia para dirigir um hotel. Até que André Malraux (ele de novo) sempre historiador de arte embora ministro, lhe pede que ilustre um livro sobre arte búdica que ela conhece muito bem desde que esteve na Tailândia. O livro acaba por não se fazer, mas é uma ocasião de ela voltar a França, nos anos 60, depois de ter liquidado o hotel de Bangkok. Passa algum tempo na região parisiense e Malraux arranja-lhe em 1967 uma exposição na Cinemateca com fotos da Tailândia e algumas antigas, recuperadas aqui e além. O grande **boom** da fotografia ainda, porém, não chegou e a crítica não faz muito barulho.

Durante o cocktail, o embaixador indiano fala-lhe então de outros budistas, os que os chineses expulsaram do Tibete e que se fixaram no norte da Índia. E, com mais de setenta anos, Germaine Krull parte ao encontro desses refugiados, ajuda-os a integrar-se, vive com eles, faz-se amar. Graças a ela têm agora um verdadeiro templo em Purawala a alguns quilómetros de Dehra Dun.

Hoje, Krull escreve as suas memórias no ambiente antiquado de uma pensão onde ainda há pratas da época colonial. Enquanto na Europa e nos Estados Unidos, a crítica, os museus, as galerias, descobrem a prodigiosa fotografia que ela fez em Paris nos anos 20 e 30.

Nos degraus exteriores da Doon Guest House, Germaine Krull põe um xale sobre os ombros. Agora que os tibetanos já não precisam dela, qual será a sua próxima aventura? **Não acha que já fiz bastante?** Deseja ficar naquele lugar, onde, apesar de não ser luxuosa, tem um certo conforto, criados agradáveis da sua idade, que, decerto, não poderia ter na Europa. E depois, para onde ir? Não. Está bem aqui.

Só se os negativos fossem encontrados. **Então claro que tudo mudava.**

Guy Mandery

Serviço Exclusivo
«Le Monde Dimanche»
«Diário de Lisboa»

A evolução da função pública francesa

O estatuto dos funcionários evoluiu muito desde a sua organização em 1946. A multiplicação dos estatutos especiais é um autêntico mosaico. O emprego de numerosos contratados, auxiliares e tarefeiros — autêntico exército de reserva — reforçou o poder da administração para com os seus funcionários. Estas mutações revelam um debate de sociedade.

A função pública francesa ainda serve de ponto de referência a numerosas funções públicas estrangeiras. Estas últimas adoptaram, pelo menos no seu início, os dados do sistema francês: o estatuto e a carreira. Mas o modelo francês evoluiu muito. Desde a lei de 19 de Outubro de 1946, e mesmo desde a disposição de 4 de Fevereiro de 1959, as mutações são profundas. A modificação é tal que os adeptos do esquema de origem teriam dificuldade em reencontrar o seu ponto de partida.

Os alicerces

O estatuto geral dos funcionários de 19 de Outubro de 1946 era uma resposta a duas ordens de preocupações fundamentais (1). Por um lado o método: consulta das organizações profissionais, estabelecimento de um projecto comum governamental, voto de uma lei. Este processo estabelecia, pelo menos aos olhos dos protagonistas da época, uma dupla garantia: a de um consenso, resultado de uma negociação e garante de uma ausência de contestações ulteriores; a da existência de uma norma jurídica incontestável preservando o poder de publicar regras e que só depende da soberania nacional.

Por outro lado, a sua filosofia, baseada na permanência do serviço e do dinheiro, tomando em conta a existência de obrigações antes fixadas, permitia o estabelecimento de garantias de recrutamento, de carreira, de remuneração, de reforma, geradoras de situações homogéneas. Era o fim de uma confusão de estatutos, de situações jurídicas complexas e de carreiras desordenadas, tudo coroado com a criação da Escola Nacional da Administração. Era o princípio de uma unidade (2), de uma situação legal e regulamentar.

O estatuto geral dos funcionários, de 4 de Fevereiro de 1959, composto por uma lei com valor legislativo a que são adjuntas sete regras de administração pública de 19 de Fevereiro de 1959 — retoma quase inteiramente o estatuto de 1946. Em todo o caso já não retoma o sistema da consulta com as organizações sindicais, nisto fiel ao segredo de Governo, e aumenta assim o domínio administrativo sobre o sistema da função pública. Por outro lado restringe o papel dos organismos paritários, tendência aumentada ou confirmada pelos posteriores.

Este sistema apoia-se no espaço antinómico da noção de emprego. Dupla garantia: para o serviço, a certeza de uma constância de competência e de perenidade do serviço público; para o funcionário a certeza de uma garantia de emprego, elementos favoráveis à actividade normal do serviço.

O outro elemento interno de base é constituído pelo direito sindical e pelo direito à greve, ambos reconhecidos pela Constituição aos trabalhadores, portanto ao funcionário público. Porque este apresenta uma dupla característica: como funcionário de Estado tem prerrogativas de poder público necessárias ao cumprimento da sua missão, e nisto identifica-se à administração; como trabalhador é um assalariado e os seus interesses podem ser antagónicos a essa mesma administração. Há aqui uma dialéctica sempre ligada ao fluxo e ao refluxo do poder político. A aquisição do direito sindical e do direito à greve, o seu desenvolvimento e o seu exercício, estão-lhe ligados.

Ora o legislador sempre desejou preservar a igualdade de ambos os factores. Permitiu, no entanto, que os sindicatos se tornem parceiros sociais permanentes dos poderes públicos.

O sistema foi considerado um dos modelos democráticos do mundo, e apontado pelo **Bureau** Internacional do Trabalho como uma das bases de estudo da comissão da função pública da OIT.

O calcanhar de Aquiles

Ele tinha, no entanto, o seu calcanhar de Aquiles: os estatutos particulares. O artigo 2 do estatuto de 1946 previa que esses estatutos tivessem modalidades especiais para o pessoal de cada administração ou serviços. Tratava-se de uma simples cláusula de salvaguarda que o legislador quisera criar a fim de preservar algumas situações específicas. O estatuto de 1959 retomou estas disposições. Mas como a sua filosofia era diferente da do estatuto de 1946, os estatutos especiais constituem agora uma possibilidade de cada administração singularizar o estado jurídico dos seus funcionários.

Há hoje perto de mil estatutos particulares, por aplicação dos artigos 34 e 37 da Constituição. O que significa o despojamento do poder legislativo. Estes estatutos podem pois ser derrogatórios. Ou há uma derrogação de natureza jurídica e logo um processo especial baseado na consulta do Conselho Superior da Função Pública; ou, se o exame de um único estatuto particular só permite descobrir modificações insignificantes (como, por exemplo entrada de pessoal ou aumento de ordenados), a aproximação de um conjunto destes estatutos leva a descobrir um profundo desvio das regras do estatuto geral. Na realidade trata-se de derrogações psicológicas mínimas, o que constitui um fenómeno importante e revela a importância do peso específico destes estatutos particulares.

O seu desenvolvimento é o elemento essencial da década de 1970-1980. O estatuto geral não é mais do que o valor de referência para apreciar a amplidão e a permanência da derrogação. Que resta do conceito original da função pública?

Claro que uma constatação global indica a tendência geral. Mas um exame mais detalhado, mesmo rápido, leva-nos a ter ideias mais nuançadas. Alguns ministérios como os da Economia ou do Orçamento, da Educação e das Universidades, titulares de grandes efectivos, têm relativamente poucos estatutos particulares. Em contrapartida, o Ministério da Agricultura tem cento e cinquenta estatutos particulares para uns quarenta mil funcionários, e alguns desses estatutos abrangem poucos indivíduos. Entre estes dois extremos descobre-se uma paleta muito variada de casos e de situações.

A evolução interna de cada situação depende como é evidente, das relações entre os funcionários e a administração, assim como das percentagens de sindicalização, em regra pouco elevadas, excepto no ensino. Mas a conclusão geral é idêntica: o estatuto geral só tem um valor de padrão. E mesmo nele, o que resta da origem?

Diversificação das carreiras, diversificação das letras (comissão Lasry), mobilidade, multiplicação dos modos de recrutamento, eis situações novas que levam a pensar se se a direcção geral da função pública ou dos serviços do pessoal dos ministérios — já absorvidos pela gestão diária — estão preparados para se encarregar totalmente deles. Em todo o caso, o contencioso da função pública aumenta visto que, em certos tribunais administrativos tem, ao que parece, a terceira parte do papel.

O exército de reserva

Para mais, as circunstâncias (as consequências da guerra, a reconstrução) tinham levado as administrações a recrutar um pessoal fora do quadro: contratados, auxiliares, tarefeiros. Pessoal complementar, de apoio, ajuda ou substituição temporária, a própria natureza das suas competências coloca-o — excepto raras excepções — numa situação precária e revogável. Os pretextos do intervencionismo desenvolveram e aumentaram esta paisagem.

O problema foi, desde a origem, reabsorção dessa função pública paralela. A lei de 3 de Abril de 1950 julgou conseguí-lo. Foi um fracasso. Veio uma segunda vaga, depois outras, a última data de 1976. Mas a óptica administrativa parece ter mudado. Dando lugar à religião do «fazer das tripas coração», instalou-se parcialmente a doutrina que quer organizar os não-titulares num exército de reserva.

Foram arrolados mais de cem textos de natureza regulamentar que têm, de resto, por abuso de linguagem, o estatuto de contratuais. Actas unilaterais de carácter regulamentar, copiando por vezes palavra por palavra as disposições dos estatutos dos titulares (a tal ponto que nos podemos interrogar sobre a utilidade do contrato), confinam o contrato numa situação de subordinação. Deste modo são limitadas ou aniquiladas a liberdade de contratar, a autonomia da vontade das partes, e muitos outros critérios que constituem a frota dos contratos de direito civil. Para mais multiplicam-se os contratos de duração determinada que a renovação não transforma em contratos de duração indeterminada, deixando assim à administração o poder discricionário de modificar as condições de vida do contrato ou os direitos do funcionário. O estatuto é assim desestabilizado.

Os auxiliares, contratados disfarçados, formam outra divisão desse exército de reserva. A sua sorte só lhes dá, em teoria, obrigações e não garantias, embora a acção das organizações sindicais tenha permitido fornecer-lhes alguns embriões, principalmente em matéria de despedimentos e de vantagens sociais. A sua titularização, sobretudo nas administrações grandes consumidoras como os serviços financeiros, constitui a serpente do mar da década, e o seu despedimento a triste realidade.

Restam os tarefeiros. Ninguém sabe exactamente quantos são. Remunerados ao acaso dos orçamentos, não têm existência oficial. Vão e vêm sem nenhuma defesa. No entanto, algumas administrações instituíram a situação de tarefeiros a tempo inteiro, preenchendo assim lugares que deviam ser atribuídos a titulares.

Essa contratualização torna-se um sistema. Criando para os agentes situações menos protegidas do que as do sector privado, ela tem o apoio das administrações. Através da precariedade das funções, consegue constituir uma reserva que agrupa funcionários em princípio mais dóceis às ordens hierárquicas, muitas vezes menos atentos às realidades sindicais. Isto seria a tentação do relatório Longuet (3).

A atitude das administrações não é, no entanto, uniforme. Há sectores em que os não titulares são pouco numerosos: tesouro, aduanas... Em contrapartida constituem, noutros sectores, (impostos, educação...) uma massa tão importante que, em certos serviços, equilibram os titulares. Como é evidente, a acuidade do problema e a importância volumétrica do fenómeno tornam as epidermes administrativas e sindicais mais sensíveis. E, no último período, quando a repressão administrativa parecia mais pesada, o controlo do juiz torna-se mais determinante e mais frequente.

Juiz e administração

Imagina-se muitas vezes que o direito da função pública é essencialmente pretoriano. O que é um erro. A proliferação dos textos, sobretudo, depois de 1974, é tal que o papel do juiz é limitado. Para mais, é necessário trazer certas nuances à opinião geralmente admitida, segundo a qual o juiz administrativo protege o funcionário da administração. Se isto pode parecer verdade no domínio disciplinar — onde agora reina a proporcionalidade da falta e da sanção, — é, por exemplo, o inverso, no domínio da greve, onde apareceu dois dias de pagamento para um funcionário trabalhar de noite, em caso de 24 horas de greve. Exemplo revelador da atmosfera jurídica, talvez favorável ao controlo mínimo.

Acrescenta-se a isto a acção da administração, derivada da vontade do legislador e amplificada. Por intermédio de directivas, aplicando assim orientações políticas, número de serviços que pretendem regulamentar o direito sindical e o direito à greve. As autorizações de ausência e as dispensas de serviço são objecto de notas consideradas insusceptíveis de recurso perante o juiz. A ausência de disposições regulamentares em várias administrações para aplicar a instrução Chaban-Delmas de 14 de Setembro de 1970 em matéria de direito sindical, favorece este clima.

Para mais, e devido a práticas variáveis segundo as administrações, regras de aumentos, mutações, recrutamento, tendem a personalizar-se em função do perfil do funcionário. A maleabilidade dos estatutos especiais, o desenvolvimento dos processos de adaptação favorecem essa individualização dos dados para a qual concorre a técnica do contrato.

Em suma, podemos procurar saber se não se passa insensível mas voluntariamente, da aplicação de regras gerais à determinação da via administrativa através da individualização dos dados que dizem respeito a cada funcionário, fazendo progressivamente pender a balança para a predominância administrativa. A funcionalização, a tomada em consideração do emprego e não do grau, a instauração da mobilidade geográfica, tudo caminha no mesmo sentido.

A experiência de convenções salariais, que não são unânimes no mundo sindical, modificaria a paisagem? Não sensivelmente, na medida em que essas convenções só têm valor de **gentlemen's agreement**, engajamento moral que deixa às autoridades administrativas a sua total liberdade de acção. Então? Se compete aos políticos e aos sindicalistas fazer a prospecção, o observador deve fazer dois reparos.

Está aberto o debate entre uma concepção estatutária da função pública e uma concepção contratual. A primeira está na linha da tradição, com a reserva de conceber métodos de modernização. A segunda inova. Com audácia e, como sempre neste caso, com perigo.

Mas, por detrás deste debate, e sem tratar do problema capital da privatização de partes consideráveis da função pública (4), surgem conceitos de sociedades, tanto mais claras quanto em certos meios se agita a ideia de um espaço administrativo europeu como se elabora — a que preço? — um espaço judicial. Se é difícil obter um instantâneo da vida administrativa, perante os elementos do «dossier» o problema fundamental é, para a função pública, o seguinte: será o fim de um mundo e a construção de outro, ou trata-se de prosseguimento de um ideal de modernização?

***

(1) Os elementos de análise da função pública de Estado são válidos **mutatis mutandis** para os funcionários comunais e hospitalares.

(2) A função pública francesa é caracterizada pelo sistema da carreira. Opõe-se assim à noção de emprego, em uso generalizado na função pública espanhola sob o regime franquista, e existe parcialmente nas funções públicas americana e alemã e em muitas funções públicas dos países da Ásia.

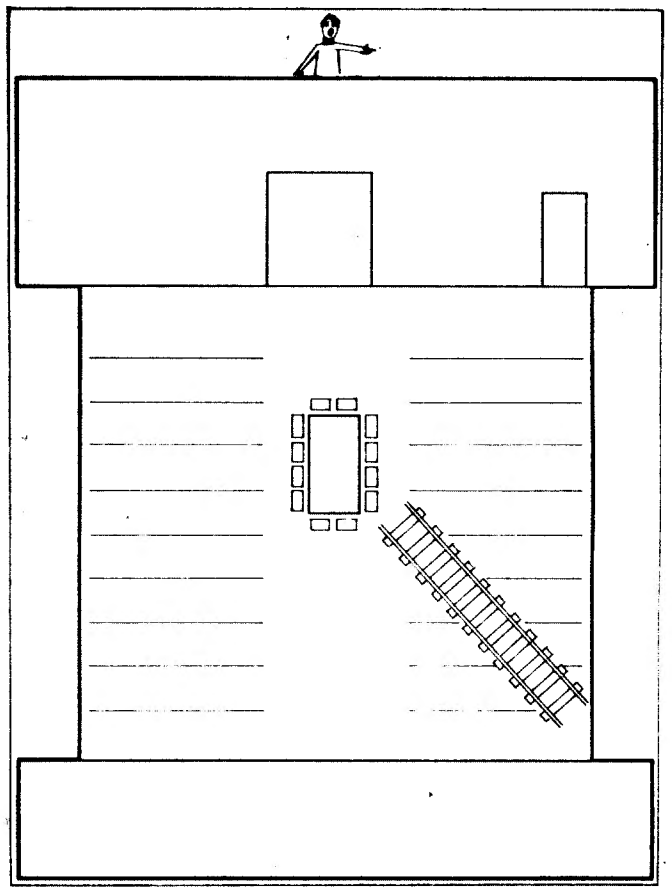
(3) Este relatório, que tem o nome do seu autor preconiza a manutenção de 400 000 funcionários (uma parte do quadro A) e a transferência dos outros funcionários para a qualificação de empregados.

(4) Sectores inteiros do sector público: telecomunicações, informática, SEITA, rádio e televisão, mercados do Estado, etc. ou são geridos directamente por sociedades privadas, ou deixados com ordenados muito baixos. Consequentemente a situação dos funcionários destes sectores é regida pelo direito do trabalho e pelas convenções colectivas.

FEIRA DO LIVRO•FEIRA DO LIVRO•FEIRA DO LIVRO•

Peter Stein/Schaubuhne: O ciclo da vingança

«Agamémnon», primeira das três tragédias que compõem a «Oresteia» de Ésquilo, termina com o assassínio de Agamémnon, rei de Átrida, e da profetisa Cassandra. Desse modo Clitemnestra vinga a morte de sua filha Efigénia, que Agamémnon sacrificara aos deuses para poder atacar Tróia, e Egisto os irmãos cuja carne tenra fora oferecida num banquete ao seu próprio pai, pelo pai de Agamémnon. O ciclo da vingança, a teoria do sangue não termina aqui, naturalmente.



AS Coéforas é o título da segunda tragédia da trilogia esquiliana. «O Libertador perde a Razão», o subtítulo do espectáculo de Peter Stein. Continuamos no espaço cénico da primeira tragédia: será também entre o público que decorrerá a acção visível desta tragédia, se exceptuarmos as cenas que decorrem no proscénio, em frente do palácio. Coéforas era o nome dado pelos antigos gregos às mulheres que estavam encarregadas de levar as oferendas aos mortos. Agora portanto o Coro passa a ser feminino. Entre as seis intérpretes que o constituem conta-se uma das principais actrizes da Schaubuhne: Jutta Lampe.

Esta segunda parte do espectáculo, inicia-se às 18.10 precisas (a «Oresteia» começara quinze minutos depois das 2 da tarde). No local onde estivera colocada a mesa a que fiz referência está agora a pedra tumular de Agamémnon. Foi descida, juntamente com a estrutura que a sustenta, do alto, o que não deixou de ser uma manobra complicada.

Passaram alguns anos, Orestes regressa a Átrida na companhia de Pílades, seu primo e amigo de infância. Este veste uma capa com capuz e calça sapatos de ténis; Orestes uma gabardina clara e simples. Ambos têm espadas. Orestes tira a gabardina: veste calças negras e camisa branca; tem uma tira branca à volta da cabeça. Permanecem junto do túmulo. Ouvem-se gritos vindos do interior do palco que está fechado. Descalço, o jovem (Udo Samel) sobe ao túmulo, corta um cabelo que coloca sobre a pedra. Desce e calça-se de novo. O Coro das mulheres desce do palco, chorando. Trazem garrafas grandes. Batem a mão no peito, e gritam cada vez mais alto, gritos guturais, como os dos índios. Duas delas rasgam as blusas e ficam com os bustos nus. Trazem saias negras até ao tornozelos, meias e sapatos pretos, blusas claras, lenços na cabeça. Sentam-se em cadeiras, à volta do túmulo. Só Electra (Tina Engel) permanece silenciosa e em pé.

A própria Clitemnestra, atormentada pela lembrança dos seus crimes, enviara Electra e o Coro (constituído por troianas prisioneiras) oferecer libações a Agamémnon. O que elas executam ao mesmo tempo que se dirigem ao público: «Explodi em ruidosos soluços, em soluços de desgraça sobre o nosso senhor desgraçado, agora que as libações foram feitas, abominável profanação! sobre esta colina que protege os justos e repele os criminosos. E tu, senhor venerado, escuta-nos, escuta a súplica dos nossos corações enlutados. Oh! Oh! Que poderoso guerreiro virá libertar esta casa...»

Nesta cena, no entanto, pareceu-me este coro, sob o ponto de vista de execução vocal, menos certo, menos eficaz do que o coro masculino. Electra lança água de um prato sobre o túmulo e a seguir um líquido leitoso. Molha as mãos na água que caiu no chão. Depois descobre o cabelo que Orestes colocara no túmulo. (Ele e Pílades tinham-se escondido). A jovem compara o cabelo dela com o seu próprio: são da mesma cor. As Coéforas levantam-se, inquietas, quase com medo. Acariciam Electra, pesarosa. Ela descobre pegadas no túmulo sobre as quais coloca os seus próprios pés. Parece querer desmaiar: amparam-na. É então que Orestes e Pílades reaparecem. Electra está oculta, no meio do coro. Finalmente, reconhece o irmão que tem na cinta um pedaço de tecido que ela mesma tecera outrora.

Electra solta um grito e Orestes coloca-lhe a mão na boca, embora também ele grite. O Coro pede silêncio. As Coéforas tapam a cabeça e, cantando em surdina, dão voltas ao túmulo. Orestes e Electra, descalços, sobem ao túmulo. As mulheres choram. Orestes dá murros no peito, grita; o Coro dá pequenas corridas. Há um frémito, uma inquietude, uma tensão quase histérica nesta cena. Ajoelhada, Electra ampara a cabeça do irmão. O Coro agarra Orestes, enquanto, mais longe, Pílades observa a cena. As Coéforas reafirmam a lei da vingança: o que matou deve pagar. Electra e Orestes, ainda sobre o túmulo, ajoelham-se; Electra tem um punho fechado e semierguido. Ambos dão pancadas no túmulo. Orestes desce e Electra fica deitada. Até que desce e coloca, juntamente com Pílades, as mãos nas costas de Orestes; as mulheres do Coro espalmam as mãos sobre a «pedra» tumular, onde Orestes coloca a espada que Pídales lhe entregara. Volta a vestir a gabardina e a pôr o chapéu. Ouve-se um ruído de espada a roçar a pedra. Orestes esconde-a sob a gabardina e despede-se de Electra, saindo com Pílades. Electra sai pela porta do palácio. O Coro senta-se em frente do túmulo.

O sonho da serpente

Clitemnestra enviara Electra e as Coéforas levar oferendas ao túmulo de Agamémnon para apaziguar as perturbações provocadas por um sonho que tivera. Sonhara dar à luz uma serpente que ao sugar-lhe o leite, sorvia ao mesmo tempo um coágulo de sangue. Por isso, Orestes crê que a serpente é ele mesmo, vindo para vingar a morte do pai. Resolve por isso apresentar-se como sendo um estrangeiro em viagem.

O Coro estigmatiza uma vez mais o crime de Clitemnestra, «entre todos abominável, o da mulher que assassina o marido». Orestes bate na porta principal do palácio. Bate de novo. Electra espreita-o. Ele bate com mais força. Vê-se um porteiro que entreabre a porta. Orestes diz-lhe ao que vem. Abre-se, pela primeira vez, a porta mais pequena situada à direita do público. Surge Clitemnestra (Edith Clever). Veste um casaco castanho e uma saia cinzenta até aos pés. Tem uma pequena manta que aperta ao peito. Orestes, que ela não reconhece, diz-lhe que o filho (ele mesmo) morrera. Clitemnestra deixa tombar os braços e a cabeça. Chora quase em silêncio. Dirige-se à porta principal que abre e a que se agarra como se fosse cair. Grita, possessa, desfeita de dor (de fingimento). Senta-se depois nas escadas, como se fosse não a rainha mas uma pobre mulher chorando o filho morto. Depois levanta-se e regressa ao palácio pela porta mais pequena.

Orestes e Pílades entram pela porta principal. As Coéforas acocoram-se junto do palco. A porta pequena volta a abrir-se. Sai uma mulher idosa, vestindo velhas lãs. Deita-se no chão. Passa lentamente a mão pelo cimento do palco. O seu sofrimento é visível, quase perturbador pelo que tem de tensamente contido. É a Ama de Orestes. «... Oh! Infeliz! quantos insuportáveis sofrimentos que se acumularam nesta casa dos Átridas afligiram o meu coração! Mas ainda me estava reservada a maior das dores, já pacientemente esgotados os meus outros males. Mas, meu querido Orestes, cuidado constante da minha alma, a quem dei o meu leite ao deixar o seio maternal, quanta mágoa por ele inutilmente sofri! (...) E agora, pobre de mim, sei que ele morreu. Vou procurar o homem que destruiu esta casa; ele terá muito gosto em conhecer a novidade».

O trabalho da intérprete da Ama (Christine Oesterlein) constituiu um momento portentoso de teatro.

Trava-se um diálogo entre ela e as Coéforas que a convencem a dizer a Egisto que deve vir só, sem a sua guarda pessoal. A Ama, que parece ter envelhecido subitamente, caminha penosamente atrás do Coro, os seios caídos, como se ela própria estivesse a morrer. Coro caminha com as mão erguidas. A Ama sai, gemendo em surdina. As Coéforas passam as mão pela parede do palácio, gestos lentos, quase púdicos, belos. Apela aos deuses para que ajudem Orestes, para que este vingue o pai sem se deixar comover pelo facto de ser a mãe a vítima dessa vingança. Elas falam junto ao chão como se quisessem ser ouvidas no interior do palco.

A toria do sangue

Egisto surge e o Coro senta-se no palco, parecendo troçar dele. Tem um sobretudo aos ombros e aberto o colarinho da camisa branca. A acção passa a decorrer no interior do palco, invisível para o público. A sala está iluminada e o palco às escuras. As Coéforas tentam ouvir o que se passa. Vêm gritos do interior. Aquelas ficam como que histéricas. Abraçam a parede. Riem. A porta abre-se. O porteiro sai e dirige-se à porta mais pequena na qual bate. Solta uma gargalhada breve. Clitemnestra sai. Veste agora um casaco e saia comprida, cor de vinho. Cuidadosamente pintada. Orestes surge pela porta principal, espada na mão, coberta de sangue. Porteiro foge. Pílades empunha também uma espada mas limpa. Clitemnestra quer uma arma para lutar. Altiva, arranca parte da blusa e mostra ao filho um seio: Orestes coloca sobre ele a espada ensanguentada. Ficam nessa posição. Orestes hesita mas Pílades lembra-lhe o pai. Mãe e filho entram no palácio, sempre com Orestes apoiando a espada no peito de Clitemnestra. Há um grito do coro que tem aqui uma intervenção admirável de musicalidade, de coesão.

Volta a aparecer a estrada sobre rodas do final de «Agamémnon». Há, como nessa cena, três personagens. Agora, porém, Orestes substitui a mãe: de pé, a espada na mão, cheia de sangue, arrastando um longo pano lilás. A seus pés, igualmente ensanguentados, os corpos de Clitemnestra e de Egisto.

O Coro dos velhos reaparece vindo da porta de entrada do público e substitui o Coro das Coéforas. Cabeças baixas, os velhos agarram o pano à volta do estrado, enquanto Pílades observa, mais longe. Orestes coloca o pano como se fosse uma capa. Ouve-se o ruído do «sangue» a cair no chão. Os velhos gemem. Orestes treme, sofre, mima o acto de matar. Desce do estrado. Esbarra na parede como se estivesse cego. Viu ao longe mulheres vestidas de negro, com serpentes nos cabelos a que chama «as cadelas encolerizadas da minha mãe» (são as Erínias). Depois sai. Os componentes do Coro começam a lavar o chão.

Há, neste desfecho, uma cena que se repete e há nessa repetição como que a imagem simbólica da inutilidade da vingança. A presença, ainda passiva das Erínias, é a prova de que essa inutilidade não basta para eliminar a ideia da vingança, para acabar com este ciclo de sangue.

Esta segunda parte do espectáculo de Peter Stein não apresenta, como trabalho de encenação, nenhuma novidade nem qualquer surpresa, pois foi em «Agamémnon» que Stein inscreveu os registos de que entendeu servir-se nesta leitura da trilogia de Ésquilo: esses registos (como, por exemplo, a aparência contemporânea de personagens da tragédia que agem como personagens da Antiguidade) conservam no entanto a sua força, e intensidade, e apresentam os mesmos aspectos polémicos (o sangue, as cenas que conduzem ao assassínio, aqui mais evidentes e atingindo o limite do teatralmente suportável, em especial na cena em que Orestes apoia longamente a espada no peito nu de Clitemnestra).

Também aqui, é de salientar o formidável trabalho dos intérpretes, quer dos solistas quer dos elementos corais. Edithe Clever, Udo Samel, Tina Engel (jovem e bela Electra), Peter Fitz, Christine Oesterlein (evoco a única e espantosa cena da Ama, e ainda sinto calafrios). Voltarei a falar nisto, mas quero desde já chamar a atenção para o trabalho vocal de Edith Clever que, depois de soltar gritos descomunais, conserva uma voz límpida, sem qualquer problema de garganta nem de emissão. Um trabalho de técnica e de criação, sob esse aspecto, incomparável.

Carlos Porto

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA

15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Execução Sumária n.º 1593 — .ª Secção
Exequente: o Banco Pinto & Sotto Mayor
Executada: MARIA ODETE PAIS GOMES, anocute em parte incerta, com última morada conhecida na Av. da Liberdade, 146-6.º, ou 192-6.º

Por este Juízo, 3.ª Secção, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do presente anúncio, citando a executada para, no prazo de cinco dias, posterior ao dos éditos, pagar ao exequente a quantia de 161 638$40 e juros legais, deduzir oposição ou nomear bens à penhora suficientes para tal pagamento, sob pena de se devolver ao exequente o direito de tal nomeação.

Lisboa, 25 de Maio de 1981
O Juiz de Direito,
a) João Barroso de Moura

O Escrivão de Direito,
a) Martinho Deica

2.ª Publicação
«DL» 6-6-81

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA

11.º. JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º n.º 5 394 — 3.ª. Secção
Nos termos e para os efeitos legais se anuncia que, pela 3.ª. Secção deste Juízo Cível, correm éditos com a dilação máxima fixada, citando a ré Salomon-Importação e Exportação, Lda, que teve a sua sede na Rua Campo Pequeno, n.º. 21-1.º esqd.º. Lisboa, e actualmente anocute em parte incerta, para, no prazo de 20 dias, que se começarão a contar da data da 2.ª. e última publicação deste anúncio e depois de decorridos os dias da dilação fixada, contestar a acção ordinária que lhe move o autor Banco Pinto + Sotto Mayor, E.P., com sede na Rua Aurea, nº. 28-Lisboa, com a cominação de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo autor que pede que aquela ré seja condenada a pagar-lhe a quantia de 1 246 583$10, juros vencidos e vincendos, até integral pagamento e ainda nas custas

Lisboa, 18 de Maio de 1981
O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)

O Escrivão adjunto
(Assinatura ilegível)

2.ª Publicação
«DL» 6-6-81

Enquanto o tempo não passa

Continuação da pág. 1

no altar, foram quebrando o peso de chumbo daquele silêncio, abrindo um canal de comunicação entre nós.

— Você vive só? — perguntei.

— Vivo só. Há trinta e cinco anos.

Como que numa ânsia súbita de falar, mesmo com um desconhecido, foi dizendo:

— Sou da província. Nasci lá para o Norte, numa aldeia dos arredores de Santo Tirso. Minha mãe era uma santa. Meu pai tinha umas courelas e era um pequeno comerciante. Quando fiz a quarta classe, em que estive quase a apanhar uma raposa, tantas asneiras disse aos examinadores nas respostas que dava às perguntas que me faziam, mandou-me estudar para um liceu do Porto. Graças ao Espírito Santo de orelhas e ao muito que copiei, a bem dizer tudo, pelo companheiro do lado, consegui passar no exame de admissão, com dispensa da prova oral, e entrar para aquela casa da sabedoria. Por lá andei cinco anos. Nunca passei do segundo. E quando, ao cabo de tanto tempo a surrar o cu das calças pelos bancos das carteiras, me vi chumbado mais uma vez, peguei no dinheiro da mesada, que meu pai me mandava pontualmente, arrancando-a à boca e roubando-o ao corpo, comprei passagem de comboio, fugi de casa e vim por aí abaixo sem dizer nada fosse a quem fosse. Não conhecia, não cnheci, não conheço ainda hoje ninguém nesta cidade. Cheguei a dormir ao relento. Para não morrer de fome, conheci e conheço todos os trabalhos que um homem pode conhecer. Fui estivador na doca de Santos, na doca de Alcântara, no cais da Rocha. Durante anos. Fui moço de fretes. Fui engraxador. Varri e jantei o lixo das ruas. Fui cauteleiro. Andei na candonga, impingindo-as, a quem caía em mas comprar, as bugigangas de contrabando que outros me passavam para vender. À noite, juntávamo-nos numa baiúca ali para o Intendente e eu tinha que prestar contas aos cabecilhas do negócio. Nunca cheguei foi a ser carteirista nem a andar por aí metido nas quadrilhas que assaltam as casas dos ricos. Não por escrúpulos de consciência. Só por falta de jeito, que isto um homem nasce, mas nem sempre nasce para tudo. Também nunca cheguei a pedir esmola, e também não foi que mo impedissem os escrúpulos ou uns restos de vergonha. O que é, é que sempre ganhava para a buxa. Há uns dez anos, arranjei ocupação no escritório de uma firma comercial importante. Comecei por andar aos mandaretes. Entretanto, enquanto esperava que me mandassem a qualquer lado, pôr cartas no correio, ir com um recado a um dos estabelecimentos da firma ou a um cliente de mais consideração, entretinha-me a bater no teclado das máquinas de escrever desocupadas. Até que me puseram sentado a uma secretária. Copio minutas de cartas, de facturas. Trabalho chato. Mas haverá trabalho que não seja chato? E sempre ganho mais uns mil reis.

— Mas — adiantei — você convive. Em todos esses trabalhos, em todas essas andanças, andou na companhia de gente. Falou, fala com gente. E agora no escritório...

O homem calou-se. De novo, encostado à parede, de lado, o braço fincado no espaldar da cadeira, a face apoiada na mão esquerda, olhava. Veria a multidão sentada no café, as pessoas que entravam, que tomavam qualquer coisa mesmo de pé junto ao balcão, que saíam? Veria, para lá da porta que se abria para o passeio, o mundo que fervilhava lá fora? Os automóveis que circulavam na rua barulhando e vomitando fumo, os eléctricos que iam, chocalhando ferros, para os lados da Graça, para os lados dos Prazeres? Ou veria apenas o mundo que se contorcia dentro dele?

Acabou de fumar. Tirou de novo o maço de «Português Suave». Depô-lo sobre a mesa. Fez sinal ao empregado.

— Mais um café. Forte.

As mãos tremiam-le levemente.

O empregado trouxe o café, que o homem emborcou como emborcara o primeiro. E de novo se endireitou na cadeira, e de novo ficou de frente para mim. Animava-se.

— Pois... Falo com gente, falo com homens nesses trabalhos em que tenho andado. Apesar de tudo, a não ser uma vez, uma vez única, nunca encontrei ninguém com quem pudesse, com quem possa deixar de estar só. O que encontrei, o que encontro sempre, são árvores com forma de gente. Árvores que nunca nos oferecem o acolhimento da sombra consoladora das árvores dos jardins. Árvores nuas de folhas, árvores nuas de afecto, árvores secas, que não dão flores, que não dão frutos. Árvores duras que não sabem senão dar ordens: carrega esse fardo para o porão do navio; leva-me esta mala à rua tal, no número tal; engraxa-me os sapatos bem engraxados; despeja esse bidão do lixo na caixa do camião; aqui tens estas cautelas, toma cuidado não as percas, senão elas saem-te da bolsa; leva daí essas coisas para vender — se não puseres com dono pelo menos metade, passas para cá a massa toda e não ficas nem com um tostão; vai com essas cartas ao correio e, de passagem, dá este recado na loja de fulano; copia aí essas facturas, dactilografa aí essas cartas — Deus te livre se fazes alguma gralha... Ora diga-me você se isto são homens, se isto são seres humanos, se isto não são árvores ressequidas, árvores duras como pedras que não se cobrem nunca de flores na Primavera nem de frutos no Verão. Árvores — ou máquinas, ou peças de máquinas. E uma árvore assim, mesmo com forma de gente, nem chega a ser uma árvore. E uma máquina, uma peça de uma máquina, não pode ser senão uma máquina funcionando como uma máquina, uma peça de uma máquina funcionando como a peça de uma máquina. E as máquinas, e as peças das máquinas, são de ferro, são de aço. Serem homens, serem seres humanos — é que não podem ser. E falar com árvores que não dão flores, que não dão frutos, que nem chegam a ser árvores, e falar com uma máquina, com as peças de uma máquina de ferro e de aço como quem fala com homens, como quem fala com seres humanos — é que se não pode falar. E, sabe? Eu sou um ser humano. Eu tenho sede de calor humano. E só uma vez na

vida encontrei um ser humano, encontrei calor humano...

Perguntei-lhe, por entre o fumo do cachimbo:

— Porque se não casa?

O homem tirou um cigarro mais do maço de «Português Suave» que tinha sobre o tampo da mesa, ao lado da chícara vazia. Como o que fumara antes, entalou-o nos lábios finos, ao canto direito da boca. Com as mãos, que lhe tremiam mais, riscou um fósforo, levou a chama à ponta do cigarro e mais uma vez o fumo lhe começou a sair pelo nariz como pelo cano da chaminé de um navio.

— Casar-me?! Eu?! O que ganho mal me dá para comer e para pagar o aluguer do quarto... Quarto!... Um cubículo, debaixo de uma escada com o quarto de banho diante. Mas é em conta. E mesmo assim já me custa pagar. Isto, a vida está pela hora da morte. Posso lá pensar em casar-me! Agora, se me pudesse casar, era com ela, apenas com ela, que me casava.

Puxou umas fumaças mais fundas, o fumo saía-lhe mais grosso pelos buracos do nariz.

— Sabe? Todos os meses, no fim do mês, quando recebo o ordenado, vou aqui ao Bairro Alto. Mais que uma mulher para a cama, procuro um pouco de calor humano, mas... Putas... Desgraçadas, batidas, refalsadas... Duma vez é que... Isto é uma coisa em que não gosto de falar. Mas a você... Não sei porquê, deu-me para me abrir consigo. E você tem paciência de me escutar. Será que terei encontrado em si um ser humano? Pois vou-lhe contar. Uma noite, no fim do mês, lá fui ao Bairro Alto, à taberna do costume, na Travessa do Poço da Cidade. Senti-me contra um canto, à espera. Chegou-se a mim uma rapariga que nunca vira em parte nenhuma. Que queria tomar? Que me trouxesse um bagaço. E que trouxesse para si o que quisesse. Do outro lado da espelunca, uma guitarra a gemer nas mãos de um pernalta. À volta, um rebanho de marafonas, caras com pinturas obscenas, saias curtíssimas a deixarem em exposição o mostruário das pernas. O costume. E meia dúzia de caipiras, talvez os chulos, a sorrarem-se por elas. A rapariga voltou. Trazia o meu bagaço e para si anis. Sentou-se. Ao contrário das outras, não tinha a cara pintada nem trazia a saia por meia coxa. Não seria bonita. Mas era simpática. Morena. Cabelos castanhos levemente ondulados. Corpo delgado, mesmo frágil. Braços finos. Pernas bem feitas, bem torneadas. Levei o bagaço aos meus lábios. Ele levou o anis aos seus. Falámos. Melhor: falei. De quê? Não sei. Ela quase que apenas escutava. Com interesse? Sem interesse? Não importa. Estávamos no Inverno e estava muito frio. Convidei-a.

«Se nos fôssemos aquecer na cama...»

Ela levantou-se. Apertou mais contra o peito o casaquinho de malha que trazia vestido:

«O dinheiro para a despesa.»

Tirei da carteira uma nota de cem mil réis. Ela foi ao balcão e encaminhou-se para a porta. Segui-a. Metemo-nos à noite gelada da Travessa do Poço da Cidade. A noite carregada de mistérios e ameaças do Bairro Alto. Virámos a uma esquina e fomos parar a uma casa da Travessa do Guarda Mor. Subimos as escadas. Atravessámos um corredor. Ela disse qualquer coisa à patroa que nos apareceu na penumbra. Entrámos, depois de o ter pago, no quarto que a patroa nos indicou. Um quarto de paredes sujas, uma cómoda velha a um lado, uma cama de ferro ao meio, duas mesinhas de cabeceira, um bidé de lata com toalha e sabão a um canto, uma lâmpada mortiça no tecto. Uma casa sórdida, um quarto sórdido, como todas as casas, como todos os quartos do género. Despimo-nos. Ficámos nus defronte um do outro. Seu corpo jovem, ainda não deformado, de pele doirada como uma espiga de trigo novo e macia como uma peça de veludo bom, caro, tinha a perfeição das linhas de uma estátua grega. Olhávamo-nos a tiritar. Ela tirou a colcha. Ia deitar-se. Como uma escrava.

«Com este frio — disse eu —, se nos metêssemos debaixo dos cobertores...»

«Mas... a patroa...»

«Deixamos tudo como estava.»

E metemo-nos debaixo dos cobertores, nossos corpos estendidos lado a lado. Junto daquela rapariga, quase uma criança, sentia como que medo de lhe tocar e uma sede enorme de falar como um ser humano fala a um ser humano. E falei. Falei da minha infância, da minha vida na aldeia, vivida pelos caminhos que se abriam por entre casas aquecidas pelo amor, por entre sebes de arbustos e por entre pomares perfumados de flores e de frutos, uma colina, coberta de bosques, lá ao longe, uma capelinha muito alva no cimo. Falei dos bois que passeavam mansos, mugindo serenos, com seus boieiros tranquilos atrás, muitos rapazes, meus companheiros de folganças e meus companheiros de escola. Falei dos rebanhos que desciam dos pastos, na frente dos pastores, guardados pelos cães vigilantes com as coleiras armadas com puas de ferro aguçado. Falei de minha mãe, falei de meu pai. De minha mãe paciente, carinhosa, amorosa, de meu pai austero, rude, severo, a desunhar-se para fazer de mim alguém. Falei da minha passagem pelo liceu do Porto — cinco anos para nem o segundo tirar. Falei de meus irmãos... Que será feito de minha mãe? Que será feito de meu pai? Vivos? Mortos? Que será feito de meus irmãos? Depois que, cheio de vergonha, desertei e fugi para Lisboa, nunca mais lhes escrevi nem duas linhas, eles nunca mais souberam que seria feito de mim, eu nunca mais soube de ninguém, eu nunca mais soube de nada. Ela encostava ao meu o seu corpo, aconchegava no meu ombro a sua cabeça. E senti que chorava. Aquele calor do seu corpo, aquele calor das suas lágrimas, entravam dentro de mim, chegavam-me bem ao fundo da alma, davam-me a certeza da sua ternura, do seu interesse. Pois se nunca ninguém me ouvira assim... Pois se nunca ninguém me aquecera assim com o calor do seu corpo, pois se nunca ninguém deixara que o calor das suas lágrimas me corresse assim pelos ombros... E apesar da sua beleza, de toda a sua beleza — porque, se vestida era simpática, nua era mesmo bela, o meu desejo, não obstante a sua juventude, morrera inteiro dentro de mim. Ela dava-me a ternura, a compreensão, que nunca conhecera senão em minha mãe. E não seria ternura, e não seria compreensão o que eu sentia? Perguntei-lhe:

«E tu?»

Ela era alentejana. Falou da sua casa, muito branca no meio da planície queimada pelo fogo dos calores de Julho e de Agosto. Falou das bonecas de trapos com que brincava em pequenina. Falou dos pais, que eram camponeses e trabalhavam à jorna para os grandes senhores da terra, quando havia trabalho. Falou dos pais metidos em casa, a passar fome, a sofrerem por a verem passar fome, a ela, às irmãs, aos irmãos — os seus meninos —, quando não havia trabalho. Falou dos pais a saírem, pela calada da noite, para as reuniões clandestinas, para ouvirem os companheiros que vinham de longe falar aos companheiros do Alentejo. Falou dos pais que, altas horas, regressavam daquelas reuniões cheios de esperança, de uma esperança que era já certeza na vinda de um mundo novo de justiça, de paz, de amor, onde todos caberiam sem que houvesse mais lugar para os fortes, os ricos, os poderosos, esmagarem os fracos, os pobres, os humildes. Um mundo onde haveria pão para todas as fomes, água para todas as sedes, vestimenta para toda a nudez. E os pais não dormiam, e os pais passavam a noite a falar daquele mundo que havia de vir, daquele mundo que estava próximo, daquele mundo que já eles gozariam. Ela e os irmãos ouviam. O tempo, porém, ia passando. Dias, semanas, meses, anos. Os pobres continuavam mais pobres, os humildes continuavam mais humilhados. Os ricos continuavam a enriquecer cada vez mais. Deles era a terra. Deles era o dinheiro. Deles era a vida dos pobres. Davam-lhes trabalho quando queriam e como queriam lhes pagavam, se é que se pode chamar paga à jorna que um trabalhador do campo recebia. Ela cresceu. Começou a ir com os pais — com o pai, com a mãe, com os irmãos mais velhos — trabalhar nas sachas, nas mondas, nas ceifas dos trigos. A ajudar a família com o seu salário de miséria. A sofrer com os pais o choro dos irmãos mais novinhos, quando, sem trabalho, não havia pão para lhes calar o berreiro da fome de gadelha. E começou a acompanhar os pais e os irmãos com idade para tanto àqueles reuniões clandestinas. Às vezes, havia prisões. Mas as reuniões repetiam-se. Porém, o mundo novo não vinha. O que veio foi a senhora da cidade que precisava de uma criada. Ela quis ir. Os pais, de coração despedaçado, deixaram. Que vergonha para eles se suspeitassem onde viera cair! Estava já na cidade, em Lisboa, quando foi o 25 de Abril. Finalmente! Chegava o dia dos pobres! Sol de pouca dura... Os ricos têm o dinheiro... Contudo, a esperança agora era maior. E, por muito que **eles** o queiram, nem tudo voltará, jamais, ao que já foi. Entretanto, aquilo aconteceu... Na casa da senhora da cidade havia um menino mais ou menos da idade dela. Depois... O resto não é preciso contar. O que se segue é que estivemos ali deitados, debaixo daqueles cobertores, nus, não sei quanto tempo. Eu... Dizem que um homem nunca chora. Eu, naquela noite, chorei. Ela era tão jovem, tão bela e tinha uma história tão triste (afinal, igual a tantas outras) que contava com tanta pureza, com tanta inocência. Viemo-nos embora sem termos feito outra coisa, senão falar e chorar. Apenas ela me deu dois beijos nas faces e eu lhe dei um beijo na testa. Mas sempre lhe digo: se me pudesse casar, era com ela, só com ela, que me casava. Foi o único ser humano que encontrei, depois que ando por esta Lisboa.

O homem chupava na beata há muito sem lume no canto da boca. Deitou-a no cinzeiro. E, como que acordando de um sonho prolongado:

— Que vi eu em você para me pôr para aqui a despejar o saco desta maneira? Será que você é também um ser humano? — E, olhando o relógio: — Diabo! Vou chegar atrasado ao escritório! E as árvores ressequidas, que não dão flores, que não dão frutos e as máquinas e as peças das máquinas de ferro e de aço, não perdoam. Tenho que me ir. E, levantando-se: — Até à vista!

Vi-o atravessar o café, sair à porta, entrar na floresta da cidade.

Dias de Melo